

Histórias DA MINHA ALDEIA

ANTÓNIO ALMEIDA SERRANO



0.1 / D

Histórias DA MINHA ALDEIA

ANTÓNIO ALMEIDA SERRANO

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
Histórias da Minha Aldeia

AUTOR
António Almeida Serrano

COORDENAÇÃO
André Oliveirinha

PROJETO GRÁFICO
Vitor Gil

REVISÃO DE TEXTO
Cristina Cerdeira; Micaela Pelicano

ISBN
978-989-53786-6-1

DEPÓSITO LEGAL
537503/24

IMPRESSÃO
Gráfica Maiadouro

TIRAGEM
600 exemplares

EDIÇÃO
0.Index
Setembro 2024

0.1 \ D

PREFÁCIO

A INTEMPORAL ALMA DE UMA ALDEIA BEIRÃ

Reconheça-se o decisivo contributo de historiadores e investigadores da francesa Escola dos Annales para a consideração de que a História da Humanidade está onde se encontra o Homem, um qualquer Homem, uma qualquer Mulher, um qualquer Ser Humano.

Essa História da grande família humana, muito para além de exclusivamente ser elaborada com base em científicas pesquisas e investigações e estudos documentais, pode e deve também ser construída e assente nas memórias, nas vivências, nas grandes e pequenas circunstâncias que povoam a vida quotidiana de um qualquer Ser Humano, onde quer que ele se encontre. Renove-se a gratidão para com os referidos Historiadores franceses quando, a todo o Mundo, chamaram a atenção para a importância do estudo da família, da alimentação, das festividades rurais, dos vestuários, dos trabalhos os mais incipientes e banais, ainda que muito decisivos e fundamentais para uma Comunidade, mesmo que pequena e rural mas plena de empenhados Homens e Mulheres, ricos e pobres, letrados e perspicazes analfabetos...

E se tais circunstâncias se estabeleceram como o cimentar de toda uma Comunidade Humana, mais se devem considerar como relevantes quando elas persistem em alimentar espíritos e almas que, com essas raízes, se apresentam como intemporais e vigorosas na determinação do carácter dos seus detentores.

O Autor, nas suas próprias palavras nascido “numa aldeia de pobres entre pobres” (pág. 17), é um perfeito exemplo da riqueza humilde da Comunidade que o viu nascer: não oculta as privações e dificuldades, quer de trabalhos, quer de posses, mas a sua arreigada e fortalecida alma levam-no a mostrar que, com muito orgulho e alegria, se sentia um prisioneiro “de uma comunidade que assumia a vigilância e a correção/educação de tudo e de todos... e o respeitinho era muito bonito” (pág. 17). Ainda que os limites da pequena Aldeia de João Pires e seus habitantes pudessem transmitir uma sensação de “pequena prisão”, ela

era muito rica e diversa nas circunstâncias, quer juvenis, quer adultas, da vida que, diariamente, ali se ia desenvolvendo. E António Serrano alimentou a sua alma, ao longo de toda a sua infância e juventude, mesmo ainda após atingir a maioridade, com a multiplicidade de vivências que a vida da sua Aldeia lhe proporcionava. Desde o início da sua existência, porque, mesmo apresentando a humilde e esforçada família na qual nasceu, não deixa de reconhecer que foi muito rico no Amor de seus pais: “Piruetas com piruetas, beijos com beijos, voltas e mais voltas, tudo aquele jovem Pai suportava, deliciado e compensado de um dia que, desta maneira, assim, deixaria de ser para esquecer. (...) Não havia rádio nem TV. Em Família, conversava-se. Mesmo com as crianças” (pág. 20).

Do mesmo modo, e estendendo tais memórias a muitas outras Mães dos seus amigos de brincadeiras e de escola, exprime nestas suas “Histórias da Minha Aldeia” uma profunda e sincera sensibilidade e devoção para com o esforço, o empenho, a dedicação e o AMOR de sua Mãe, bem como das Mães de muitas outras crianças amigas da sua Aldeia de João Pires.

Estes duradouros sentimentos familiares, numa perspectiva de alargamento “a toda a família” da sua Aldeia, autorizam-no a estabelecer, porventura sempre actuais, relações entre os valores de outrora, desses seus tempos de infância e juventude, e os de agora, tal como se pode constatar em todos os seus textos sobre os “Medos da Aldeia”, bem como no (infelizmente, ainda muito actual!) texto sobre “A Saúde na Aldeia”. Senão veja-se: “Enfim, uma vida de trabalhos, sofrimentos, sem direitos nem pensões, sem abonos de família nem médicos, sem centros de saúde nem participações nos remédios poucos que se compravam...” (pág. 37).

A alma do Autor, bem criada e enlaçada na terra e nas gentes que o viram nascer, foi alimentada com fortes sentimentos de sensibilidade, muito solidária e compreensiva, que, decerto, terão marcado muito a sua memória, o seu espírito, mesmo a sua vida: “Naquele tempo, como hoje. Uns de barriga cheia, a gastar dinheiro para emagrecerem, combaterem o colesterol e a diabetes e outros a estender a mão à Caridade na procura do que por Justiça lhes é devido” (pág. 111). Este é um livro que expõe uma alma nobre: decerto dorida e sofrida como o foi a Alma do seu guia espiritual, Jesus Cristo. Mas nem por isso deixa de alimentar com alegria e esperança, com fé e optimismo, com saudade, inteligência e algum humor saudável.

Por todos os seus textos, perpassam excelentes conhecimentos, memórias e atenções ao que foram “aqueles tempos” dos meados do século passado. Mesmo que não muito extensas, as suas memórias e reflexões aqui registadas denotam um excelente conhecimento da Sociedade local, das circunstâncias doridas e dolorosas da vida quotidiana, das vivências escolares em educação primária (com nostalgia e desencanto, também da nossa parte, atente-se na bela fotografia que o Autor inclui na pág. 76! Para além de mostrar uma profunda atenção a tudo

o que fazia aquele tempo, e que o Tempo, como grande escultor, cimentou na sua pessoal memória, sobre a vida social da sua Aldeia de João Pires. António Serrano, e decerto por via dos esforços laborais de seus pais e familiares, revela um perfeito conhecimento da vida campestre, em especial da pastorícia e dos hábitos animais, das vindimas, das ceifas e malhas, dos ribeiros e fontes, dos terrenos agrícolas e seus donos. Também ele, enquanto criança e jovem, viveu os labores campestres, recordando pequenas mas marcantes situações.

Do mesmo modo, estes diversos registos também se assumem como um bom trabalho de cariz etnográfico, ao registar os diversos “Medos da Aldeia”, e mesmo no registo e utilização dos fonemas de expressão popular (ainda hoje o Povo expressa “alacrários” e não “lacraus” ou, muito menos, “escorpiões”!), bem como testemunhos da autêntica e verdadeira cultura popular de uma, então, dinâmica e multifacetada aldeia do beirão Concelho de Penamacor. Note-se que ainda hoje se conserva e movimenta a conhecida centenária Banda de Aldeia de João Pires, que foi “fundada ainda antes da implantação da República, com o mérito da população, bem dinamizada pelo então Pároco, padre José Maria Lopes Nogueira...” (pág. 77).

Esta inter-relação sociocultural fica bem estabelecida pelo Autor através do perspicaz registo, no que a pequenas Comunidades beirãs diz respeito, das respeitadas relações sempre mantidas entre o Povo e a sua Religião, dos seus trabalhos campestres e as festas e dias santos de guarda: Quaresma (que inclui uma pequena mas bela estória de humor, reveladora da simplicidade do humilde Povo desta Aldeia de João Pires (veja-se a pág. 72)! e Ladaínhas dos Homens e das Mulheres. Vejam-se os belos textos sobre as caminhadas para as Romarias de Nossa Senhora da Póvoa e de Nossa Senhora do Incenso; assim como se atente nos belos textos sobre “Baile na Aldeia”, bem como “O Baile das Sortes” e ainda “A Coroínha”, com este último a ser gostoso reconhecimento da alegria e dos bons petiscos culinários que, mesmo com misérias e dificuldades, o Povo sempre elaborava ou as tabernas vendiam: “Viva o Tocador. Viva este! Viva aquele! Viva a malta das “sortes”. Viva a Casa Grande” (pág. 53). Não esquece mesmo os diversos tocadores de concertina que pelas aldeias muito eram procurados – “Épocas havia em que os bailes eram quase semanais. (...) Nós tínhamos a Banda; aldeias em roda tinham o seu tocador. E até dois e três” (pág. 84), bem como os comediantes e cantadores ambulantes.

Não deixa o Autor de manifestar saudades dos convívios, mesmo que humildes e empobrecidos, que se estabeleciam entre todos os aldeões, das relações de amizade e solidariedade que se criavam por via dos trabalhos campestres das muitas “casas pobres” – que não nas “Casas Ricas”, já que estas podiam pagar o “jornal”!

As gerações beirãs nascidas pelos humildes e esforçados tempos que o Autor aqui descreve em relação à sua Aldeia de João Pires, não podem deixar de ler estes belos textos



memorialísticos sem revelar um sorriso saudoso no rosto; com recordações de sofrimentos, mas também de imensas alegrias e amizades, de dores, aventuras, brincadeiras e saudades...

Ainda com relevante importância etnográfica e patrimonial, preste-se a devida atenção às muitas e belíssimas fotografias que o Autor inclui a acompanhar estes seus textos; são, elas próprias, fiéis testemunhos das nossas Gentes, dos nossos Costumes e Tradições, da nossa Cultura arreigadamente beirã!

Com sensibilidade, humildade e inteligência, António Serrano cria neste seu belíssimo livro uma excelente obra de reflexão e análise, que pode mesmo, e deve, servir para hoje realizarmos uma revisitação do que deste Povo e destes Territórios foi feito, ou quem de direito e de dever, deles permitiu que se fizesse, não se sabe bem se em prol de tempos, sociedades e gentes melhores ou não! Também com humanas, e algo juvenis, saudades dos anos em que o Professor António Almeida Serrano marcou a infância do singelo – mas deveras agradecido!! – prefaciador deste livro enquanto seu Professor da, então, Escola Primária em Penamacor, seja permitido que se finalize com uma citação do que o Autor inclui na pág. 85 e com a qual, decerto também nostalgicamente, concordamos. Assim: “Sem conseguir ser exaustivo, não é o objectivo, fica para os leitores que tiveram fôlego para me acompanhar, a imagem do que se viveu entre nós num tempo em que a Aldeia palpitava de vida, ruído, música, tradições, trabalhos muitos e penosos. E onde muito se sonhava com melhores dias, melhores vidas. E termino sem ter a certeza de que tal nos aconteceu. Da Aldeia fizemos aquilo que ela é, hoje. Um “deserto”... uma grande saudade!”

Com respeito e admiração, com muita gratidão, este seu antigo aluno só pode agora agradecer-lhe estas belas Memórias e pronunciar-lhe, sinceramente, um muito nosso: MUITO, MUITO BEM-HAJA!

Dr. Francisco Abreu

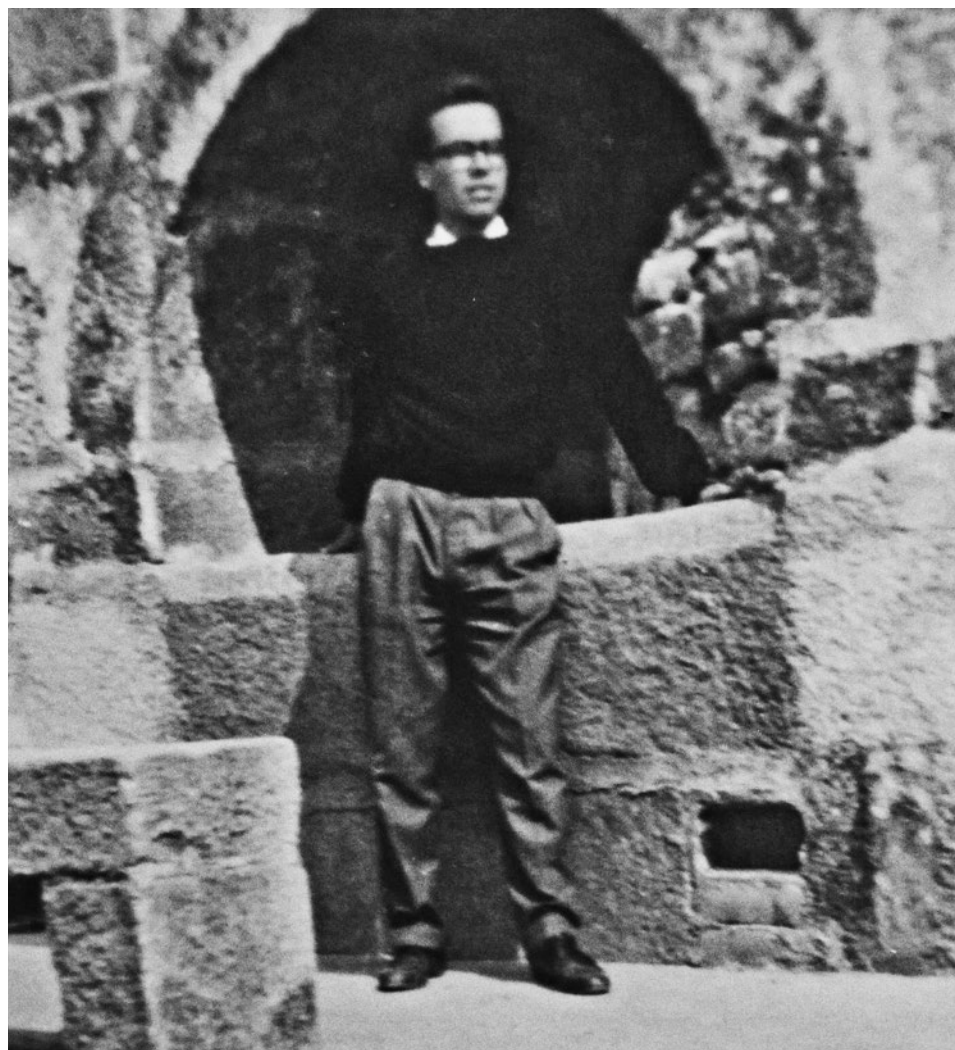
ÍNDICE

17	ERA UMA VEZ...
20	O MEU PAI
22	A BOLEIA
24	A CAMINHO DA SENHORA DA PÓVOA
32	A CAMINHO DA SENHORA DA PÓVOA – A PROMESSA DA TI'JOAQUINA
35	A SAÚDE NA ALDEIA
38	A SAÚDE NA ALDEIA – A EPIDEMIA DA FEBRE TIFOIDE
42	BAILE NA ALDEIA
47	BAILE NA ALDEIA – O BAILE DAS SORTES
52	BAILE NA ALDEIA – “A CORÓINHA”
56	CENAS DA VIDA MILITAR
60	CENAS DA VIDA MILITAR – TAVIRA
63	DOMINGO DE PÁSCOA... HÁ MAIS DE 60 ANOS!
66	HISTÓRIA COM ROSTOS! MELHOR... QUE OUVI DE MINHA AVÓ! IN ILLO TEMPORE...
69	HISTÓRIAS DE ALDEIA
73	INSTRUÇÃO, CULTURA E INFORMAÇÃO NA ALDEIA
74	A IGREJA
76	A ESCOLA
77	A UNIÃO
80	A CASA DE TRABALHO
81	OS COMEDIANTES
82	OS CANTADORES AMBULANTES
82	A IMPRENSA
84	OS TOCADORES DE CONCERTINA



- 86** LADAINHAS DOS HOMENS
- 89** LADAINHAS DAS MULHERES
- 93** NO TEMPO DOS LAGARES COM VARAS
- 95** MEDOS DA ALDEIA – A GIESTA
- 97** MEDOS DA ALDEIA – AS BRUXAS
- 99** MEDOS DA ALDEIA – A TROVOADA
- 102** MEDOS DA ALDEIA – OS “ALACRÁRIOS”
- 106** MEDOS DA ALDEIA – OS “ABOBRINHOS”
- 109** MEDOS DA ALDEIA – A FOME E OS SEUS ALIADOS
- 112** MEDOS DA ALDEIA – A GUERRA DO ULTRAMAR
- 119** A MERENDA
- 129** NA EIRA – A TAPADA DA EIRA
- 133** NA EIRA – A SEARA
- 142** NA EIRA – A MALHA
- 146** O PENÁLTI!
- 148** SERRAR A VELHA
- 151** A CAMINHO DA SENHORA DO INCENSO
- 158** AS VINDIMAS, HÁ MUITOS ANOS...





ERA UMA VEZ...

Nasci numa aldeia de pobres entre pobres.

No entanto, fui muito rico no Amor dos meus Pais, tudo fazendo para que o essencial não me faltasse.

Pão, educação, instrução.

Uma infância aos tropeções, ajudando e sendo ajudado a crescer com a realidade dos nossos camponeses.

Ao mesmo tempo um menino livre, brincando e correndo descuidadamente pelos campos e ruas, no jogo de “polícias e ladrões”, das “escondidas”, da “piorreca”, do “eixo”, do “descanso”, da “bola de trapos”, da “barra”, das “nações”, do “arrebenta”, do “farrapo queimado”... na certeza, quase absoluta, de que ninguém nos fazia mal e, ao mesmo tempo, com a sensação de estar prisioneiro de uma comunidade que assumia a vigilância e a correção/educação de tudo e de todos, de modo que, se tivesse um “deslize”, mesmo antes de chegar a casa já o “telégrafo” se encarregara de acionar o “eu tenho um dedo que adivinha...” da minha Mãe, que nada deixava ocultar.

E o respeitinho era muito bonito.

Vem esta introdução a propósito do meu primeiro dia de escola, 7 de outubro de 1950.

O Outono chegara, havia pouco, com o vinho a espumar nas pipas, o odor das nossas maçãs a espalhar-se pelas casas, nos campos as lavras para as sementeiras, as terras a deitar aquele cheiro de encanto provocado pelas primeiras chuvas.

As vinhas, já sem uvas, eram então assaltadas pelos rebanhos que, no meio da pobreza quase geral, também para os animais, iam comer as folhas amarelecidas das videiras, enquanto não “rebentavam” da terra as sementes que iriam dar lugar ao verde das novas pastagens.

A manhã daquele dia marcou-me como um ferrete de que não mais conseguiria nem quereria libertar-me.

Ainda não eram nove horas e já toda aquela miudagem – os mais novos com as mães – se dirigia para o edifício da escola nova, inaugurado dois anos atrás.

Constava-se a presença de um novo professor.

O(s) anterior(es) não havia(m) deixado saudades, ouvia dizer.

Malhavam mais que ensinavam.

Provavelmente avós de futuros ministros...

Naquela timidez de garoto de aldeia, ia encolhido e agarrado à saia da minha Mãe.

Talvez para impor respeito aquela garotada toda, quase 50 alunos, alguns já com o bigode a despontar, o Professor, ainda jovem, tentava meter alguma ordem com cara de poucos amigos, enquanto fazia as matrículas.

Trabalhos simultâneos impossíveis de realizar, hoje!

Lá chegou a minha vez de ser arrumado num canto para o fundo daquela enorme sala, onde tudo me era estranho e me senti prisioneiro e infeliz, apesar de ter uma enorme vantagem: a minha Mãe ensinara-me a ler, no Verão anterior.

Também fora dela a “pedra” de escrever que... iria acompanhar-me até sair na 4ª. classe... Estava sentado, apertado contra mais dois companheiros, naquelas “carteiras” ainda novas, mas já tão “antigas”...

Eu, que corra pelos campos, trepara às árvores, saltara ribeiros, acompanhara as ovelhas e as cabras, cavalgara nos burros e viajara nos carros puxados pelas vacas mansas



e pachorrentas, estava agora ali sem saber porquê nem para quê, olhando o teto daquela sala tão estranha... deitando contas à vida.

E que vida! Sete anos e alguns meses!!!

De repente, o assobio subiu, subiu... subiu por aquelas paredes, saiu pelas janelas e fez-me acreditar que já chegara a Primavera e os melros aí estavam para me acordar.

No sussurrar daquela sala fez-se um silêncio de “morte” e uma voz que parecia o ribombar de um trovão numa tempestade de maio ouviu-se como para um despertar de pesadelo:

– Quem foi??? – Quem foi???!!! Quem é que assobiou???

Primeiro, estupefactos, quase a medo, 50 pares de olhos vão-se virando para um garoto perdido e aterrorizado num mundo que lhe estava a desabar em cima.

Depois, cheios de coragem, aos olhos esbugalhados juntam-se dezenas de dedos apontando.

– Foi ele!!! Foi ele!!!

– Anda cá, malandro!!!

Levantei-me, a custo. Devagar, muito devagar, apavorado e a tremer, fui percorrendo aquele extenso corredor, interminável, que ia dar à secretária do Professor.

Da gaveta saíra, cruel e medonha, uma grande régua de pinho, a estrear...

Quando me aproximei, duas lágrimas rebeldes iam caindo dos meus olhos, em desespero. Não, não a escola não era para mim. “Ó mãe, onde está? Tire-me daqui!!! Ajude-me!!!”

Foi um milagre??? Nossa Senhora da Graça!!! A régua, envergonhada, recolhera à gaveta.

O Professor sorriu e disse-me:

– Como te chamas?

– Sou Tó... – balbuciei, soluçando, convulsivamente.

– Pronto, não chores. Mas olha que aqui não se assobia... Vai-te sentar... disse-me, adocendo a voz no que lhe foi possível.

Respirei fundo. Regressei devagar, limpando os cantos dos olhos à manga da blusa.

Assim, o meu primeiro professor, “o meu Professor” ganhara um Amigo.

E eu também já tinha um novo Amigo. Foi um momento único e estava decidido: havia de ser Professor.

Obrigado, Professor António Antunes Teodósio. Que esteja no Céu. Na Terra, sabe que nunca o esquecerei.

O MEU PAI

Era já noite cerrada, quando aquele jovem camponês entrava na casa iluminada pela luz da lareira e a de um candeeiro de petróleo. Lavava a cara bonita e viril, as mãos fortes e calosas, os braços robustos e sentava-se no “seu” canto, à lareira. Trabalhara o dia inteiro, desde antes de o sol nascer até depois de se ter escondido, atrás da serra. As vacas, suas amigas e companheiras, haviam sido tratadas e recolhidas, porque o dia seguinte voltaria a ser como o de hoje, o de ontem, sempre a trabalhar aquela terra dura e falsa, que nunca seria a sua. A sua jovem esposa adormecera já o bebé e ia entretendo aquele menino, a caminho dos 4 anos, para que a ceia fosse saboreada pelos três, para que o contacto do Pai com o filho fosse o momento forte de um dia que acabava.

O Homem sentava-se no seu banco (tripeça) de cortiça, estendia as mãos para o lume que crepitava no lar, contavam-se as “novidades” de um dia sempre igual a tantos outros, os sorrisos e as palavras tão ansiadas surgiam, invariavelmente:

– Venha cá o meu “Troquenitas!” – era a frase chave de um envolvimento breve, mas profundo entre duas pessoas que se amavam, verdadeiramente.

A Criança, como que impelida por mola invisível, saltava do seu assento e ia colocar-se entre os joelhos, já prontos para esta missão, daquele que todo o dia se afadigara para que o essencial não faltasse naquela casa. Num esforço hercúleo, de mãos dadas com aquela jovem Mulher, que fora preparando a refeição que partilhariam, dentro de instantes.

O Garoto apoiava os seus cotovelos nas pernas musculadas do Pai e por ali se ficava ora sentando-se na esquerda, ora na direita, depois balançando-se, acariciando aquela barba dura e negra, beijando aquele rosto rude e queimado pelo frio, pelo calor, pelo vento de muitos jornadas, ao ar livre, naquela Aldeia da Beira Interior. Piruetas com piruetas, beijos com beijos, voltas e mais voltas tudo aquele jovem Pai suportava, deliciado e compensado de um dia que, desta maneira, assim, deixaria de “ser para esquecer”.

– Então, “Troquenitas”, portaste-te bem? Brincaste com o mano?

Não havia rádio nem TV. Em Família, conversava-se. Mesmo com as crianças. Era um despejar de perguntas, com respostas espontâneas ou sugeridas, um mostrar de habilidades, um partilhar de carinhos que a Mãe, interrompia:

– Bom, são horas de cear. Deixa o Pai em paz... Já é noite e depois temos de ir para a cama. O Pai tem de se levantar cedo para deitar de comer às vacas. E amanhã é para trabalhar.

Nunca naquela casa se comia sem agradecer a Deus e pedir a Sua Bênção. Ao comer. Ao deitar. Ao levantar. Às Avé-Marias... Pelos que estavam, pelos que faltavam, pelos que precisassem...



Feita a sentida oração, era, pois, tempo de dar forças ao corpo. Ela lavava a loiça, abrindo um espaço pequeno para mais umas brincadeiras. “Vamos deitar que já é tarde, o relógio já bateu as 9” - decidia a Mãe

O Homem acendia então a lanterna de azeite “para ir ao palheiro ver se as vacas estavam bem deitadas”... “não fosse acontecer algum azar com aquelas cordas”...

Quando regressava já a Criança dormia. As Crianças. Duas. Até mais de dez anos depois.

No dia seguinte, as cenas repetir-se-iam. Por poucos anos. O outro, o Amigo e o Rival, preparava-se já, a gatinhar, para ocupar o lugar. Para deleite do Pai. A meninice é sempre fugitiva.

Muitos. Muitas mais são as saudades de uma infância feliz. Até nas dificuldades. Ali tinha a certeza de que “o dinheiro não dá a Felicidade”... Muito pelo querer deste Homem. O meu único herói.

Obrigado, Pai.

A BOLEIA

Penamacor. Final dos anos 60. As aulas terminavam pelas 16 horas e as tardes eram mais que longas. Estava decidido. A seguir à “escola” iria à Aldeia visitar os meus Pais. No Fiat 850. Um “luxo”. O caminho era curto e até dava para me descontraír o resto do dia. Assim, fui nas calmas. Primavera já bastante adiantada, em pleno mês de maio.

Naquele tempo, todo o bocadinho de terra arável havia sido cultivado ou servia para que pudessem crescer as pastagens de que os muitos rebanhos então existentes se alimentavam. E viam-se ovelhas e cabras por aquelas quebradas, com o dlão-dlão, dlim-dlim dos seus chocalhos e campainhas, pastor atento, encostado ao cajado, o cão fiel a seu lado. Era ainda tempo de muito trabalho e pouco proveito. Aqui e além, as mondadeiras labutavam em volta dos milhos e os centeios preparavam-se para mudar do verde deslumbrante, que “fugira” a bom “fugir” por encostas e vales, no mês de abril que se fora, para o tom “cor de palha” que os havia de levar às ceifas.

As hortas precisavam de ser regadas, umas com água puxada dos poços, a pulso, no caldeiro pendurado no varal da velha “burra”, outras com a água tirada nos alcatruzes, fazendo-se ouvir o “tlem-tlem” com que o bater do “travão” da nora embalava a mansa burra que, de olhos tapados, ia percorrendo o seu caminho tão curto, mas sem fim. Parei, por instantes, na ponte da ribeira das Taliscas. Um local bem aprazível, com o verde dos salgueiros, das faias, dos plátanos, dos freixos e dos choupos. Ouvia-se, a pouca distância, o “barulho” de um motor que de lá puxava ainda a água para matar a sede do batatal que, ali mesmo, na



fértil margem, tanto prometia. Embalado nestas vistas tão nostálgicas de um tempo em que eu era homem, depressa cheguei a Aldeia do Bispo, com a “Farmácia Milongo”, do simpático e saudoso Dr. Ildefonso, ali mesmo, na Lameira, à beira da estrada.

Por um destes acasos que só acontecem uma vez na vida, vejo de lá sair o Ti António “Baratinho”, um dos meus conterrâneos mais castiços e divertidos, a morar mesmo lá pertinho dos meus Pais. Era um tempo em que não se tinha medo de dar boleia nem de a apanhar. Em “a talhe de foíce” devo dizer que fiz uns milhares de kms nos carros de outros e, ainda hoje, se for sozinho, não sou capaz de deixar alguém a pé, na berma da estrada. Tendo a consciência do que tal atitude representa... Mas voltemos ao fio da história. Mal o avistei, parei e perguntei-lhe:

— Ó Ti António, então o que faz por aqui? Vou à nossa Aldeia... Quer boleia?

— Ó Professor, nem sabe quanto lhe agradeço. A minha Lurdes está doente e vim aqui buscar uns comprimidos...

— Vá, entre, que chegamos num instante!

Retomada a marcha, aí vamos nós, numa de boa disposição. Sendo uma pessoa de pouca instrução, sem saber ler nem escrever, era de uma educação e simpatia a toda a prova. Usava a L.P. com muita graça e devo confessar que ainda dei umas boas gargalhadas, pois ele sabia histórias de conterrâneos nossos, verdadeiras ou inventadas e lidava com as palavras como poucos, para as recontar as vezes que fossem precisas. Com habilidade.

Talvez só igualada pela de um seu irmão, o José que, tempos depois, me fez rir um dia inteiro, quando fomos companheiros de vindima... Cá estou eu “a variar”... Ficando na mesma rua para onde eu me dirigia, apeou-se junto da sua casa e os remédios devem ter dado o efeito para que foram comprados. O tempo passa num instante e, dias depois, voltando a visitar os meus Pais, quem é que encontro, ali, “à mão de semear”, no Largo do Rato? O Ti António “Baratinho”... Simpatia com simpatia se paga. Parei.

— Olá, Ti António, boa tarde! Então a sua Lurdes já está boa?

Uma gargalhada, como só ele era capaz de dar, ecoou, naquele Largo. Depois, quase sem se poder conter, exclamou:

— Ó Professor... a minha Lurdes... já está boa. Mas a sua boleia... é que me dá vontade de rir!!!

Francamente, eu não percebia onde ele queria chegar. E ria, ria... Depois, com alguma dificuldade, consegui entender o que ele ia dizendo:

— Então... não quer saber??? Com a vontade de andar de carrinho... esqueci-me que tinha levado a burra e deixei-a lá ficar???!!!

Tive de sair. O insólito da situação obrigava a tal. E rimos os dois... até nos cansarmos. Para espanto de alguns “Cucos” que iam passando, sem perceberem o porquê daquele “desaforo”...

A CAMINHO DA SENHORA DA PÓVOA

— Caramiinda, só faltam 7 seamaanas...
— Sete semanas para quê, Maria?!
— Para ir...irmoos à S'nhora da Pova a pé e m...me m...me ajuda...ares a cumpri...i... ir a po...prome...essa a Nonossa Senho...ora da Póva...a...a... — gaguejou.
— Ná! Desta vez não me enrolas. Já fui contigo e, mesmo a chegar ao fim, estragaste tudo. Isto é de mais e já não tenho idade para brincadeiras...
— Ooh!!! Caraminda po...or fa...avor não me deixes i...ir p'ro Infe...erno...o... — insistia a outra.

— Não, não desta vez não contes comigo.
Passou-se numa Semana Santa de há muitos anos atrás, por ali na segunda metade da década de 60.

Maria era uma figura típica da nossa Aldeia. De gente modesta, não tivera vida fácil, como todos os nossos aldeãos, que trabalhavam de sol a sol, sob ao calor do Verão ardente e ao frio e à chuva das cruéis invernadas para alimentarem a preguiça dos donos das “casas grandes”. Não primava pelo aprumo, analfabeta, mas viva e ladina divertia e divertia-se com os remoques dos outros. Tinha muitas histórias, umas verdadeiras, outras inventadas, que faziam com que uma “malta” cruel a “assanhasse” cada vez que passava, estrada acima, estrada abaixo, aos domingos, ali pelo Largo do Rato...

Se a inevitável provocação saía, era um despejar de asneiras em cima do atrevido, que chegavam e sobravam para ele e para todos os familiares, próximos ou distantes, até à quinta geração. E esta encenação podia acontecer, várias vezes, no seu percurso, até ao fim da povoação, na estrada para Medelim. Desembaraçada na língua e nas mãos arranjava trabalho a contento, mesmo que nem a Reforma do Ensino da contestada ministra Maria de Lurdes conseguiria por a ler ou a escrever. Nem a fazer contas no papel que, de cabeça, governava-se antes com maior que com menor dificuldade.

“Sempre que nasce um sapo, também nasce uma sapal!” Quantas vezes ouvi esta frase neste povoado onde nasci e percorri em dias felizes que não voltam. Pois foi assim que, sem muito espanto, a Maria também se casou e teve filhos, todos pessoas de bem, com uma vida bem mais aliviada que a dos pais que, anos a fio, foram sendo pastores de algum dos muitos rebanhos que, ao tempo, enchiam caminhos e pastos com o tilintar bucólico de chocalhos e campainhas, a vaidade dos donos daqueles animais que davam vida e algum ganho às nossas pobres gentes da Beira Baixa.



“Sempre que nasce um sapo, também nasce uma sapal!” Quantas vezes ouvi esta frase lá pelo povoado onde nasci e percorri em dias felizes que não voltam. Pois foi assim que, sem muito espanto, a Maria também se casou e teve filhos, todos pessoas de bem, com uma vida bem mais aliviada que a dos pais que, anos a fio, foram sendo pastores de algum dos muitos rebanhos que, ao tempo, enchiam caminhos e pastos com o tilintar bucólico de chocalhos e campainhas, a vaidade dos donos daqueles animais que davam vida e algum ganho às nossas pobres gentes beiroas. Dormir na choça, parir filhos sem parteira nem maternidade, trabalhar muito e receber pouco foi o destino da nossa Maria, muitas vezes motivo de galhofa de muitos que se achavam engraçadinhos.

Carmina era prima da Maria. Talvez daí a amizade que as unia e uma certa cumplicidade com as suas “parvoíces”. Ficara órfã, ainda na adolescência, fora criada com 3 irmãos por uma jovem Mãe que nunca mais deixou o seu fato de viúva, e só se lembrava de sempre ter trabalhado. Ah! Aquele malfadado “rolho” “areando” a terra e separando volfrâmio para prolongar, cruel e inutilmente, uma guerra que devastava a Europa, enriquecendo uns, com extravagâncias inconcebíveis, e explorando os mais fracos, de maneira escandalosa e muito sofrimento!!!

Mesmo assim, ainda fez a 3ª. classe, um “bacharelato” no início dos anos 30 – a “licenciatura” era “dada” pela quarta classe, numa das salas da Escola de Penamacor, onde a nossa Carmina nunca chegou a pôr os pés, não por falta de capacidade, mas sem oportunidade. Por força das circunstâncias, aos 20 anos casou. Não foi o enlace que sonhara, mas o possível, já que detestava a vida do campo e saíra-lhe na rifa um “ganhão”. O destino de ambos estava traçado...

— Filha, uma casinha nova é o sonho de qualquer rapariga. É trabalhador, não tem vícios, uma junta de vacas... blá... blá...

Ah! A força de uma Mãe quando o candidato sabe namorar em dois dos campos. Entregue ao seu triste destino de tratar dos “torrões” dos outros, aqueles arrendamentos e aqueles ricos exploradores e sem coração, nem por isso deixou de se fazer notar pela sua inteligência

e sagacidade, argumento na ponta da língua de “mais vale perder um amigo do que guardar uma boa resposta”. Militante convicta do Catolicismo, nem sempre esclarecido, mas sem culpa própria, poucas iniciativas passavam por esta Aldeia sem que estivesse presente.

A sua devoção mariana tornara-a uma grande fã, como hoje se diz, das peregrinações a pé, a pão e água... e das nossas romarias. Ah! Que ricas merendas ela sabia preparar!!! Ora a nossa história começa uns quatro ou cinco anos antes da conversa que inicia este texto. Numa das suas muitas aflições, a Maria, uma língua de trapos, socorrera-se de Nossa Senhora da Póvoa:

– Virgem Santíssima, Senhora da Póvoa, valei-me nesta aflição e eu prometo que irei à vossa romaria, a pé, desde esta Aldeia, sem dizer uma só palavra em todo o caminho...

Para quem a conhecesse, ou a aflição era grande ou a inconsciência do prometido quase irresponsável. Mas estava prometido, estava prometido. Pronto! O pedido para tão grande desespero teve a resposta pretendida e “promessa de rei (rainha) não volta atrás”. Estávamos no tempo em que se vendiam prédios para sempre com uma “única palavra” ou, então, depois de bebido o “albroque” estava negócio fechado para sempre. Ah! Escrituras e simplex podiam ser dispensáveis, eram mesmo ignorados!

Ora pois. Havia a promessa para cumprir. Sem lugar para hesitações nem desculpas. Promessa era promessa. Deixemos os juízos de valor aos iluminados de hoje!!! A Maria dava voltas e mais voltas e não tem dúvidas.

– A minha prima Carminda vai dar uma ajuda...

Conversa daqui conversa dali, convida-se esta e aquela e tudo se arranjou. Até porque a Carminda estava a ter os filhos lá pelas Áfricas, atuando numa guerra sem sentido nem motivo. Acreditava, profundamente, que tendo a Mãe de Jesus por aliada as coisas poderiam correr da melhor maneira, como era o seu desejo mais profundo, abraçá-los vivos e escorreitos, no regresso. Oh! Mães de Portugal quanto sofrimento injusto e injustificado!!!

Foi assim que, lá pelas 3 da manhã de uma 2ª. Feira do Espírito Santo, aí vão elas, quase só elas – já nesse tempo era mais fácil levar os homens à taberna... – não sem que antes a cartilha tivesse sido bem lida:

– Maria, já sabes que não podes abrir a boca e nós não estamos aqui para brincadeiras!!!

– Está...á be...em... Sei be...em qual é o meu traba...a...a...alho...

Dada a partida, passa-se a Aldeia do Bispo – uma pêra doce – Penamacor – ui que já me dói um tornozelo – a Meimoa – ai os meus joelhos que nem os sinto – caminhando, rezando, cantando, falando. E a Maria “moita carrasco”. Um poço de silêncio. Parecia, sim parecia, que a vitória era certa!!!

Ai! Aquele caminho depois da Meimoa que não mais chegava ao fim. Upa que já falta pouco. E lá vão, passo a passo, quilómetro a quilómetro.

– Ui! Estes quilómetros são mais compridos que aquele dois até Aldeia do Bispo – exclama uma delas.

A Senhora da Póvoa já aparece lá ao fundo bem iluminada pelo sol nascente de uma manhã suave de maio.

– Força que estamos perto!...

De repente, numa curva da estrada, vislumbra-se algo que todos julgam ser a capela de Nossa Senhora da Póvoa e ouve-se com entusiasmo um grito de alegria:

– Mi...inha Senhóira da Pova, que já vos vejo!!!

O espanto deixa os peregrinos gelados. Faltavam uns poucos quilómetros e aquela desbocada não conseguira conter-se. Nem a caminhada, nem a Fé, nem a Esperança, nem a Caridade foram tidas em conta numa explosão de revolta e ira:

– Minha grande maluca, todo este sacrifício e estragaste tudo!!! Estava quase, quase e essa língua destravada só fala de mais...

A viagem vai até ao fim. Nessa já tão distante segunda feira a devoção a Nossa Senhora da Póvoa foi vivida por cada um dos caminheiros segundo o seu entendimento.

Mas a promessa... Ah! A promessa fica para um novo episódio...

Enquanto recordava as peripécias de anos atrás, depois da conversa com a prima, Carminda tinha a certeza de que não ia ligar mais ao assunto. Estava encerrado mesmo. Deus mandava-lhe ser boa, mas burra é que não. Duas tentativas, sempre com o mesmo resultado, eram de mais. A prima não batia bem da bola e Nossa Senhora da Póvoa ia dar-lhe “um desconto”. Sim! Afinal também era Mãe dela e as mães dão sempre “um desconto”...

– Ora esta! Tanto que eu tenho de fazer! Vem aí a Festa, o ensaio das alvíssaras e dos cânticos da Missa, os bolos, a limpeza da casa, a visita do senhor padre – ai, se as coisas não estivessem num brinquinho, na sua modesta casa, seria uma vergonha.

Pobre sim, mas asseada – ia pensando com seus botões. Mas o pensamento não tem travões. Ah! E a festa a Senhora do Incenso logo ali a seguir, ia ser para deslumbrar com os seus dotes de cozinheira. O belo galo tinha os dias contados, os chouriços estavam uma delícia. Os pasteis de bacalhau... Queijo do melhor. As azeitonas estavam de “comer e chorar por mais”... Não bebia, mas a pinga não havia de faltar. E da boa. A toalha a estender na relva ia ser surpresa. Das poucas economias tirara algum para deslumbrar o pessoal. Até salada haviam de ter, de umas alfacitas escapadas ao frio do Inverno que passara. Uma trabalhadeira, como se já não bastasse ter casado com um ganhão “a mais desgraçada das profissões” – desabafava.

Mas agora que o filho mais velho regressara de África, são e salvo, ganhara novas forças. Ele bem lhe ia contando que outros seus amigos não haviam tido tanta sorte... Porque baixaria a voz, quando falava nestes assuntos? Uma netinha, com dois anos, nascida na



“tropa” – esta gente nova não tem juízo nenhum, sempre cheia de pressas – alegrava-lhe as tardes dos domingos. E um netinho de meses...

Não, desta vez já não foi um jipe militar que levou a mãe à maternidade. Assim mesmo! A merenda não seria p’ra valer menos que nos outros anos. Ter alegria... alegria é que ia ser difícil. Viera um, fora o outro, que “estava passando um inferno lá na Guiné”. Tanto, tanto rezava que até adormecia de cansaço, com o terço nas mãos, depois de um dia de trabalho sempre a doer. “Estes malandros dos ricos ficam com tudo e só não nos tiram o sangue, porque depois já não têm quem trabalhe para eles”. Mas aquele filho lá na Guiné, quando já pensava que se safava... Um sofrer tão forte que nem de noite nem de dia se acalmava. Doía... doía... doía. A sua cabeça, sempre alerta, parecia agora o fervedouro do caldeiro pendurado nas cadeias onde aquecia a vianda do porco...E o coração estalava... estalava... Seria da idade?

Mas ainda pouco passava dos quarenta e já tanta opressão. Bom, isto há-de passar. Um já cá está... o outro. “Olha, Mãe do Céu, também to entrego”. Ia pensando, pensando, mas nada estorvava o seu constante mourejar...

Os dias, as horas dessa semana da “estrafega” passaram, num instante. O pessoal com a Banda a percorrer as ruas da Aldeia, à meia-noite de Sábado Santo, todo o povo a cantar as alvíssaras em alegres aleluias, o sino quase a partir de tanto tocar – “aquela garotada tá toda maluca, ainda racham os sinos!” – a Missa, as escadas enfeitadas com rosmarinho, o Senhor ressuscitado em casa de cada um “Ó Senhor Prior vá lá nem que seja um borrachão-zinho!” “Obrigado, ti Carminda, mas não pode ser...” e mal houve tempo de dizer ai e já os joelhos se dobravam “Senhora do Incenso. Senhora do Incenso, Virgem Mãe... o meu filho... o meu filho!!!” Ai o Amor de mãe, o Amor da Mãe!!!

Vinha no regresso, saboreando os elogios da merenda que preparara e de que mal provara, sempre atenta às necessidades de cada um, que não as dela, quando bate na testa e exclama:

– Ora esta!!! O meu Tó já cá está e temos de ir à Senhora da Póvoa, a pé. Olha se me esquecia...

E, naquele entardecer, fosse pelo cansaço, fosse pelo problema já poucas palavras lhe ouviram.

– Ó Carminda, estás tão calada!... Sentes-te doente?...

– Ai, homem, não vês que estou cansada? As mulheres somos umas desgraçadas... Logo tu que só sabes pegar na rabiça do arado... E outros nem isso...

Sempre resmungona, sempre a refilar, mas seria sempre a paixão da sua vida. Mulher a valer, nem em casa nem no campo nenhuma “lhe deitava água nas mãos...” Ia por uma das ruas de Aldeia, onde naquele tempo ainda a vida fervilhava, quando topa a prima.



- Ó Maria, lembrás-te da conversa que tiveste comigo na Semana Santa?
- Entã...ão não há...via de lem...lem...brar?. C'a res...pos...ta que tu me...me deste?!
- Olha. Prometi a Nossa Senhora da Póvoa que iria lá, a pé, quando o meu Tó viesse da África. Vou falar com ele e depois te digo alguma coisa?
- Então pos...so te...er s'pe... ran...ça?
- Olha, nem sim nem não... Espera pela resposta.
- O tempo passa depressa e, logo na primeira ocasião, lá vai.
- Ó Filho, tenho uma coisa p'ra te dizer. Quando andavas por lá, prometi ir contigo à Senhora da Póvoa, se voltasses em condições de ir... Que me dizes?
- Ó Mãe. Na nossa Família as promessas são para cumprir. Quer ir já este ano?
- É melhor. P'ró ano não sabemos se lá chegamos...
- Então como é que isso funciona?
- Olha, aquela pateta da tua prima Maria já lá foi a desinquietar-me. Eu disse-lhe logo que não, pois já chega a parvalheira das duas últimas vezes. Mas de companhia faz-se melhor o caminho. E vou ver se arranjo um grupinho...
- Ó Mãe, mas eu moro em Penamacor... A que horas é que me quer cá?
- Bom, temos de sair às 3 da manhã para assistirmos a tudo. Até porque nunca se sai à hora certa, tu estás levantado às cinco e meia e pronto a marchar. Batemos-te à porta e “ala que se faz tarde”.
- Ó Mãe, mas a promessa que fez por mim fica coxa...
- Deixa lá que Nossa Senhora vai ter em conta as caminhadas que eu já fiz...

Confortavelmente instalado na posição que lhe era “oferecida” o filho não “foi capaz” de arranjar argumentos. As Mães são mesmo assim: se pudessem, andariam sempre com os filhos ao colo. Eram cinco e meia da manhã, quando um rijo bater à porta, na Rua Padre Mestre, mesmo por cima da antiga 1ª. Companhia Disciplinar, me acordou.

- Quem é???!!! – perguntei, estremunhado.
- Sou eu!!! Então ainda estás na cama???
- Ó Mãe, desculpe, mas deixei-me dormir...
- Quero-te cá em baixo, num instante. Não, não quero subir que acordamos os gaiatos e perdemos tempo. Despacha-te...

Se despachei??? Ora, vocês não tiveram a sorte de conhecer a minha Mãe... Eram cinco mulheres e um rapaz. Sim, rapaz, eu tinha 27 anos...

Penamacor fica para trás, num instante. Curva e contracurva pela estrada da época, passada a antiga estalagem aí está o acesso para a carreira de tiro, o sol despontara numa radiosa manhã de Primavera, num alvorecer inesquecível, mas que, temíamos, pudesse dar para o calor.

Reza-se, canta-se, conversa-se, pensa-se. Já a Meimosa acorda, quando atravessámos o povoado. Eu, com menos dez quilómetros rodados, sempre a puxar.

– Filho, vai mais devagar. Julgas que temos a tua idade? Além disso, vamos chegar a horas...

Sobe, sobe, curva e mais curva e aproxima-se o cimo, depois a descida, a caminho do “lugar da crise”. Duas das peregrinas, bem lembradas, não querem repetir a “proeza”. A minha Mãe, bate no ombro da prima e pôs o dedo no nariz: “Sscchhiiuu” A outra percebe todo o drama da situação e faz “que sim” com a cabeça. Todos se calam e só se ouvem os sapatos a bater na berma da estrada trás... trás ... trás... catrapás... A tensão aumenta entre as duas. É agora ou nunca. Mais uns passos, mais uns minutos, lá se avista a capela e... pronto...

Já passou!

A descontração começa a instalar-se. Cinco dos caminhantes preparam-se para retomar a conversa, quando, Deus do Céu, não podia ser:

– Ó se.e.nhor pró.prio.f'sor, foi me.e.esmo a.ali a.atrás que eu... das ou.ou.tras ve.e.zes “per...er. di a pro.pro.me.essa”...

Primeiro, um silêncio opressivo. Depois um riso a medo, seguem-se cinco gargantas escancaradas a rir, a rir em gargalhadas que ressoaram, quase de certeza, por montes e vales, até aos declives da Serra de Opa, seguramente até aos ouvidos de Nossa Senhora da Póvoa. Que deve ter rido também connosco.

Só a Maria, atarantada, perguntava, gaguejando:

– Ó Cra,car.min.da, no stá.ás zan.gaa.da com.comi.mi.go????!!

A CAMINHO DA SENHORA DA PÓVOA A PROMESSA DA TI'JOAQUINA

A Ti' Joaquina Rosa tinha já muitos, muitos anos, quando eu, muito criança, brincava, ali, na calçada do Largo do Pereiro, “à sombra” da minha avó Emília, enquanto os meus pais lidavam nos afazeres do campo.

Era uma figura castiça, com fama e proveito de uma inteligência fora do normal, “danada para o negócio”, quase impossível de se deixar enganar. “Ladina como uma raposa” – dizia-se.

Era conhecida na Aldeia e por toda a redondeza, andando de terra em terra, com o burro carregado de loiças de barro, raramente o poupando ao peso do seu corpo bem avantajado.

Eram numerosas as histórias que se contavam da sua sagacidade, algumas ainda passadas de boca em boca até aos que agora são contemporâneos dos seus bisnetos.

A maior parte das lendas conhecidas diz respeito à sua enorme apetência pela boa comida. E nisto tenho de lhe gabar o bom gosto!

Ora, no primeiro fim de semana deste mês, de muitas emoções e memórias, abraços para aqui e conversas para ali, veio à baila o meu passeio até à Senhora da Póvoa.

Logo uma querida amiga de infância se havia de recordar de uma das muitas “aventuras” da Ti' Joaquina Rosa.

No meio de gargalhadas e boa disposição as coisas ter-se-iam passado mais ou menos assim:

Ainda o século passado era menino e nenhum de nós tinha nascido, já a festa de Nossa Senhora da Póvoa dava brado por toda a Beira Baixa e até mais longe.

Na parte Sul do nosso Concelho, era mesmo um dos poucos e fortes pontos de referência com o Norte, a par da “Terra Fria”, onde se iam fazer as ceifas e buscar sementes para renovar as culturas e tentar conseguir melhores colheitas.

Mas vamos à Ti' Joaquina Rosa, antes que ela nos escape.

Chegara a Primavera, as aleluias pascais já tinham ficado para trás e o mês de abril cedera, no movimento perpétuo da Terra, lugar ao mês de maio.

– Ó Emília, tenho vontade de ir à Senhora da Póvoa. Mas a merenda está-me a fazer confusão, pois lá em casa as farturas não são nenhuma...

– Ó Joaquina, tu nunca paras em casa, andas sempre no teu negócio. Que vais tu “cheirar” à Senhora da Póvoa??? Também cá temos a Senhora da Graça...

– Ó Emília, tenho mesmo de ir. Fiz uma promessa a Nossa Senhora...

– Estás sempre com as tuas... Que promessa foi desta vez?

– Olha, prometi a Nossa Senhora estar lá no seu dia e comer da melhor merenda que se encontre no arraial...

– Tu estás boa do tino? Com a filharada que tens e com negócio que pouco dá, não te vejo maneira de comeres da “melhor merenda da festa”.

– Ando cá com ideias. À festa vou. A merenda também se há-de arranjar!

O tempo passou rápido, conversas de festa mais não houve.

Para espanto da minha avó materna, na segunda feira do Espírito Santo daquele tão longínquo ano, não viu a Ti' Joaquina Rosa.

Não ligou importância ao facto, dado que era normal ela sair, com o seu burro, alta madrugada, para efetuar o pequeno negócio a que se dedicava, tantas vezes trocando pratos, tigelas, jarros... por feijão, milho, centeio ou o que houvesse, pois, dinheiro é que não abundava.

Já a semana ia alta, quando se reencontraram.

– Ó Joaquina, nem te tenho visto. Por onde andaste?

– Não te falei que tinha uma promessa à Senhora da Póvoa? Fui na segunda feira...

– Ora, ora. De burro lá foste?! Mas não tinhas falado em “comer a melhor merenda”... Não me cheirou a nada...

– Olha, Emília, essa foi a parte mais fácil...

– Fácil?! Como podes dizer uma coisas dessas, mulher? Não troces da miséria...

– Então, ouve-me com atenção. Levantei-me muito cedo, aparelhei o burro, a lua deu um jeitinho e aí vou eu.

Chegada a hora da Missa, lá estava eu no meio daquela gente toda...

– Mas a merenda, a merenda?!

– Espera aí, que a merenda já aparece. Assisti à Missa, fui na procissão e não me esquecia de ir rezando, “minha Senhora da Póvoa ajudai-me a cumprir a promessa”. Já viste como é.

Acabada a parte religiosa, foi um estender de mantas e toalhas por cima daquela erva toda.

Aproximei-me de cada família, cumprimentava “Boa tarde!!!!” “É servida?” diziam-me, simpáticos, “Por enquanto, não, obrigada; tenho uma promessa a Nossa Senhora de comer da melhor merenda; pode ser que cá volte; até já!” Ó Emília, tu não vais acreditar, mas TODOS me disseram que ficavam à espera, com um sorriso.

– E depois? E depois? – questionou a minha avó, mais que conhecedora das artimanhas da vizinha, mas ansiosa.

– Tem calma, que vais saber o resto. Dei volta ao arraial, fiz a minha apresentação, à medida que ia passando, e ia deitando o olho.



Quando já tinha visto o suficiente, voltei àquela que me agradou mais e apresentei-me “Há pouco convidaram-me para comer da vossa merenda, eu disse que tinha promessa de comer da melhor que cá estivesse; a vossa é, sem dúvida, a melhor merenda deste arraial, aceito o vosso convite”.

— Ó Rosa, é preciso descaramento. Que grande lata!!! — exclamou.

— Ó Emília!!! Havias de ver a cara de satisfação com que me receberam!!!

Fui mais que mimada. Afinal, graças a mim, ficaram a saber que tinham a melhor merenda de todo o arraial de Nossa Senhora da Póvoa.

Olha que ainda me podiam ter dado algum para o caminho...

— Francamente, Joaquina, francamente! Que descaramento!!! — murmurava, quase incrédula, a minha avó...

A SAÚDE NA ALDEIA

— Ó Maria, então o burro?!

Num Verão quente, aquele dia 14 de agosto abrasava. O grupo há muito que planeava o passeio. Sem os Pais darem conta, pois, nesse tempo, os 18 anos não serviam de carta de alforria para que cada um fizesse o que lhe desse na gana... Bicicletas próprias ou tomadas de empréstimo, depois de jantar pelo meio-dia, Sol a pique, aí vão eles a caminho da vizinha freguesia de Salvador. A estrada macadamizada era uma desgraça, mais terra com buracos do que pedras, quase sempre soltas.

Logo a seguir à aldeia de Aranhas, sempre a subir, suor a escorrer em bica pelas testas e faces avermelhadas, a boca seca, seca e as forças a faltarem, encostaram numa sombra e disse um deles:

— Não consigo mais! Preciso de água... água bem fresca!

— Mas onde?

— A serra é farta e há sempre uma fonte...

Realmente, a água fresca e cristalina a jorrar estava mesmo ali, à beira do “caminho” e foi beber... beber... dessedentaram-se, refrescaram-se...

Umás muitas pedaladas até lá acima a esgotaram-se as forças. Depois foi só a descer. Estavam no Salvador. Faltava o regresso...

Naquele tempo e em férias, a juventude abundava por estas aldeias da Beira Interior e havia sempre conhecidos, familiares e amigos. Um pouco de conversa, bebidos uns pirolitos e umas laranjadas e o regresso teve de fazer-se. Mais penoso, as forças a sempre e cada vez menos...

Já o Sol abrandara o seu calor e a tarde caminhava para o fim, quando ele, cambaleante, entrou em casa. Apesar da alta temperatura, o frio subia-lhe pela espinha e tremia. Que frio!

— De onde é que vens? Que maluqueira foi esta? Que te aconteceu? Ai filho, filho, quando é que tomas juízo?!

Não era fácil a vida dos nossos camponeses. Trabalhar sempre. Mesmo com poucas forças. Só nos domingos e dias santos algum alívio...

As doenças não eram raras e o tratamento quase sempre de curandeira e de tradição. Chás das mais variadas espécies das nossas ervas, cada qual para um dado efeito, água de malvas, “unto sem sal”, rezas e benzeduras, defumadouros, “aguardente queimada” com açúcar, “escalda pés”, “suadouros”, vinho quente, ventosas, sangrias... Nascia-se e morria-se, por vezes, sem ter conhecido o médico.

Logo no nascimento, o delicado trabalho era acompanhado pela “parteira” da terra – a Ti Matilde – uma “curiosa” que “recebia” grande parte da garotada aqui na Aldeia. A parturiente

ficava em pé, a criança era recolhida numa toalha e “Deus punha a mão”. Depois a avó, a ti Matilde e a jovem mãe haviam de conseguir... Tudo feito sem qualquer preparação científica, sem uma análise, sem um exame, sem uma ida ao médico, antes acreditando no saber a passar de geração em geração e pondo-o em prática. E em Deus e em Nossa Senhora da Graça. Se fosse preciso chamar o médico... a coisa podia estar feia e quase sempre acabava mal.

Assim começava a vida de mais um bebé na nossa Aldeia. Se a mãe tivesse leite, o futuro dele seria menos complicado, nos próximos dois anos. Sim, mamava-se até com dentes - era uma grande sorte, o mais fácil e estava sempre ali à mão.

Complicado, complicado era mesmo a falta da mama. A procura do leite de vaca, de cabra, de ovelha e até de burra, no Verão, era muito, muito difícil e arranjar o precioso líquido uma dor de cabeça. Tinha de ser procurado por toda a povoação, pois a maior parte dos animais, em gestação, estava “seca”. Funcionava então a solidariedade e o alimento do bebé havia de aparecer. Tal leite era “forte” e tinha de se “desdobrar” com água fervida. As condições de higiene eram mais que precárias. O leite em pó só aparece na década de 50, assim como os primeiros biberons e tetinas.

Tudo muito simples, quase artesanal. Não havia esterilizadores, não havia saneamento básico, nem água canalizada. As condições higiénicas e de salubridade das nossas povoações eram muito precárias e a criação de animais dentro e em redor das aldeias e até vilas só piorava a situação. Fontes e poços de mergulho, com a água a escassear, no tempo quente. Um autêntico tormento. Febres intestinais e diarreias.

Maleitas provocadas pela picada dos mosquitos. Espécie de paludismo... “Anda aí uma ‘malina...’” – dizia-se, em tom de alarme. Não é, pois, de admirar que, no cemitério, houvesse um talhão para “os anjinhos”. Logo à entrada.

No entanto, muitas Crianças iam “escapando” e crescendo num verdadeiro milagre que só as leis da Natureza poderiam, talvez, explicar. Acompanhavam os pais nos trabalhos dos campos, bebiam água das fontes e dos regatos, dormiam à sombra das árvores mais frondosas e, muito cedo, começavam a comer dos parques alimentos dos seus progenitores. Desde muito pequeninos ajudavam nas tarefas domésticas e rurais, dando assim valor ao esforço familiar e construindo laços indestrutíveis que só a solidariedade pode originar. Era comum ouvir-se “de pequenino se torce o pepino” ou “o trabalho do menino é pouco... quem o perde é louco”!

E de exploração do trabalho infantil nunca alguém se queixou...

Em tais circunstâncias, a maior parte da garotada entrava na Escola – sempre 7 anos completos – sem nunca ter sido vista por um médico, a não ser que corresse perigo grave. Eram frequentes os casos de raquitismo e subnutrição e um harmonioso desenvolvimento físico e mental daqueles seres em formação era bem complicado. À medida que a Criança

crescia aí vinham as chamadas doenças infantis e poucos escapavam ao sarampo, varicela, rubéola, papeira ou trasorelho (“zarelo” como era chamado por aqui...), a tosse convulsa, dores de ouvidos e de dentes, quase sempre suportadas com enorme estoicismo e sofrimento, até “à cura”...

Na época adequada, as gripes e as constipações eram generalizadas – as formas de combate e cura eram desconhecidas e o contágio praticamente inevitável. Na melhor das hipóteses, um comprimido de aspirina aliviava a situação dolorosa... Nem a paralisia infantil deixou de passar por aqui e deixar vítimas.

Os doentes mentais não tinham possibilidade de qualquer apoio e, frequentemente, eram alvos das brincadeiras e da chacota dos que se julgavam mais “espertos”...

Numa altura em que os inseticidas não eram conhecidos e muito menos estavam divulgados, arranjavam-se expedientes caseiros para a luta contra a bicharada que atacava animais e pessoas, nomeadamente os piolhos, as carraças e as pulgas. Por esta época aparece o DDT, um veneno poderoso e muito tóxico, soube-se depois, mas que se tornou um “precioso” auxiliar para tornar mais justa uma luta desigual e quase sempre perdida pelo homem contra tais inimigos.

Também se torna presente a vacina contra a varíola e vem até à Aldeia a carrinha volante do IANT para despiste da tuberculose e seu combate com as “microrradiografias”, a “prova da tuberculina” e a vacina BCG... A saúde oral era o bem “desnecessário” e só para arrancar os primeiros dentes definitivos já em mau estado, se acorria ao barbeiro, o Ti Guerra, ou a um “mecânico dentista”, militar do nosso Exército, que muitas vezes faziam a extração a “ferro frio” por não haver anestesia ou dinheiro para ela. Uma crueldade necessária, mas incompreensível nos dias de hoje.

Era apenas aqui o único meio de aliviar, de vez, uma dor de dentes atroz... Dá-se início a alguns tratamentos de dentes, os “chumbados”. Enfim, uma vida de trabalhos, sofrimentos, sem direitos nem pensões, sem abonos de família nem médicos, participações nos remédios poucos que se compravam, época em que a sobrevivência dos mais velhos era assegurada pela generosidade e gratidão dos filhos. E até de uma vizinhança solidária que sabia que havia de chegar a ocasião de também vir a precisar e que a ajuda mais rápida haveria de estar ali ao lado, no vizinho.

Quase todos teriam histórias de dores de cabeça, de dentes, amigdalites, constipações, gripes a serem “curadas” com “aguardente queimada”, vinho quente com açúcar ou mel, ou com “pingo” de toucinho, suadouros, ventosas... e até “bichas” (sanguessugas) deitadas para tirar o “sangue mau”... E também se morria... Mesmo na morte o pobre continuava sempre pobre, pois os cadáveres podiam ser deitados na sepultura embrulhados num lençol ou metidos num caixão de “quatro tábuas” pregadas. O famoso “remédio” das “quatro tábuas” que tudo “curava”...

A SAÚDE NA ALDEIA

A EPIDEMIA DA FEBRE TIFOIDE

— Maria, então o burro? Já deste de comer ao burro!!!

Foi assim que, no dealbar da segunda metade do século XX, a população, a beber água de fontes e poços contaminados, se encontrou vítima de uma epidemia de febre tifoide, que só não causou uma calamidade porque os antibióticos estavam a chegar ao nosso Concelho e ao seu Hospital de Santo António.

— Ai, filho, esta febre não é normal. Trinta e nove graus!!! Mas que fizeste tu...

— Tanto frio, Mãe. Ponha-me mais um cobertor...

A noite foi longa e mal passada. A custo se pôs de pé. A Mãe “esqueceu” o trabalho e a camioneta da manhã levou-os até à Vila.

Ouvida a história da “excursão” do dia anterior, o médico tentou não dramatizar a situação. “Aquele calor, aquela água fria, esta rapaziada não ganha juízo, pode ser uma pneumonia...”

— Tenho o hospital cheio e não te posso internar, mas isso vai passar; és novo e p’rá semana já andas a correr e saltar. Lá vão quatro injeções de 300.000 UI de Penicilina...

— Penicilina?! O que é isso?! As injeções doem? Quem é que vai dar? — Lá na Aldeia, a Menina Maria Adelaide parece que sabe alguma coisa... — adianta a Mãe.

— Quanto é Sr. Doutor?

— São “só” vinte escudos.

Receita aviada:

— São “só” trinta escudos...

Regresso de táxi:

— São “só” vinte e cinco escudos...

A Menina Maria Adelaide Simões era um anjo na nossa Aldeia. Catequista e “enfermeira”. Gratuitamente, tratava de tudo e de todos: cabeças partidas, cortes de faca ou de podoa, pensos, unhas encravadas, calos dolorosos... lá ia o pessoal em procura de cuidado. Com o aparecimento das primeiras injeções também ela quis “aprender a dar” e lá tinha a sua caixa de seringas e agulhas que, fervidas, serviam para toda a gente. Embora, nesta área, a “clientela” não fosse muita. Injeção, traseiro à mostra, “antes morrer”...

E tanto fazia o seu trabalho em casa de sua mãe, onde vivia, como nas humildes moradas dos doentes, se a deslocação destes se tornava muito difícil.

Quatro dias e quatro doses de Penicilina depois a situação não deu sinais de melhorar... A febre atenuava, mas voltava. Sempre alta...



Era forçosa nova ida ao médico. Que, ao ver o doente, fez “cara feia” e torceu o nariz. No entanto, nova receita, novo acreditar no que “estava errado” e, com idas ao médico e vindas do médico, se esgotam quase duas sofridas semanas.

— Não há volta a dar... tenho de te internar. Ficas deitado numa maca e depois logo se vê. Vamos tirar sangue e recolher fezes para mandar para Castelo Branco para fazerem análises e termos a certeza do que tens... É capaz de ser o tifo. Anda por aí e tenho lá vários doentes... Quando houver vaga... terás uma cama... Para já vais comer muito pouco: agui-nha de canja e nada de alimentos sólidos... Muito gelo na barriga. De três em três horas o saco de borracha tem de ser mudado.

Não foi fácil a separação da mãe e do filho. Coração de mãe adivinha sempre!

Feitas as recolhas para as análises, enviadas pelo correio, com resposta a ser dada também pelo correio. Podia demorar oito dias. Em casos de gravidade comprovada quatro ou cinco. Pelo telefone.

Já numa cama da “enfermaria dos homens”, um enorme salão com duas filas de quinze a vinte camas, cabeceiras encostadas às grossas paredes, enormes janelas envidraçadas, a privacidade nos tratamentos era conseguida com a colocação de biombos.

O estado do doente piorava, desesperadamente. Nada detinha aquele febrão.



Na ausência de medicação adequada por dúvidas no diagnóstico... o “estado de coma” não se fez esperar três ou quatro dias depois. Aquela mãe, sem falhar uma hora da “visita a doentes” sente que só Deus e ela podem salvar um dos filhos do seu coração. O idoso enfermeiro não tinha condições para cumprir as mudanças regulares do gelo sobre a barriga do paciente. Conseguiu autorização desesperada para pernoitar junto da cama do enfermo. Numa cadeira. De três em três lá vai à “casa do gelo” encher o saco de borracha. Sem falhar, passando pela “casa mortuária”, apesar do “medo dos mortos” que sempre apregoou. De Castelo Branco os resultados das análises são dados pelo telefone. Febre tifoide em estado de enorme gravidade. Era preciso “atacar”... Um novo antibiótico, o Cloranfenicol, é aplicado com regularidade, apesar e por causa da situação do doente. Antibiótico de oito em oito horas e gelo de três em três. Ninguém desiste, mas o estado comatoso não se altera. Só um milagre. Que era pedido com insistência. Com Fé. Com Esperança...

Ao sexto dia “ausência” o jovem abre os olhos e ouve-se num leve murmúrio:

– Mãe, onde estou?!

Depois o milagre, a juventude e o querer viver fazem o resto. Emparado, reaprende a caminhar e foi um longo período de recuperação. Mais de um mês.

– Maria, então o burro?! Dá de comer ao burro!!!

A exclamação de desespero ouvia-se por toda a enfermaria, despertando sorrisos compassivos ou comentários cínicos.

– Quem é?! Que quer ele?!

Um idoso de Pedrógão havia sido internado, dias antes, em estado grave. Pela doença e pela idade.

No entanto, fruto de uma convivência de muitos anos de trabalhos e cumplicidades não havia de esquecer o velho e fiel amigo, naquela hora difícil.

– Maria, então o burro? Já deste de comer ao burro? – ainda se ouviu durante uns poucos dias, a voz cada vez mais frágil. O amigo ainda e sempre a não esquecer o seu amigo. Os sorrisos trocistas foram-se acomodando e aquela gente que vivia, muitas vezes sobrevivia, do trabalho e companhia de tão manso animal, acabou por sentir a mágoa daquele homem e foi-se-lhe associando num misto de ternura e cumplicidade, agora sem os sorrisos de mofa.

– Ó Maria, então o burro? Dá de comer ao burro... – ouviu-o ainda no anoitecer daquele dia de fim de Verão.

Depois teria a certeza de que o Ti Cardoso levava a lembrança do seu burro até ao último minuto da sua consciência.

E o ti Cardoso lá foi. De forma diferente daquela como entrara, já tão débil. Agora sem dores nem saudades do seu burro...

O jovem ainda por ali ficou, até ao princípio de outubro. Recorda, até hoje, o carinho das gentes de Penamacor, da visita em quase romaria ao seu hospital, aos seus doentes, todos os domingos, após a saída da Missa do meio-dia, com um sorriso nos lábios, a perguntar de cama em cama:

– Então, está melhor?!

Outros tempo de Solidariedade e Caridade!!!

E, convictamente, o comentário de “coitado, tão jovem, não escapa...” a transformar-se num sorriso de “olha... temos homem!; do que tu te livraste!”...

Em memória da minha Mãe. E do meu Pai. Da minha Avó Emília. Aos meus Irmãos.

Lembro ainda o Povo da minha Aldeia, sempre solidário; o Dr. António Moutinho, rezingão e teimoso, mas que soube depois “portar-se bem”; o senhor Arcipreste, P. António Baltasar, que me “ouviu” de confissão e administrou a Santa Unção e sempre que podia ali se fazia presente; o Enf. Sr. João, que faleceu pouco depois de doença que “adivinhou”; a enfermeira “Menina” Lia, da “enfermaria das mulheres,” mas atenta; a prof. D. Olívia e Prof. Armando, que colocaram o seu carro ao dispor e se tornaram discretamente sempre presentes; os meus jovens amigos de Aldeia que levaram a cabo a peça de teatro que vínhamos ensaiando em que o “artista principal” – diz o Jorge, “era eu”...

Ai a Juventude!!! Temos de dar um passo em frente: vida militar e vida profissional. Até qualquer dia... se Deus quiser.

BAILE NA ALDEIA

Primeiro duas, depois três e quatro e cinco, as raparigas corriam as ruas da Aldeia, de braço dado, desafiando-se para “Vem connosco até à Fonte”.

Roupas catitas, limpas e garridas, cheirando a sabão e a lavado na água da Ribeira, meias bordadas à mão, moldando pernas bem-feitas, lenços floridos atados atrás das nuças onde se adivinhavam tranças bem penteadas e apanhadas com ganchos, soltavam exclamações e risadas, num vozear alegre e feliz que enchia as nossas ruas, como o fumo tomara conta delas nas longas e frias noites de Inverno.

Mas agora ali estava a Primavera, em todo o seu esplendor.

Lindas. Às dúzias! Nem as casadas escapavam a esta euforia que havia de durar a tarde inteira, lá na estrada alcatroada. “Tenho de acadajar o Garoto!” – lamuriava-se uma jovem mãe, o corpo a pedir festa. “A Avó toma conta dele!”...

Na verdade, do Bairro da Mocidade, do Cimo da Aldeia, de S. Miguel, do Ferrador, do Centro... elas e eles iam chegando. A primeira roda formava-se quase a medo, só raparigas. De mãos dada lá começava uma a dar o tom e o mote:

– *Raparigas cantai todas,
Rapazes cantai com elas;
que não haja um dizer
Nem nos rapazes nem nelas*

Os rapazes, sempre mais acanhados e “brutos”, iam-se entusiasmando. Batiam nas mãos delas para que abrissem a roda e “deixa-me entrar”. E outro. E outro. Depois ... ainda não havia casamentos “homossexuais”.

Mesmo que fosse preciso dançar em pares de duas... tudo era consentido.

Sem meias nem dúvidas intenções nem comentários descabidos, numa sociedade que vivia quase em estado de Inocência. Pares de “dois” é que não.

Aqui o preconceito era bem forte. Ou apenas a tradição.

Formavam-se pares de mais ou menos “interessados”, uns com vista “ao futuro”, a maior parte para aquele momento. O presente.

O canto, afinado desde o nascimento de cada um pelos acordes da Banda, era ali posto à prova. E que boas provas dava.

Batiam-se palmas, estalavam-se os dedos, agitavam-se e davam-se braços, passava-se de mão em mão, ou de par em par, num rodopio estonteante de corpos viçosos, cheios de vida.

*Castelo Branco é vila,
Penamacor é cidade,*

*Aldeia barquinho d'ouro,
Onde embarca a mocidade.*

Ou

– *Lá vem aurora, lá vem, lá vem...*
De madrugada, que graça tem;
Lá vem aurora, lá vem lá vinha,
De madrugada que graça tinha.

Ainda aquela roda não aquecera e já, ao lado, outra se formara. Que não queria ficar atrás.

E trouxera “artilharia”. Dois adufes tocados por mãos ligeiras e que punham o grupo num vendaval de movimento, cor e som.

Aquele dançar “a direitos” ao som ritmado de um tam-tam, que só voltei a ouvir em África, punha os corpos suados e excitados, balançando para cá e para lá,

– *Aldeia de João Pires,
Ai! Ricotão, ricotão... tão ...tão...*
Lindo cantinho da Beira Ó ai! Ó ai!
Ai! Ricotão... tão... tão ... ó ai ricotão!
De entre as terras do Concelho
Ai! Ricotão, ricotão... tão ...tão
É de todas a primeira.
Ó ai! Ó ai! Ai! Ricotão... tão... tão ... ó ai ricotão!

Ou ainda outra:

– *Pum-pum ao redol,
meu bem como o sol...*
*Canta o pintassilgo,
mais o rouxinol.*

Aquela quadra, das mais ouvidas, servia de refrão a um grande número das cantigas de roda...

– *Aldeia de João Pires,
Lindo cantinho da Beira,
De entre as terras do Concelho,*
É de todas a primeira

Quando chegava o Tó do Realejo, uma nova roda se punha a girar. Das de “agarrar”. Como a “malta” preferia. Avós e mães à espreita. Quando não os pais.

Aos “avanços” de algum mais “atrevido” lá se fincava o cotovelo direito da rapariga no peito do moço, que ela não “era de brincadeiras”. “Divertir sim, gozar não”.

Depois era como se fosse o último baile da vida daquela gente que sentia que o corpo não era para descansar.

E nem só de sacho e enxada, de charrua ou de arado se vivia na Aldeia.

E se viesse o Zé do Pífaró haveria ainda uma nova roda.

Um novo baile, por onde homens e mulheres, casados e solteiros, rapazes e raparigas, garotos (que, sempre travessos, preferiam dar uma palmada ou um beliscão...) e garotas entravam, num corrupio de cantares e dançares, a fazer esquecer as agruras de uma semana que tão próxima ainda estava e de outra que já tão depressa se achegava.

– Alecrim, alecrim aos molhos...

Por causa de ti choram os meus olhos...

Ai meu amor quem te disse a ti

Que a flor do campo era o alecrim.

Lá muito de longe em longe passava um automóvel e o(s) baile(s) não parava(m).

A música continuava, arredavam-se os dançarinos para a berma da estrada, os passantes arregalavam os olhos de espanto e... sorriam.

Quem sabe se com vontade de também entrar na roda.

Ainda outra:

– Onde vai com seu sapatinho, olaré!

Onde vai com seu lindo pé!

Mata aranha, serranita,

Mata aranha, se tu és bonita!

Mata aranha, olaré,

Mata aranha com seu lindo pé!!!

– Ó Tio Fernando, cheguei a contar quatro bailes naquele espaço de quase 200 metros de alcatrão...

– Olha, sobrinho, e eu cheguei a ver e a dançar, ali, num só baile, a ocupar todo aquele espaço, embora nem todos cantassem e dançassem a mesma música... – respondeu.

Respondeu-me o meu Tio, já este ano, nos seus 85 anos, uma das memórias vivas da nossa Terra, com um sorriso de saudade.

E se ele tinha pé para a festa!

– Olha a triste viuvinha

Que anda na roda a chorar!

É bem feita, é bem feita,

Não acha com quem casar.

ou

– Viva o nosso ranchinho,

Viva e torna a viver,

ranchinho com'ó nosso,

Não o há nem pode haver.

E mais:

– Eu pensava que a margaça.

Era nome de mulher;

A margaça é má erva,

os animais a quer(em)

Ainda:

– Maria da Conceição,

Ó que palavra tão doce,

Dava-te o meu coração,

Se o teu ao meu fiel fosse.

Muitos destes cantares acompanhavam os trabalhos do campo e tinham épocas próprias, coreografias adaptadas, sem grandes diferenças de localidade para localidade.

Os mesmos cantares, adequadas as danças, ouviam-se pelas aldeias, em redor.

– O senhor do meio julga que é alguém...

É um macaquinho que nem barba tem...

– Valverde, Valverde, Valverde ladrão,

Rouba agora a moça que é a ocasião.

– Já cá vai roubada, já cá vai na mão,

Já cá vai metida em meu coração...

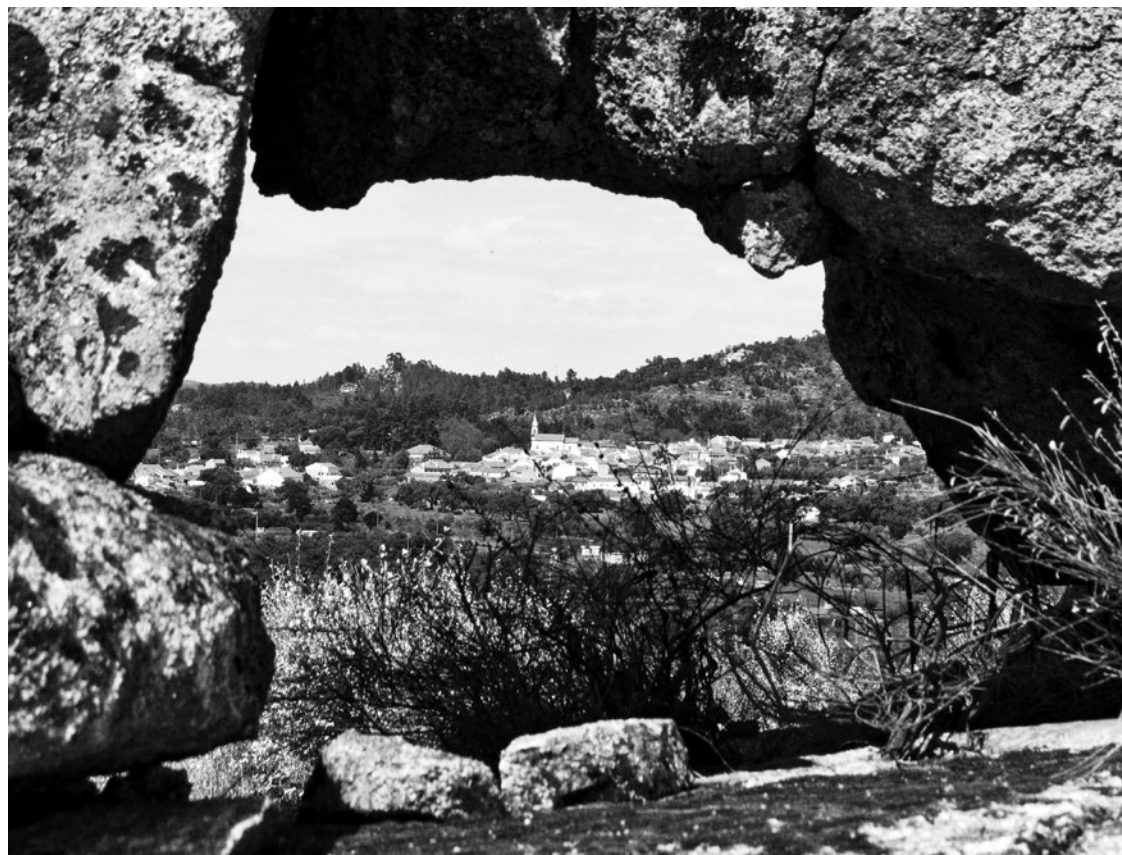
A camioneta da carreira, que marcava o aproximar das sete e meia, nem sempre dava sinal de que a festa ia acabar.

No entanto, cada um dos membros desta fantástica comunidade sabia que o “vimos da festa” se aproximava, a passos largos.

Melhor era voltar para casa. As “Avé-Marias” haviam tocado – um “invejoso” que não sabia dançar até o fizera “mais cedo” – o baile parara para todos rezarem, uns de verdade, outros nem por isso – e dali p'ra frente já não seria a mesma coisa.

Até porque “os amigos do copo”, para quem a “festa” fora outra, nas tabernas ali à volta, começavam a dar “sinais” de si, geralmente de “má catadura” ou “com mau vinho”, e melhor era ir cada um à sua vida.

Coitadas das mulheres e dos filhos que haviam de os aturar. Quanto sofrimento o “maldito vinho” causou, entre nós... Pois, nem sempre os filmes acabam bem para todos.



Cantigas e saudades? Muitas... impossível deixá-las aqui todas.
Então... e o instrumento dos instrumentos de baile, a concertina não havia? Ah!
Era preciso pagar e não podia ser todas as semanas.
E então a nossa Banda não punha o Povo a dançar? Oh! Se punha!!!
Veremos em episódios a seguir...

BAILE NA ALDEIA O BAILE DAS SORTES

Nem o trabalho das sementeiras ou o da apanha da azeitona esfriara o entusiasmo daqueles mancebos que, com a entrada do madeiro, a 8 de dezembro, haviam já demonstrado que estavam ali para o que desse e viesse.

Fora de arromba, os carros de vacas a não poder aguentar mais, o Zé Manel a alegrar as ruas da Aldeia e o coração da população com os acordes da sua concertina tocada com a habilidade que se lhe reconhecia.

Mas a rapaziada de 1943 – não havia memória de ter nascido tanta garotada na Povoação, apesar dos canhões troarem pela velha Europa, posta a ferro e fogo, e de a Guerra Civil ter deixado a Espanha num farrapo – vinha tratando do assunto, desde o baile de “a dar o nome...”, no mês de janeiro.

Havia de meter foguetório e um tocador que tivesse fama. Habitualmente, eram o Ti Zé Fonseca ou Ti Zé Manel, que animavam ali os bailes de concertina.

Não sendo “especialistas”, eram da vizinha aldeia de Aranhas, tão perto, e o preço era bem mais em conta, relativamente ao Silva, do Vale, ao Alziro, da Orca, ao Arlindo ou ao Castilho, de Proença, este agora muito na moda, bastante jovem, uma verdadeira coqueluche.

As “coisas” tinham de ser tratadas a tempo e horas, pois quem se descuidasse era certo e sabido que “ficava a ver navios”. É que a tradição não se cumpria só nesta Aldeia, mas em todas as do Concelho. E também nos outros Concelhos em volta.

Era mês de farta receita para quem soubesse tocar acordéon com algum jeito...

A “festa” era levada a cabo, em duas fases.

No mês de janeiro, os rapazes que completassem os 20 anos, nesse ano, eram convocados, por edital do DRM, para irem aos serviços da Câmara Municipal recensear-se, para efeitos de cumprimento do serviço militar obrigatório, “dar o nome”, a expressão que se usava.

Era um ritual de quase iniciação à idade adulta, a culminar, em julho, com o “ir às sortes”, “tirar o número” ou “ir à inspeção”, também por convocatória afixada com a lista dos jovens recenseados e em data fixada pelo Ministério do Exército.

Lá em Penamacor. Nas instalações da PSP.

Era um quente mês de julho. Na véspera, cada um tratara de tomar banho nos poços, nas charcas da ribeira ou nalgum tanque ou pia dos muitos que havia por aqueles campos fora.

Com maior ou menor discrição, este era um dos banhos obrigatórios da vida da nossa rapaziada. A inspeção militar era já ali, no dia seguinte.

Até anos recentes, o serviço militar cumprido, em condições quase degradantes nas instalações envelhecidas dos quartéis, no medíocre serviço de “rancho” e nas incômodas fardas de cotim, com botas a que, normalmente, os pés é que tinham de se adaptar, era esperado pelos nossos rapazes quase como que uma libertação daquela bem dura vida camponesa.

Com a caderneta militar em ordem podiam aspirar a servir na GNR, na PSP, nos Bombeiros, na GF... Seguir mesmo a carreira militar, desde praça “tarimbeiro” até oficial. Temos bons exemplos.

Mas a “Guerra do Ultramar” estalara dois anos antes – a expulsão do “Estado da Índia” fora mesmo consumada – e no horizonte da nossa Juventude, “louca, ingénua, generosa e faminta de ilusão...” levantavam-se nuvens ainda mais negras do que as que já lhe escureciam o seu dia a dia rotineiro e de poucas esperanças.

A abertura dos Colégios, numa zona de cariz profundamente rural, fora uma aurora de esperança para uns poucos já crescidos e muitos dos que agora andavam na Primária. Um pouco das nossas jovens tentavam a sua sorte na costura, esperando um casamento que as tirasse dali.

A maior parte dos nossos jovens trabalhava no campo, agricultura pobre e pecuária de subsistência.

Com uma sociedade organizada, localmente, em que a maior parte do que produzia era para consumo interno, fazendo ainda pagamentos “em espécie”, caso das rendas, havia alguns que, à sombra de pais e familiares iam aprendendo de pedreiro, de carpinteiro, de serrador. Alfaiates, latoeiros, ferreiros e ferradores, forneiros, sapateiros... bastavam os que havia...

O aparecimento das bicicletas, no fim da década de 40, logo seguido da grande novidade das primeiras motorizadas – ah! a “Cocciolo” do saudoso e então jovem Prof. Teodósio, o alvoroço que trouxe à Aldeia! – e também o uso do ferro na construção e na agricultura, sobretudo na instalação das noras nos poços, abriram perspectivas de que novas profissões estariam a chegar, nomeadamente na mecânica e na serralharia.

Aqui e ali apareciam as primeiras bombas de rega e também, mais raramente, o trator agrícola foi ganhando o seu espaço, bem à sombra das pesadas malhadeiras.

Quem quisesse aprender uma profissão tinha de pagar com dinheiro e com trabalho, fosse nas oficinas da Vila, nas das Aldeias ou na mais conhecida entre nós, a do Gaudêncio, em Medelim.

Era mesmo assim: trabalhava-se para aprender e pagava-se ao “Mestre”.

Este fastidioso enquadramento é aqui posto para se entender o entusiasmo com que o “dia das sortes” era esperado. E vivido.

Neste ano de 1963 era como que ir buscar um passaporte para África, dois anos de mal passar, nalguns casos a invalidez e a própria morte. Milhares vítimas do “nosso” lado.

Também milhares de vítimas entre “o inimigo”. Tanto sofrimento injusto e desnecessário!

Estávamos a 4 de julho de 1963, quinta-feira. Banho tomado, cabelos cortados, barbas feitas, roupas novas vestidas – aquela malta da tropa não era para brincadeiras – desde bem cedo os mais apressados se foram juntando no “Largo do Rato” – desde há 5 anos “Largo do Padre José Maria” ...

O ronronar da motorizada do Castilho, o tocador contratado, vindo ali dos lados da sua Proença, fez despertar um alarido de gritos e vivas. Tudo correria bem, mas um furo a despropósito poderia estragar um dia tão sonhado, desde há muito.

Ali estava ele. Abraços e cumprimentos. Vivas e mais vivas.

Um morteiro deitado às escondidas. Fora guardado, muito em segredo, que a GNR não era para brincadeiras.

Fazia tempo que as 7 badaladas do sino da torre haviam soado lá no alto e dali se arranca para a volta habitual ao povoado, ao som de uma das marchas mais recentes lá de Lisboa e tão bem executada pelo jovem artista.

Muitos dos habitantes caminham já pelas ruas, rumo aos trabalhos, há raparigas e garotos, há velhos e novos que assomam às janelas e portas, a pensar na farra programada lá para a tarde e noite fora, e saúdam os “donos da festa”.

Para os que ficavam seria um dia de trabalho, como tantos outros, só que terminaria de maneira diferente, com baile na Aldeia, e baile de concertina. Então a festa seria de todos.

A malta calcorreara as ruas da povoação e se ficara ali, junto à Taberna do Ti Domingos, pois a camioneta da carreira, que saíra de Castelo Branco pouco depois das cinco da manhã, apanhando o pessoal e o correio que viera de Lisboa, no comboio, chegaria, chovesse ou fizesse calor, como era o caso, antes das oito horas.

E nela é que haviam de chegar à Vila. Saltos, gritos, mais vivas para disfarçar a ansiedade, com um entusiasmo tão próprio de quem pensa que a vida nunca acaba. Lá ao longe, pelas “Beiradas”, uma nuvem de poeira ia assinalando a progressão, em estrada macadamizada, do tão ansiado transporte.

Uns minutos, que pareceram uma eternidade e aí está o ruidoso veículo, resfolegando os seus “cavalos” possantes e barulhentos.

Os de dentro quase não conseguiam sair, com a pressa de entrar dos que estavam de fora. Lá veio a voz bem disposta e divertida do senhor Martinho, “em cada esquina um amigo”, para repor um pouco de ordem:

– Calma, rapazes, que a “tropa” não foge!

Dada a partida, gerou-se alguma confusão na povoação seguinte, Aldeia do Bispo. Também o seu grupo de mancebos fora convocado para a Inspeção Militar e ainda em maior quantidade. Dada a conhecida rivalidade entre as duas povoações aquilo podia ter sido um caso sério, ah! se não fosse o senhor Martinho. Com ele ninguém brincava, um brincalhão nato, e aos poucos e aos empurrões, couberam todos. Como? Um milagre! Sentados, de pé, uns ao colo dos outros... A força “bruta” das duas Aldeias estava ali, em todo o seu esplendor e ninguém se beliscou. Ah! Senhor Martinho, tenho saudades suas.

O roncar da camioneta atrozava os ares, motor ruidoso e poderoso, as rodas saindo de um buraco para caírem noutra. Um “luxo” para todos, pois o habitual era fazer o caminho a pé ou de burro. A poeira entrava pelas janelas, mas ninguém se importava. Preciso era chegar.

A GNR não aparecera para complicar a vida ao motorista que, para se ver livre daquela malta manhosa e atizada, parou a camioneta em frente ao Jardim. O gentil cobrador ainda teve de “cortar” alguns bilhetes com os passageiros já na rua, três escudos e dez centavos!!!

Estava a decorrer a época de exames da 4ª. classe, na sede de Concelho. Com as “sortes” e as Crianças e famílias a virem de todas as Aldeias do Concelho, a Vila ganhava uma especial animação, nesta primeira quinzena de julho.

Ainda na véspera fora o mercado quinzenal e a “animação” se mostrara ainda maior.

As 9 horas aproximavam-se, as inspeções estavam convocadas para a esquadra da PSP e havia um ritual a cumprir: cada grupo, com o tocador bem enquadrado, dedos ágeis a deslizar nos teclados, havia de lá chegar, com algazarra e festa, a algazarra dos seus gritos e vivas, a festa dos acordes das concertinas.

Os de Aldeia do Bispo avançaram em direção ao Terreiro de Santo António, seguidos, pouco depois, pelos “heróis” desta história.

À hora que lhes fora marcada, as quatro freguesias iniciadas por A – Águas, Aldeia do Bispo, Aldeia de João Pires e Aranhas - ali tinham o melhor do que haviam feito crescer nos seus domínios, perto de 100 rapazes, a quem o Estado se limitara a dar a Instrução Primária – não a todos! - e a vacina contra a Varíola, em 20 anos de vida, para deles dispor, a seu bel prazer, desde este dia, para o Bem e para o Mal.

Dois soldados e um cabo – Os postos militares haviam de aprender a conhecê-los depois – chamando por Freguesias, foram metendo os jovens nas instalações policiais. Um sargento, com cara de poucos amigos, ordena:

- Em cinco minutos quero tudo “em pêlo”!!!
- Sem cuecas? – pergunta alguém, timidamente.
- És surdo?! “Em pêlo”, ouvistes todos????!!!

A situação era confrangedora e cómica. Não que eles não estivessem habituados a andar

“em pêlo”, tomando banho juntos lá nos poços, represas, pias e tanques... Mas ali... na Esquadra da Polícia!!! Puxa, vida!!!

Olhando-se, de soslaio, botas e sapatos fora, meias, camisas, calças... ah! as cuecas...

– Então vai ou não vai?! Não podemos ficar a perder tempo. Já estamos atrasados, o “nosso major” tem pressa. Às 5 quer chegar a Castelo Branco.... Vá, todos em fila aqui no corredor...

Cumprida a “dolorosa” ordem, corredor apinhado com o que faria a delícia de muita gente, lá fomos entrando, um a um, quase em fila indiana, numa sala espaçosa e onde havia de ter lugar o que parecia uma “fantasia”, perante os quatro indivíduos sisudos que compunham a Junta de Inspeção.

Ao lado, noutra sala, a mesma cena. Com outros jovens. Começou o desempenho de cada um.

– Mete a mão nesse saco e tira um “número” ...

– Vais ter sorte na tropa. Saiu-te uma capicua, o 55655...

O número que havia de me acompanhar, desde este momento, até aos 35 anos, em que passaria, realmente, à “reserva territorial”... O número mecanográfico 55655/63. Desde aquele instante seria um “número”... para defender a Pátria.

Depois, conferir os dados da ficha militar, saltar para a balança e anotar o peso, medir a altura e registá-la, espreitar a dentição, auscultação rápida da caixa torácica e a pergunta sacramental:

– Sofres de alguma doença?

– Ah! Tenho problemas de estômago...

– Ora, perguntei só por perguntar... Estás apurado para todo o serviço. Depois, se lá tiveres problemas, pedes para ir ao Hospital Militar...

Após a “inspeção” dos mancebos de cada Freguesia, estes eram todos reunidos naquela sala e prestavam o juramento solene, que lhes ia sendo ditado: “Juro ser fiel à minha Pátria, respeitar e defender a Bandeira, dar por ela todo o meu sangue...” Era um ritual que havia de ser repetido, já fardados, “apresentando armas,” meses depois, após uma instrução militar de três meses...

– Podem sair. Desçam as escadas e vão à vossa vida.

Assim, ali, desta maneira simples e prática, era traçado o destino de milhares e milhares de vidas em flor.

O Sol estava a pino. O calor quase insuportável. E aquela rapaziada cheia de sede e de fome.

BAILE NA ALDEIA

“A COROÍNHA”

O esplendor do Sol fez alguns catrapiscarem, enquanto o suor lhes começava a escorrer pelo rosto. Na lapela dos casacos, tirados quase de seguida, apenas um laço branco indicava que o Quim ficara livre.

Outro resultado não seria possível, perante o que era evidente. Para seu mal e para seu bem, não tomaria parte na aventura que toda aquela gente nova acabava de iniciar.

O lacinho vermelho, qual prenúncio, assim o garantia, “apurado para todo o serviço militar”.

A sede e a fome apertavam e na Vila havia diversas pensões e tabernas que poderiam dar a resposta que aquela rapaziada cheia de energia agora estava a pedir, de comer e de beber.

Decidira-se que a Pensão Seguro era o lugar com melhor possibilidade de servir, adequadamente, em dia de tanto movimento e o seu bem gentil proprietário fora alertado, em tempo.

Grupo composto, o Tocador faz deslizar os dedos pelas teclas da concertina e aí seguem pelo Largo do Sumagral, Rua da Botica, Alto da Praça, Rua Padre Mestre, apanhando a descida na Rua de Santo Estêvão...

Numa Região em que o jantar ocorria pelo meio-dia, grande parte das pessoas havia já “tratado da saúde”.

Mesmo assim, o acolhimento não foi fácil.

Fregueses em excesso...

Depois, o arroz de tomate, as pataniscas de bacalhau, o vinho “traçado” com pirolito do Teixeira, a cerveja, a laranjada do Soito foram acalmando o desassossego de estômagos e cabeças.

As frondosas tílias do Jardim da República acolheram tanta agitação, depois, até chegar a hora da camioneta, preventivamente “desdobrada”. A repetir-se, a situação da manhã tornar-se-ia insuportável.

16:30h. Um morteiro “clandestino” anunciou “Cá estamos, na nossa Aldeia!” Mudar aquelas roupas suadas, largar casacos, passar a cara por água fresca é uma urgência. “Liber-ta-se” o acordeonista para que “mate a sede” e ganhe forças numa das tabernas, num tempo em que não havia frigoríficos e os pirolitos eram “arrefecidos” mergulhados em alguidares com água da Fonte. A água da Fonte. Lá bem funda, era o máximo de “frio” possível!

Habitualmente, não havia bailes nos dias de trabalho. Este ou o de um ou outro casa-mento seriam a exceção.

Nos campos, os mais novos metiam pressa no acabar das canseiras deste dia, com os pais a resmungar: “Esta malta nova só quer é boa vida!”.

Os que tinham ficado no Povo, vão-se achegando ao Largo da Fonte, onde a sombra do Lagar ainda escasseia e o calor aperta.

Acordeonista e “rapazes das sortes” dão uma última volta pelo Povoado.

Uma arca da azeitona emprestada pela Casa Grande serviu de estrado sobre o qual, numa cadeira empalhada, o Artista se acomodou.

E então, naquele salão improvisado, no alcatrão da estrada, vai de dançar, dançar, corpos suados e frenéticos, a puxar para a festança.

Poucas ainda, avós e mães encostam-se à parede, procurando a sombra, algumas a fazerem o gosto ao pé.

A vida difícil não lhes levava a jeito! Viras, malhões, “passo-dobles” e marchas - sempre preferidas pelos de “pés de chumbo”, “pois é só marcar passo”... – tangos, valsas, corridinhos, fandangos,... quase sem parar.

Também do estrangeiro vinham músicas de Paul Anka, Roberto Carlos, Ângela Maria, Elvis, Françoise Hardy, Modugno, Rafael...

O nosso Castilho, jovem e atualizado, tocava tudo o que desse para “abananar o capacete”...

Com idas à Fonte, ali tão perto, ou à taberna próxima para dessedentar.

A tarde foi caindo e a sombra crescendo, cobrindo todo o Largo. Uma aragem suave vem que nem de propósito.

Viva o Tocador. Viva este! Viva aquele! Viva a malta das “sortes”. Viva a Casa Grande.

Ali mesmo “nas barbas” ficava “bem”...

No regresso dos campos, houve quem não resistisse a poisar o cesto no chão e “Anda cá, Maria!” ou “Anda cá Manel!” e foi numa dança. Ou até duas.

Não faria grande transtorno que a ceia atrasasse um pouco.

O crepúsculo chegou, sem iluminação elétrica.

Tempo de intervalo. Para cear. A noite caiu breve.

Com as obras de adaptação da sede de “A União”, a instalar-se o Centro Social no rés-do-chão e a Banda lá para o primeiro andar, não foi fácil arranjar um espaço que acolhesse a festa noturna, em condições razoáveis.

O Ti Leonel e a Ti Esperança, a tratarem da vida na dureza das Minas da Panasqueira, haviam arranjado a sua casa, ali no Largo do Pereiro, ficando um bonito salão, na parte baixa.

A “conversa” do sobrinho foi mais que muita e, com ajuda da Prima Alcinda, a coisa ficou combinada: o baile seria lá.

Até hoje, não foi esquecido.

Ceias papadas, caras relavadas, roupas mudadas, o baile da noite havia de ser só para convidados, os das “sortes”, algumas namoradas, irmãs, amigas, quase sempre do mesmo ano, de 1943.

O Largo havia de ser o apoio espacial tão necessário para esta ocasião de exceção, em noite estival.

À luz de um “Petromax”, um luxo, candeeiro especial, a petróleo, com uma luz especial para as ocasiões especiais.

Em volta da sala, bancos e cadeiras insuficientes, acolhiam avós e mães, sempre “com um olho no burro e outro no cigano”. “Não, que eu não quero cá abusos nem falatórios!!!”

Os pais conversavam no Largo. Ou na taberna.

Rapazes para um lado, moçoilas para o outro, lá se iam entendendo de forma a que nunca faltasse quem se balançasse ao som ora suave, ora atizado das músicas do vasto reportório do jovem Tocador, partindo a iniciativa da escolha do par aos rapazes “A Menina dança?!” ou “Queres dançar comigo?!”

Como era normal, havia mais homens que mulheres e o “Bota cá licença?!” tanto podia ser recebido como um alívio ou dar origem a cenas desagradáveis, sobretudo se a jovem não queria mesmo dançar com o autor do pedido, ou se, entre aqueles que já dançavam, havia interesses “conversados” ou a “conversar” ...

Era sempre um momento bem desejado dedicar uma modinha para “Damas aos pares”, em que cada uma das jovens podia escolher, sem recusa, o parceiro que todo o baile lhe agradara e não houvera maneira de por ela se decidir.

A noite ia avançando, ouvia-se o pedido insistente de “A Coroínha, a Coroínha!!!” e o Zé Castilho a fazer-se de surdo.

“A Coroínha” era uma “moda mandada”, o culminar de qualquer baile que, na Aldeia, merecesse tal nome.

Diga-se que tudo o que se dançasse antes era “os preliminares” e n’ “A Coroínha” se atingiria o clímax...

Depois, o baile podia continuar..., mas já não era a mesma coisa.

Por fim, o Tocador cedeu. A música para “A Coroínha” aconteceu.

Os pares começaram por dançar “agarrados” e, sempre sob a voz firme do “mandador”, foram desenvolvendo uma coreografia que fazia o encanto de velhos e novos.

Depois, sempre a “mando”, a roda de pares, as rodas concêntricas de raparigas e rapazes, mais chegados/as “ao centro”, “à retaguarda”, “um passo à frente”, “um passo atrás”, “aos seus pares”, “bater palmas”, “estalar dedos”, “oh! virou!!!!”, “aos seus lugares!”... as rodas girando na mesma direção ou em sentidos opostos, num agitar de braços, corpos balançando, peitos ofegantes, rostos corados, testas suadas, dedos estalando, batendo palmas, pés voando, braços agitados, pernas ligeiras, sorrisos nos lábios, olhos em fogo... até se ouvir a exclamação “À Coroínha!”.

As rodas concêntricas estacaram. Homens pelo exterior.



As mãos dadas, delas e deles, sem se largarem, vão passando por cima das cabeças, entrelaçando-se por baixo dos peitos e por cima das ancas.

Conseguiu-se a maior “intimidade” possível, neste baile.

A concertina não se cansa, “puxa” pelos dançarinos e eles não se fazem rogados.

Bem entrelaçados, emparelhados, mãos bem juntas e mais apertadas, vão ainda uma vez obedecer à voz do “mandador”, quase repetindo o que já fora feito, mas agora no doce enlevo de o/a ter bem juntinho/a.

A roda mista não pára, girando num e noutro sentido.

Vai à frente, vai atrás, uma fascinação, sentindo-se toda a sensualidade do momento naquelas caras rosadas, respiração apressada, corações palpitantes.

Ainda o acelerar possível da melodia por mais uns minutos bem fugazes e o acordar do sonho “Cada um com seu par!!!” “A Coroínha” desfez-se, o êxtase esvaiu-se e, num instante, os pares vão desacelerando e o encanto que passou... ficou ainda no ar... a pairar.. a pairar...

Limpam-se os rostos suados, agitam-se os lenços, alguns saem para o Largo.

É preciso respirar um pouco do ar da noite! É preciso acalmar.

E beber, pois, fome ninguém tem. De comida, pelos menos.

Aproxima-se a meia-noite. Ainda uma ou duas modinhas.

Ninguém dispensará a Valsa das doze badaladas.

Novo dia, nascido na noite. A vida há-de continuar.

Dura na sua realidade de todos os dias da Aldeia. O das “sortes” foi uma vez no Ano.

Quem lá estaria, no ano seguinte?!

CENAS DA VIDA MILITAR

– Não “bejo” nada!

A Primavera ia adiantada naquele já distante ano de 1965. A célebre frase de Salazar “Para Angola e em força” lançara uma verdadeira calamidade entre as Famílias de Portugal que, de repente, se viam privadas da sua maior riqueza, os Filhos.

Mais de quatro anos de guerra declarada pelas insurreições dos independentistas de Angola haviam passado e duas novas frentes se tinham aberto, em Moçambique e na Guiné, qual delas a menos desejada por esta “Juventude louca, ingénua e generosa”. Em toda a parte, de Norte a Sul da Metrópole e por várias cidades do então chamado Ultramar se haviam organizado “Centros de Instrução” que “fabricavam” oficiais, sargentos e praças que pudessem anular, muitas vezes “carne para canhão”, as operações de guerrilha dos chamados “terroristas” de modo a aguentar, por tempo indeterminado, uma política insustentável, ao arrepio dos ventos da História, num esforço desmedido em homens, armas e materiais que ninguém suspeitara estarem ao alcance de um tão pequeno País.

Foi assim que, nas Caldas da Rainha, no RI 5, se abriu o primeiro turno de Instrução de Sargentos Milicianos, com seis companhias ou dezoito pelotões para preparar, cujo prazo seria de três meses de recruta básica, com mais três de “especialização” de que se falará noutra ocasião.

Com a alvorada às seis e meia e formatura para o “café” às sete, meia hora depois iniciava-se a Instrução, que tanto podia ser para adquirir uma razoável forma física, como aprender a marchar certinho, com ou sem espingarda Mauser – onde nós ainda estávamos!!! – “aplicação militar”, corridas de obstáculos com equipamento de combate, patrulhas noturnas, desmontar, limpar e montar material militar, carreira de tiro para disparar espingardas, pistolas e metralhadoras, lançamento de granadas, formar, destroçar, sentido, descansar, virar à esquerda, virar à direita, ombro arma, descansar arma, firme, apresentar armas, etc. etc.

Se para a maior parte daquela “malta”, salvo o receio da quase certa mobilização para uma das frentes de guerra, aquilo até se ia levando com uma perna às costas, havia alguns dos nossos compatriotas que não estavam minimamente fadados para tão “altas cavalarias”: gordos, com a visão muito deficiente, pés e pernas incapazes de aguentar tamanha estopada, problemas de audição, de cabeça... Havia-os tão gordos ou tão magrinhos que nenhuma farda lhes servia e lá tinha de se recorrer às Oficinas Gerais de Fardamento para que se resolvesse a questão para os “maiores” e para os “menores” – o que poderia demorar duas ou três semanas. Como nos fora dito no dia das “sortes” o apuramento para o Serviço Militar Obrigatório era quase geral e depois, na recruta, se havia de ver quem “baixava” ao

Hospital Militar e, em Junta Médica, “pulava” para os “serviços auxiliares” ou mesmo, casos muito raros, se “passava à disponibilidade”.

Estava-se no 1º. Pelotão da 6ª. Companhia, em plena Instrução, duas semanas, meados de maio e um dos mancebos dera já nas vistas pela espessura das lentes dos óculos mal encavalitados na ponta do nariz. Se o Sargento Nogueira, o Cabo Miliciano Luz, mesmo à voz do Aspirante Alves Henriques ordenavam “virar à esquerda” o Rodrigues tanto podia ir em frente como virar à direita. Quando se lhe chamava à atenção para as “falhas” constantes, quase provocatórias, muito sério, este nosso amigo de Viseu só se justificava

– Eu não bejo nada! Eu quero ir p’ra casa! Lá em “Bijeu” sou um senhor...

Depois das muitas risadas do Pelotão, em dado momento, começou a gerar-se uma certa admiração por aquela estranha forma de luta e o pessoal vá de tratar o camarada por “senhor Rodrigues”.

“Senhor” Rodrigues p’raqui, “senhor” Rodrigues p’rali, mas não havia maneira de convencer o médico da Unidade a dar-lhe saída para a Junta Médica, o grande desejo do nosso amigo que, diga-se, nada aproveitava da Instrução que era dada aos restantes quase mil companheiros de “desgraça”. E a “coisa” foi sendo adiada, como acontece muito ainda hoje neste nosso querido Portugal.

Quando a Direção da Instrução achou por bem que aquela rapaziada estava pronta para começar aos tiros com a velha Mauser, depois de muito marcar passo e prática “ordem unida”, aí vai a tropa, atravessando a linda cidade das Caldas da Rainha, peito p’ra fora e barriga p’ra dentro, a cantar “Ó Laurindinha” ou “Ó meninas cá das Caldas...”, a marchar uns bons 6 Kms, pela recta da Tornada fora, até à carreira de tiro. Um esticão e tantos. E era preciso voltar para o quartel, lá pela tarde. E o “senhor” Rodrigues, com muitas dificuldades e ainda maior teimosia dos Instrutores, também alcançou o objetivo, a carreira de tiro das Caldas da Rainha.

Já se havia aprendido a meter o carregador na arma com balas de pólvora seca, mas, naquele dia, a coisa era a sério. Um carregador cheio, só metido na arma depois de cada um se colocar no seu local de disparo “Nunca se vira a espingarda para ninguém” “Espingarda sempre virada para cima”, recomendações mil vezes repetidas e hoje de forma bem enfática sob a vigilância atenta dos Instrutores. E um outro carregador para substituir o primeiro. Duas salvas, em suma, para começar. Ia ser a primeira “prova de fogo” da maior parte daqueles rapazes, cuja maior apreensão era o recuo de tiro da arma “que até podia fazer nódoas negras”. No perigo de uma bala perdida nem sequer se pensava. Aparentemente, tudo presumia que tal não acontecesse.

Quinze posições de tiro e ali está metade do Pelotão deitado de barriga para baixo, alvo lá bem longe, cada um tentando fazer o melhor possível. Afinal, mesmo no SMO todos – ou quase – queriam fazer boa figura.



Dois carregadores “despachados” por recruta, depois a contagem de pontos no alvo e lá se anunciava o resultado conseguido por cada um. Dois ou três muito bons, satisfatórios os restantes, como no caso do autor.

Seguiu-se a restante parte do Pelotão, que incluía o “senhor” Rodrigues. Uma “fita” para pegar na espingarda e carregá-la. Persistência e paciência do Sargento Nogueira, que consegue instalar e acalmar o jovem recruta que não cessava de proclamar:

— Eu não bejo nada. Eu quero ir p’ra casa...

A frase, de tanto repetida, ia perdendo efeito. Era preciso mesmo formar sargentos – cabos-milicianos, os “sargentos” mais baratos da Europa, “renegados” pelas praças por serem “sargentos”, cujos serviços, aliás, desempenhavam, e recusados pelos sargentos por serem... “praças” – para as três frentes de guerra o recruta Rodrigues não ia escapar-se com aquela cantilena.

Cada recruta instalado no seu cubículo, à ordem de “fogo!” algo de espantoso aconteceu. As balas de uma das espingardas estavam a espetar-se no terreno metros à frente, nas barreiras ao lado e um berro de “Cessar fogo” fez calar o tiroteio.

Averiguada a situação, rapidamente o “senhor” Rodrigues foi identificado como autor da proeza. A Mauser foi-lhe sacada das mãos sem mais aquelas e lá se ouviu a lengalenga costumeira, a responder aos berros do Oficial:

— Você é doido ou está a fazer-se????!!

— Não bejo nada. Eu quero ir p’ra casa...

O “senhor” Rodrigues não se cansava de cantar a lengalenga.

O Comandante do Pelotão relata a situação ao Comandante da Companhia, que ordena o regresso imediato do recruta ao Quartel, numa das viaturas de apoio. “Este assunto vai ser tratado, fica descansado!” garantiu o Oficial, rosto severo, cara de poucos amigos.

Pela tarde, a Companhia voltou ao quartel. A esperá-la, à porta da caserna, o Rodrigues, óculos encavalitados no nariz, sorriso indecifrável, talvez manhoso.

No dia seguinte já não participou na instrução. Conseguira a tão desejada “guia de marcha” para se apresentar à Junta Médica Militar, lá no Hospital da Estrela.

Ainda estávamos no RI 5 quando voltámos a ouvir falar do “senhor” Rodrigues. Segundo os seus conterrâneos, passeava-se, “numa boa” pelas ruas de Viseu. Da Junta Médica conseguiu mais do que passar aos “serviços auxiliares”.

Ficava, então, a fazer parte das “tropas territoriais”, numa situação parecida, na prática, com a disponibilidade. Melhor... com a Liberdade.

Muitos de nós só lá chegaríamos daí a mais de três anos. Alguns, ainda menos afortunados, nem isso...

Que descansem em Paz. Não tiveram culpa e pagaram por erros de outros.

CENAS DA VIDA MILITAR

TAVIRA

Tinha acabado a tropa?!

Agosto de 1965. A primeira fase da recruta, com o “juramento de Bandeira” lá no “hotel” das Caldas da Rainha era já uma saudade e chegámos a Tavira ainda “revoltados” de não nos ter sido dado o fim de semana de folga com que tanto sonháramos e que era quase obrigatório, no final de cada ciclo de instrução.

“Não, ninguém vai a casa, isto agora é tropa a valer”!

O CMDT poderia ter tido problemas com a mulher nessa noite, assim pensava a rapaziada sempre descomprometida.

Encatrafados, à molhada, num comboio de muitas e velhas carruagens, mesmo assim insuficientes para acomodar tantos passageiros, pela tarde – os movimentos da “tropa” eram feitos de noite, por motivos cada vez mais óbvios – aí vamos nós a caminho de umas “merecidas férias”, no Algarve, então uma região pobre e quase desconhecida de portugueses e estrangeiros.

Eram poucas e fugidias as pessoas que se cruzavam com aquela massa humana, fardada a preceito, a marcar passo, na baixa de Lisboa, da estação do Rossio à do Terreiro do Paço, estação Sul e Sueste, de onde se haviam de acomodar, “em monte”, no barco da CP que os deixaria de costas para a velha capital do Império, navegando para a “outra margem”.

No percurso fluvial, avistavam-se, confusamente, na escuridão da noite aliviada pelas luzes de Lisboa e Almada, os gigantescos pilares que haviam de suportar a nova e tão falada ponte a inaugurar dali a um ano.

Cortando o negrume da noite avançada, a potente locomotiva diesel, uma novidade nas nossas estradas de ferro, ia galgando milhas e milhas pela vasta campina alentejana, em direcção ao Sul, rebocando velhas e desconfortáveis carruagens superlotadas com centenas de jovens recrutas acomodados da melhor maneira que podiam em bancos de madeira ou no chão, iluminados por fracas e poucas lâmpadas acesas.

O calor daquele quente mês de agosto entrava pelas janelas escancaradas e, enquanto alguns dormitavam, a maior parte, sem pregar olho, falava, jogava ou pensava no seu presente sombrio e num futuro próximo angustiante.

O desconhecido estava à sua espera.

A um canto, acabrunhado, António revia o filme dos últimos dias passados lá no “hotel” das Caldas, o RI 5.

O “juramento de bandeira” na vasta esplanada do quartel, o rancho melhorado, a tarde livre, depois da grande decepção pela notícia de que, contra o habitual, não havia fim-de-semana prolongado para ninguém.

Nem prolongado nem curto, “surpresas” com que “domavam” aquela juventude inquieta e generosa.

No dia seguinte ao do juramento, afixadas as listas de especialidades e colocação, formação de novas unidades por destinos, dando pulos de satisfação com a “sorte” que lhe cahara: analista de informação transmissões, lá no BRT, soube depois, ali na Trafaria, mesmo à beirinha de Lisboa.

Que só seria muito tempo depois.

Era preciso “trabalhar” mais o corpo e a alma...

Cabendo à maior parte ter por “abrigo” o CISMI, bem no Sul de Portugal.

Quartel de má fama pela dureza dos instrutores que, como havia de ser provado, tinham por missão preparar para a guerra, fazer a guerra e sobreviver.

Unidade especializada na formação de gente para combater, o Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria.

E lá iam parar os futuros sargentos da Infantaria e especialidades de apoio: das Transmissões, das Minas e Armadilhas, dos Morteiros...

Ficariam depois a saber que haviam decidido acrescentar à sua formação e treino mais três de Instrução geral para preparar aqueles que seriam a espinha do Exército combatente em África, em guerras cada vez mais difíceis e desastrosas, os Sargentos Milicianos.

Deitados nos beliches das velhas camaratas daquele velho quartel, os que iam abrindo os olhos nem queriam acreditar.

Acabara a tropa?

Estremunhados, olhavam para os relógios.

Seis e meia, a hora do toque de alvorada, tempo de levantar, preparar, rapidamente, barba bem rapadinha; formar para o café seria logo a seguir e logo depois a formatura para o dia de instrução militar...

Sempre fora, assim, na rotina dos últimos três meses.

“I can’t stop loving you” com Ray Charles ouvia-se, distinta e “carinhosamente”.

Então... não estou na tropa; a tropa acabou!!!!

E a tentação de dar a volta para o outro lado e continuar a dormir foi pronta!

Nisto, feito pesadelo, um vozeirão: “Olá, “meninos”, queriam caminha, hein?!

Toca a levantar que aqui a tropa não é de brincadeira”! Os mimadinhos das Caldas!!!

Agora é que vão saber o que é instrução.

Toca a levantar, rápido!!!”, gritou o sargento que, soubemos depois, ser o Loureiro, lá de Chaves.

O sono e o sonho foram-se, num instante!

Mas com o Ray Charles continuou, todos os dias, por três meses, às seis horas e meia. Em ponto.

I CAN'T STOP LOVING YOU!!!

Copie Link, clique e ouça. Ouvi, durante três meses. Nunca mais esqueci!...

<https://youtu.be/w-YqaTDDCDM>

DOMINGO DE PÁSCOA... HÁ MAIS DE 60 ANOS!

As alegrias das alvíssaras deram o mote para a grande festa da Ressurreição.

Repicaram, por três vezes, os sinos para a Missa de Domingo de Páscoa.

Não era uma Missa qualquer, mas a da festa do triunfo da Vida sobre a Morte.

Liturgicamente, era a única Missa do ano precedida de procissão, a celebração da Ressurreição, pelas ruas da nossa Aldeia, com o Santíssimo Sacramento.

A Confraria estava quase em peso, os Irmãos, às dezenas, com as suas opas encarnadas, uns para pegar ao pálido, nas lanternas, à bandeira-guião; a maior parte, com a vela acesa na mão, para alumiar a Jesus Sacramentado.

Para o Pároco, uma dor de cabeça, procissões e missas em ambas as aldeias, visita pastoral numa delas.

Mal havia de ter tempo para almoçar.

Mas também não o deixariam passar fome.

A Missa fora anunciada para as 10 horas e, desde as nove, por todas as ruas, a população dirigia-se à igreja paroquial.

Com ou sem a participação da Banda, o cortejo havia de sair, logo que a meia batesse.

Tinham saltado das arcas e malas os fatos dos “dias santos”. Xailes e lenços a estrear.

Botas – e sapatos, poucos – fatos, calças, camisas e chapéus tinham este dia como privilegiado.

Formava-se o cortejo, talvez o mais respeitoso do ano. Semelhante ao do 3º. Domingo de Outubro, a festa na Confraria do Santíssimo Sacramento.

Percurso habitual. Passagem pela Rua Nova, frente à loja do Senhor Mendonça, “forno de baixo”, subir ao Largo do Pereiro, pela Rua Velha.

Um momento de adoração na capela aqui existente, passagem pelo “forno de cima” e largo do Poço Novo, com término na igreja matriz, que ficava a abarrotar de gente de todas as idades.

A igreja lindíssima, montes de flores, alfaias novas.

Durante a procissão, o Povo – e a Banda, se presente – respondiam, em uníssono, como só a nossa gente sabia fazer, às invocações do celebrante, ainda em Latim, de compreensão acessível:

– Regina Coeli, laetare!

– Alleluia! Alleluia! Alleluia! Alleluia!

– Quem meruisti portare!

– Alleluia! Alleluia! Alleluia! Alleluia!

- Ressurrexit, sicut dixit!
- Alleluia! Alleluia! Alleluia! Alleluia!
- Gaude et laetare, Virgo Maria!
- Alleluia! Alleluia! Alleluia! Alleluia!
- Ora pro nobis Deum!
- Alleluia! Alleluia! Alleluia!

Todos nós conhecemos os acordes que acompanham tão significativos louvores.

Há 50 anos, a música ficava como que a pairar pelas ruas, largos e becos da Aldeia, até que a campainha, anunciasse, por toda a tarde, a passagem do Senhor e do cortejo pascal, levando as “boas festas” a cada casa de cada família.

- Boas festas, aleluia, aleluia! Jesus ressuscitou!
- Boas festas também p’ra si, Senhor Prior. Aleluia!

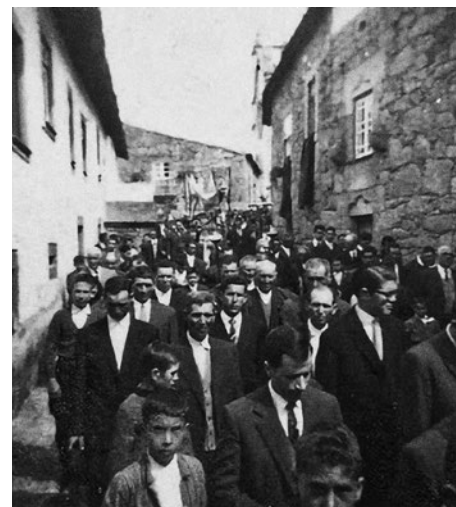
Havia sempre uma amêndoa, um esquecido, uma jeropiguinha, ou apenas um copo de vinho com um bolo de leite...

Também algumas moedas para as despesas da igreja e “sustentação do clero”.

A cesta dos ovos, que se enchia mais de uma vez, fazia parte do cortejo e do seu transporte todos se queriam esquivar.

Quem fosse “demasiado” glutão ou descuidado com a “pinga”, era certo e sabido que, antes de o sol se pôr, teria reunido “condições para desistir”...

Em cada casa, a conversa era curta, pois a jornada havia de ser terminada, antes que escurecesse.



Acontecia uma tarde em ebulição, pois os parentes e amigos queriam estar uns em casa dos outros para receber o Senhor e beijar o Crucifixo. E para as guloseimas.

Ruas e escadarias alindadas com alecrim e rosmaninho, deixando, no ar, um odor tão próprio da Primavera. E da Festa.

O cortejo terminava sempre na Casa Grande. O Pároco e todo os acompanhantes, suspirando de alívio. Podiam comer e beber o que ainda fosse possível. E já não era muito!

NOTAS:

01 -----
Fiz parte destas celebrações como adolescente e na Juventude, até já profissionalizado. Recordo, com saudade e alegria, estas vivências, das mais belas da minha vida.

02 -----
As fotos, de autor desconhecido, foram retiradas da página FACEBOOK de Aldeia de João Pires.

HISTÓRIA COM ROSTOS! MELHOR... QUE OUVI DE MINHA AVÓ! IN ILLO TEMPO...

Não havia relógios, nem rádios, nem TV's, nem jornais, nem bordas d'água, nem automóveis, nem camioneta da carreira sequer. A estrada ainda havia de ser construída, primeiro de terra batida, depois macadamizada... Muitos, muitos anos depois alcatroada.

A Missa era em Latim, padre de costas para o Povo, todos virados para Jerusalém...

Aqui as pessoas nasciam, cresciam, viviam e morriam sem outros horizontes que não fosse ver as aldeias em redor, muito raramente pôr os pés na Vila. A pé. Descalços pelo caminho, quantas vezes.

Ouvia-se falar que o comboio já passava lá na Fatela, muitas horas de esforço por caminhos intransitáveis que um ou outro mais afoito se atrevia a calcorrear e a ir espreitar, para depois, olhos esbugalhados, contar: “Medonho!” “Muito feio”...

Pela altura do sol se sabiam as horas, com a chegada das andorinhas se sabia que era tempo de semear. Dias e dias sempre iguais a tantos outros já vividos. As olaias começavam a sorrir, os domingos maiores e diz o sacristão para o velho pároco:

– Ó senhor prior, a “festa de flores” deve estar por aí a chegar...

– Tens razão, Manuel, as geadas já foram, as searas vão subindo, trabalho aí nos campos é o que não falta... Olha lá, dás um salto à Vila e “assim como não quer a coisa” vais indagando como param as modas... se a procissão dos Passos já está na rua.

– Oh! Senhor Prior, com tanto trabalho não me peça uma coisa dessas...

– Repara bem, no próximo domingo é o teu dia. Sais bem cedo, vais num pé e vens noutro...

O velho prior sabia que não era bem assim. Duas léguas bem medidas em cada sentido, nunca menos de duas horas para lá chegar.

Mas confiava na ligeireza daquelas pernas fortes em corpo esguio, músculos trabalhados no árduo labor de cada dia. E usou mais um efeito bem persuasivo:

– Se cá estiveres à saída da missa do dia... vais almoçar na casa paroquial... Ora, que melhor argumento podia arranjar. Todos sabiam que a irmã do prior o tratava como se deve tratar um abade e os seus cozinhados tinham fama...

Levantara-se bem cedo, o Manuel, naquele domingo. A tarefa nem era muito difícil, mas levava tempo, claro. Subia a velha calçada que dava acesso à Vila, ofegante, e bem sacudia a cabeça, incrédulo. Não podia estar a ouvir o que ouvia.



HISTÓRIAS DE ALDEIA

Apressou o passo tanto quanto lho consentia o bater acelerado do coração.

Queria ver com os próprios olhos o que os ouvidos se negavam a acreditar. E viu! Um Oooh! de espanto e incredulidade e não perdeu mais tempo com perguntas. A realidade ali estava “nua e crua”... “Fazendo das tripas coração”... dá meia volta e “Ala que se faz tarde...” a caminho de Aldeia. Tinha de o fazer. Era urgente... Havia de chegar a tempo.

“Ite, missa est”, acabava de pronunciar o celebrante, quando o pobre sacristão, esbaforido, rompe coxia central acima: – Senhor Prior, senhor Prior! Grande desgraça. Nem imagina o que lá vi, na Vila... – Calma, homem! Vá, senta-te e respira! Tragam água... Afastem-se... – conforta-o o sacerdote, homem pouco dado a excitações sem razão.

Tinha sido um burburinho. Os que já estavam fora, voltaram a entrar e o velho templo rebentava pelas costuras. Na sua calma habitual, o sacerdote “dava tempo ao tempo” e, por fim, ordenou:

– Desembucha, homem! Que viste de tão anormal lá na Vila?

– Senhor Prior, não vai acreditar. Eu também não, se não visse... Mas vi... na rua andava a procissão de Domingo de Ramos... Eu vi, eu vi!

– Já domingo de Ramos?! – comentou, na maior calma, o prior. Hesita breves instantes, coça a cabeça e ordena:

– Então... olha, vai tocar os sinos às aleluias que não nos hão de ganhar!!!

Estávamos a findar a década de 50 do século passado. Se havia um momento em que valia a pena andar pelas ruas de Aldeia, escolho o meu preferido, o do entardecer, com o Sol já escondido atrás da Serra. Uma boa parte dos gaiatos brincava nas ruas, como só se pôde brincar, naquela época.

E o regresso dos camponeses tinha um não sei quê de repetitivo sempre renovado. Cestos ou baldes e caldeiros à cabeça das mulheres, homens de jaqueta ao ombro ou pelas costas e chapéu na cabeça, alguns conduzindo animais, um ou outro em cima da burra, pernas pendentes ou encaixado entre as angarelas, molhos de erva ou de lenha, aqui e ali os ganhões encaminhando as vacas, tão indispensáveis num mundo que só vira o trator a puxar a malhadeira.

E com ajuda dos mansos animais! Havia quem tivesse uma cabra, com sorte 2 ou 3, um ou outro borrego, que se iam criando, com esforço e cuidado, para lhes aproveitar o leite e serem garantia de duas ou três notas (de 100!!!) lá na feira, em Penamacor, ou ali, se o comprador passasse para acertar um negócio que evitaria a sempre temida deslocação à Vila.

Não raro, por força do aproveitamento das pastagens, que faltavam, na hora da recolha havia rebanhos a atravessar o povoado, com o tão cativante tinir de chocalhos e campainhas, aqui e além entrecortadas pelas exclamações dos pastores a incentivar os gados, ou pelo latir de cães que não resistiam a uma boa pega, normalmente acalmada com duas pauladas nos lombos.

A Primavera afirmava-se e o caminhar para o Estio era inevitável. Como aquele sofrido viver.

Mas vamos às nossas duas histórias, a primeira ligada à Quaresma. A segunda também tem que ver com a forma como se vivia a Religião, ainda que, de modo um tanto descabido, quase desastrado, não fora a “santa inocência” das personagens intervenientes.

Ser diferente era um bocado complicado, ao tempo. Como pessoa ou até como bicho. O “normal” era que as cabras tivessem chifres e as ovelhas não. Se a Natureza se encarregava de proporcionar o contrário, podia “dar história”.

Foi assim que, nas 5 ou 6 cabras de um dos “condutores” das Ladainhas, havia de aparecer uma delas sem os tais... chifres. Foi-se esperando, esperando e, para desgosto do seu proprietário, os corninhos não apareciam. Nem haviam de aparecer. Pronto, o Ti F. tinha uma cabra “môtcha”. Depois ele, ao chamá-las, lá ia clamando “malhada”, “branca”, “bargada”... e aquela, pronto, tinha de ser “môtcha”.



Não estivera ele em Aldeia, onde se apontavam para cima da centena de alcunhas, e aquilo até poderia não ser notado, mas daí a passar ele também a ser “Môtcha”, Ti Môtcha e até “Môtcha-Môtcha” foi um passo.

E quanto mais ele desesperava... mais o “Môtcha” ia sendo sussurrado, de modo audível, à medida que ele se encaminhava para casa, à procura do descanso ao fim de um dia bem trabalhoso.



As tardes eram sempre mais perigosas, com aquela garotada já fora da escola e ali sempre pronta para arreliar. E quanto mais ele se arreliava, mais o “Môtcha” ressoava por vielas e becos da pacata Aldeia.

Um desespero. Um desassossego. Um calvário.

A primeira, era sexta-feira da Quaresma.

A Ladainha estava, na hora habitual, frente à capela do Pereiro. Muita gente, como de costume. Já os “Senhor, tende piedade de nós!” haviam sido cantados e iniciavam-se os “Padre-nossos” pelo bem estar de presentes e ausentes, de vivos e defuntos. A intenção fora proclamada e, em uníssono, começara-se a rezar “Padre Nosso que estais no céu...” quando, ali da esquina da casa da Ti Joaquina Rosa, uma estreita passagem do largo do “forno de cima” para o local da assembleia, se ouve a voz de um rapazão da nossa terra, conhecido pelas suas “brincadeiras”, bradando por cima das vozes que rezavam:

– Môtcha!!!

Nem houve tempo para reação de mais ninguém. Com igual energia ouve-se:

– Môtcha a p. que te pariu!!!

E “... santificado seja o Vosso Nome venha a nós o Vosso Reino...” Até ao fim! Como não podia deixar de ser, a Ladainha só acabou na igreja paroquial. De certeza que Nosso Senhor perdoou a ambos.

Perdoarem-se um ao outro... demorou mais tempo, mas o “Môtcha” foi caindo em desuso. É que “Deus escreve direito por linhas tortas”.

A segunda, Ah! O Latim ou o “latim” também podia originar algumas confusões. Talvez mais do que seria desejável...

Por isso, saudou-se o aparecimento das celebrações no vernáculo nacional. Aquele princípio do mês de maio até nem correria mal, se não fosse o acontecimento inusitado de os “amigos do alheio”, gente de fora, certamente, terem feito desaparecer dois ou três burros, uma notícia do outro mundo para alimentar o “jornal” local e causar grande alarme na Povoação, onde algumas das portas nem sequer tinham chave e ficavam presas, noite e dia, por um pequeno ferrolho, ou até uma “cravelha” de madeira fixa por um prego que lhe servia de eixo.

As Ladainhas de Maio acabavam de ocorrer e haviam sido lançadas as bênçãos aos campos, aos animais e às sementeiras e também a estas invocações o Povo respondia “TÉ ROGAMUS, AUDÍ NÓS!”

No aconchego de uma bela tarde primaveril, uma das abastadas proprietárias da Aldeia, já viúva, como de costume visitava a sua quinta, ali na falda do Chão dos Prados.

Em permanência, tinha lá um casal de quinteiros que se iam encarregando de fazer render um dos melhores bocados de terra da Aldeia, com a vantagem de uma nora num poço poderoso, um luxo de ricos, na época, puxada pela energia de uma burra bem tratada, que dava água farta para horta e batatal, milho e pomar.

Uma beleza. Lá no meio da horta, tratando do “viço” ou “renovo”, mondando e sachando, andava a quinteira a fazer pela vida da patroa e a tentar merecer – sem dúvida que o merecia – o seu “pão nosso de cada dia”.

À medida que se aproximava da horta, a Senhora ia dando conta de que a empregada cantarolava a “música” das ladainhas de maio. Entendeu mesmo que, à música, se juntava o “latim”. Não lhe parecendo “muito católico”, a Senhora pergunta:

- Ó Maria, o que é que estás a cantar?
- Ai, m’ nha Senhora, então o que todos cantam agora...
- Então, repete lá....
- SE ROUBAMOS... MAL DE NÓS!!!
- Oh! Maria! Mas SE ROUBAMOS o quê? e MAL DE NÓS porquê?
- Ora, SE ROUBAMOS... os burros! MAL DE NÓS... porque ficamos sem eles!

NOTAS:

01 -----
Em Latim, não havia acentos; acentuei para ajudar na pronúncia mais aproximada...

02 -----
As situações e personagens são fruto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com situações vividas, realmente, são pura coincidência...

INSTRUÇÃO, CULTURA E INFORMAÇÃO NA ALDEIA

Numa época em que as trevas da noite tomavam conta da Aldeia logo a seguir ao pôr de sol, não era fácil descobrir preencher “espaços”, depois do trabalho duro na agricultura e na pecuária, donde saía o sustento de cada dia de quase toda a nossa Gente.

Regresso a casa, comer a ceia frugal e... depois, à volta do lume, ficar de conversa sobre “a vida”, ou a contar histórias de bruxas, lobisomens e almas do outro mundo, narrar um conto tradicional ou tirado dos livros da escola, a terminar num conceito educativo, enquanto se preparava o almoço da manhã seguinte, se dava um jeito nas roupas usadas...

Havia lugar ainda para momentos de namoro arranjado ou sentido, ali, à vista de todos. Também encostados na ombreira da porta ou da janela para a rua, “de gargarejo”... Enfim, a cama! Para a maioria era um “deitar cedo e cedo erguer...”

Deste modo o crescimento na instrução, na cultura, na moral e no civismo era assente nos valores cristãos que impregnavam, por tradição ou opção, o ambiente bem fechado em que vivia a população, por toda uma vida.

Não havia rádios, muito menos televisão, só poucos livros escolares que “deviam” passar de irmão para irmão e que podiam ali ser chamados “a desoras” para a “cópia” do dia que a brincadeira ou o trabalho da tarde descuidara.



Assim mesmo, à luz de um candeeiro, quando não da fogueira, sem papel nem caneta ou lápis, na “pedra” ou “lousa” de ardósia, “ponteiro” para escrever.

Tempos em que – escutado da minha madrinha, 95 anos radiosos e inteligentes – “era uma Mocidade muito bonita em que nenhum faltava ao respeito ao outro”.

Vou aqui fazer uma resenha tão precisa quanto possível da maneira de viver da Gente de Aldeia, nas décadas 20-50, para além da árdua tarefa de angariar “o pão nosso de cada dia”, descrita em capítulos anteriores.

Vão elencados os principais agentes da formação e da informação ativos nesta nossa Comunidade e o papel que coube a cada um deles: a Igreja, a Escola, a Banda, a Casa de Trabalho, os Comediantes, os Cantadores ambulantes, a Imprensa e os Tocadores de concertina.

A IGREJA

Competia à Igreja a formação moral e religiosa das pessoas, o ministrar dos Sacramentos e a evangelização do Povo, nem sempre no sentido da Libertação anunciada por Jesus Cristo, antes na conformação com a pobreza e com o sofrimento, na aceitação da humildade e da obediência.

No entanto, a Igreja punha o Povo a cantar, trazia notícias do seu mundo restrito, fazia as celebrações, “promovia” a festa e obrigava ao descanso dominical e ao dos dias santificados.

Nestas décadas, teve influência decisiva, em várias gerações, o Padre José Maria Lopes Nogueira que, já no final da monarquia havia por aqui andado e criara a banda filarmónica, em 1908.

O mais importante serviço da Igreja era prestado à comunidade juvenil, a Catequese, frequentada por dezenas e dezenas de Crianças, onde se procurava aprofundar, completar a formação cristã de cada um, iniciada em quase todas as famílias.

Dirigiu a Catequese a prof. D. Gervásia Andrade Costa, de quem se voltará a falar. Tendo decidido habitar em Aldeia e permanecer solteira, dedicou, generosamente, a sua vida a instruir, a educar e a amar a nossa mocidade.

Injustamente, uma personagem esquecida no passado da nossa terra e de quem aqui quero deixar memória. Preparava as catequistas de entre as jovens da sua confiança, suas ex-alunas e frequentadoras da Casa de Trabalho. Não será de mais aqui evidenciar a sua notável influência na formação da gente nova do seu tempo.

A Catequese preparava a primeira Comunhão, pelos 7 anos; a Comunhão solene lá pelos 12 e, muito raramente, o Crisma dos adolescentes e adultos. A comunhão solene era um dos momentos mais festivos na vida da comunidade paroquial.



Chegava no princípio do Outono, depois de se terem aproveitado as férias das Crianças e dos seminaristas para um trabalho mais profundo e fecundo, embora na Catequese fossem ministradas mais fórmulas para a memória do que o estudo do Evangelho e da mensagem bíblica.

Com grande parte do cerimonial da Missa em Latim, não era fácil despertar a atenção e, sobretudo, o coração de muitos dos praticantes. O concílio Vaticano II ainda não era sequer sonhado...

É neste período que seis sacerdotes são ordenados e são “cantadas” seis “missas novas”. Os nomes, para que conste: Padres Agostinho, Alberto, Artur, Jaime, José Joaquim e Gama.

A ESCOLA

Há notícia do funcionamento da escola e de existência de professores, desde o último quartel do séc. XIX.

No que se refere ao período em apreço, são mais evidentes os papéis dos professores D. Gervásia, Justino, Moreira, Teodósio e D. Celeste.

Muitos foram os alunos que passaram pelas suas aulas.

Na década de 20 leciona-se aqui o ensino até à 6ª. Classe, situação que se degradou com o advento do Estado Novo.

A prof. D. Gervásia passou a maior parte da sua vida docente nesta Aldeia e aqui chegou ao fim da sua caminhada terrena.

Um marco notável entre nós, muito querida, mesmo amada de todos, foi justamente homenageada no fim da sua carreira docente, festa que coincidiu com a inauguração da escola nova do Plano dos Centenários, no dobrar do século XX.

Foi com mágoa que toda a população sentiu a oposição dos familiares a que ficasse sepultada aqui. Em vida sentira-se uma de nós! Aldeia está a dever-lhe, ainda hoje, uma outra homenagem que perpetue a sua memória e a faça recordar pelos que depois dela vieram.



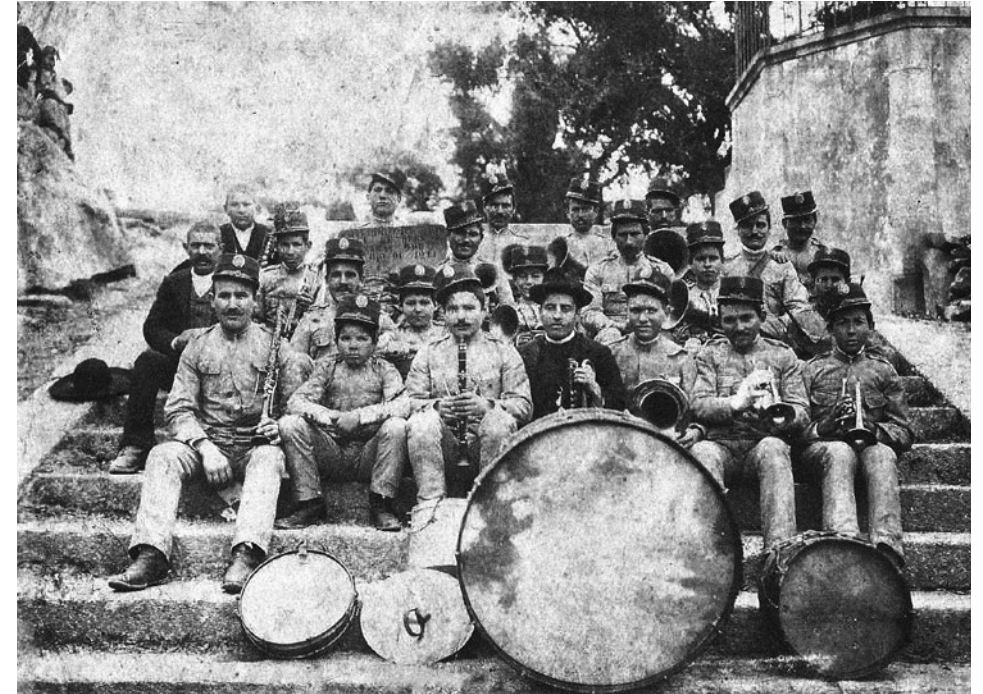
A UNIÃO

Fundada a nossa Banda ainda antes da implantação da República, com o mérito da população bem dinamizada pelo então pároco, padre José Maria Lopes Nogueira, teve de se assumir com “a prata da casa” e ir vivendo, com altos e baixos, quando aquele sacerdote fugiu da perseguição republicana às suas ideias monárquicas.

Ao longo de mais de um século, centenas e centenas de jovens aqui fizeram a sua aprendizagem musical, enveredando muitos pela profissionalização nas bandas das forças armadas e de segurança. Ao redor da Banda, o Povo ia construindo a sua União. Mesmo os não executantes iam apurando o ouvido e a voz, quer cantando em conjunto com a Banda, quer em grupo ou individualmente.

A Banda desenvolveu o espírito de equipa, disciplina, solidariedade e cooperação, bem patentes no nosso Povo na construção da sua sede, na reconstrução da igreja paroquial e na do centro social. A população revia-se na Banda e por ela se sentia educada e feliz.

De entre os Mestres que conheci, para além do padre José Maria, tenho de salientar o Ti'Stonho, a “tapar buracos” quando outros falhavam; o Ti Matos, excelente músico da minha infância, que tanto admirei, anos e anos, nos seus gestos exuberantes e no levantar





das sobranceiras farfalhadas, quando as coisas não lhe corriam bem nos ensaios ou nas exposições públicas; o 1º. Sargento Músico Jaime Rei, um apaixonado pela Música e pela Aldeia, membro de uma família melómana e de grande dedicação à Banda.

Na sede da Banda chegou a realizar-se teatro de revista com a gente moça de Aldeia que, às vezes, sem saber ler ou mal entendendo o que lia, subia ao palco lá construído para alegria da população. Fez história um espetáculo levado à cena, em que uma das canções tinha a letra apanhando quase todos os “apelidos” ou alcunhas de Aldeia e que começava assim: “Rin-tin-tin cá na terra sou o Pechim, mas se me chamam Piorreco, respondo que sou o Feco...!” Obra do Mestre Jaime Rei.

Além dos ensaios da Banda, na sua sede realizaram-se centenas de bailes, alguns espetáculos de “comédias” – falaremos adiante – fizeram-se projeções cinematográficas. Vi o primeiro “filme” da minha vida, o casamento da rainha Isabel II... “Espetáculo” foi também ver as pessoas a gritar com medo que as rodas saltassem do coche para cima da “plateia”...

Assistir aos ensaios da Banda era uma das atividades preferidas dos nossos homens e rapazes e forma de os tirar da taberna; adormecer ao som dos instrumentos a tocar nos ensaios era uma boa maneira de dispensar os calmantes e dar bons sonhos à restante população.

PARA A HISTÓRIA:

Os Estatutos da União foram aprovados por alvará do Governo Civil de 15.01.1924, tendo por sócios Joaquim Moreira e Tenentes António Manuel Ribeiro e Domingos Antunes. Constituíram a primeira Direção formal os senhores fundadores Jaime d'Aguilar

Simões, Luís Leitão Mendes, José Jaime d'Aguilar Simões (Presidente), José Joaquim Moreira (Tesoureiro) e Luís Leitão Mendes (Secretário). (Alguns dados históricos recolhidos em “O Concelho de Penamacor na História, na Tradição e na Lenda” de J. Manuel Landeiro, e

em “Banda filarmónica de Aldeia de João Pires” de M. Lopes Marcelo.

A CASA DE TRABALHO

Jovens nascidas em meio rural profundo e criadas no campo, podiam fazer toda a sua vida sem horizonte que fosse para além de Monsanto ou de Penamacor.

Uma parte das nossas adolescentes não frequentara a Escola e, assim, nasciam como “bichos” e quase como “bichos” cresciam e viviam.

O seu “saber” não poderia estar muito além daquilo que, de suas mães, avós e vizinhas tinham aprendido.

Portanto, uma educação e instrução reduzidas ao mínimo. Mas não quero confundir educação e instrução, pois educação não faltava, à nossa maneira.

Nesse tempo, a nossa Aldeia dispunha de uma “elite” burguesa ligada à exploração dos campos e dos que neles suavam e se calejavam de sol a sol.

Vou dar mais relevo aos jovens filhos da Casa Grande.

Haviam frequentado outras escolas, “tocavam piano e falavam francês”.

De regresso ao lar paterno, à espera de casamento que lhes abrisse as portas de um mundo que se lhes descortinara, sensibilidade bem mais aberta que a dos seus progenitores na relação com os seus desafortunados conterrâneos, assentaram que era possível dar algo de melhor e diferente, um pouco de sonho e de magia à nossa gente nova.

Assim, nasce a Casa de Trabalho, local de formação e doutrinação. Destinada exclusivamente a ser frequentada pelas nossas jovens, ali se ensinou e se aprendeu a falar melhor, a cantar, a representar, a bordar, a dançar, a “saber estar”...

Como na UNIÃO ali se fez teatro de variedades.

Numa rivalidade nem sempre sadia, chegou a haver estreia de espetáculos, em simultâneo, na mesma noite. Esclarece-se que a União acolhia os rapazes e a Casa de Trabalho recebia as moças.

Num tempo em que os bailes eram frequentes, a incompatibilidade entre as duas situações várias vezes foi notória, dando origem a questões entre familiares e namorados.

No desenvolvimento das atividades da Casa de Trabalho notabiliza-se, de novo, a Senhora D. Gervásia, como era de todos conhecida e por todos assim tratada, e a das Senhoras/Meninas da casa maior.

O rigor na gestão desta Casa de Trabalho era de tal maneira que, no fim das atividades, pela noite dentro, cada jovem era entregue, pessoalmente, aos seus pais, em sua casa.

Não fosse “o diabo tecê-las”...

Outros tempos, outros educadores, outras responsabilidades. Do oitenta para... o oito!

OS COMEDIANTES

Apareciam, de vez em quando. Artistas pobres para gente pobre. Quase sempre um grupo familiar, palmilhando caminhos e estradas, de terra em terra, em busca de quem com fome lhes matasse a fome que traziam. Na Aldeia, havia sempre uma loja ou um palheiro a que se acolhessem.

As “comédias” apresentavam-se quase sempre ao ar livre, roda de gente sentada no chão ou de pé, à luz de lampiões, lanternas e candeeiros. O “Petromax” já era de gente mais “rica”. No largo da Fonte ou no Largo do Pereiro. Aqui, a loja da Ti Emília Cartola, coração grande e generoso, servia-lhes de poiso e camarim.

As habilidades de uma contorcionista menina, ossos a querer saltar da pele, ou uma rapariguinha, quase envergonhada de mostrar as pernas àqueles olhos gulosos, equilibrista numa tábua sobre um rolo em cima de uma mesa emprestada.

O rapaz malabarista com as bolas ou archotes a “espantar” a nossa gente.

A mãe e o pai a fazerem de quase tudo: truques de magia que soltavam ohs!!! de espanto, e o mais apreciado de todos os números, o dos palhaços, com brincadeiras divertidas alguma piada dirigida a membros da população – a informação era mais discreta do que a dos nossos “média”... – e com números simples e divertidos, que se fixavam nas memórias dos populares, por muito tempo:

- Ó Zé B’roa, ó Zé B’roa, olha o pau, olha a moca!!!

Este e outros motes seriam repetidos pela garotada e pelos adultos, até à exaustão, durante semanas...



Também por esta via chegavam à Aldeia as canções da cidade. Sem acompanhamento musical ou com ele. Trompete, guitarra, realejo. Ou a solo. Com os palhaços...

Chegava a hora de receber o pagamento pelo trabalho apresentado. Chapéu na mão, quase sempre as Crianças, iam passando pela assistência, em roda, donde pingavam pequenas moedas, duas batatas, uma mancheia de feijões, um naco de pão, uma cebola, um bocado de queijo ou de toucinho...

Alguns a fugirem das suas “responsabilidades” e a não contribuírem, trocando a sua condição de explorados pela de exploradores. Nem sempre tinham de seu para dar...

OS CANTADORES AMBULANTES

Apareciam muito nos mercados e feiras da Vila.

Cá ao fundo, junto à loja do senhor Alberto, onde toda a gente “tinha” de passar. Ou no passeio em frente do jardim.

Ao som de uma velha sanfona, da viola, da guitarra, do bandolim, quase sempre desafinados, iam cantando e tentando vender as letras das canções estampadas em papel com fotografias difíceis de reconhecer dos nossos cantantes da época.

Muitas vezes, as músicas eram adaptadas a quadras que recontavam tragédias da nossa gente. “Uma rapariga solteira, que andava na malhadeira...” e que lá caiu.

Morte certa, cantada de terra em terra.

Por este meio podiam chegar-nos também músicas de sucesso lá na Capital e que, assim, passavam de boca em boca, sem grande preocupação de fidelidade ao original.

A IMPRENSA

Vivia-se quase na ignorância do “mundo longínquo” – que podia ser para lá de Castelo Branco. As notícias chegavam pelos jornais – quase só interessavam as das guerras próximas, também a fazerem sofrer o nosso Povo – e, como as cantigas, iam de porta em porta, de boca em boca. Chegavam a Aldeia, diariamente, em exemplares do “Diário de Notícias” e de “O Século”.

Os dois diários eram recebidos pelos correspondentes, José Lopes Fixe e Pedro José do Amaral, em troca de eventual serviço a prestar com o envio de notícias locais, o que raramente acontecia. Chegavam pelo correio de Lisboa, de comboio até à Fatela; de camioneta, até Penamacor. Transportados dentro da “mala” de correio até Aldeia pela Ti Rosa Chora, fizesse frio ou calor, chovesse ou com “bom tempo”, a pé ou atrás da sua burra, todos os dias, sem falhar. Uma pessoa a lembrar aqui.

Qualquer recado para a Vila ela aviava. Educada, simpática e meiga para todos, com ela não havia risco de o correio não chegar ou de os vales serem roubados. Uma Mulher!

Os jornais diários apareciam um ou dois dias após a sua publicação. Notícia rara que fosse enviada de Aldeia para as redações só dela se saberia, entre nós, 8 ou 10 dias depois. Os destinatários dos jornais informavam-se e informavam. Quase sempre coisas da Guerra. Da Espanha. Da Grande. E das sequelas...

O “papel de jornal” impresso com tinta deixava as mãos bem sujas. Serviam depois para a garotada “forrar os livros”, trabalho pouco eficaz, dada a natureza do material empregado. Nesta complicada tarefa do manter limpos os livros, alguns dos gaiatos iam despertando a sua curiosidade pela leitura fora dos livros escolares.

O “Almanaque de S. Miguel”, editado pela Igreja, entrava em muitas das nossas casas. Para além do calendário anual com os dias e nomes dos Santos, ali poderia ser encontrada informação útil para a agricultura, datas de feiras e mercados, notícias de carácter geral,

Músicos ergueram sede

No início dos anos 30 falava-se na construção de uma sede para a banda, mas não havia nem dinheiro, nem terreno. José Matias Iná acabou por oferecer o terreno e o dinheiro para a construção foi angariado junto da população. Nessa altura nasceu um grupo de teatro que apresentou algumas peças, cuja bilheteira reverteu para a sede. O edifício foi construído pelos músicos, entre os quais havia pedreiros ou carpinteiros.



As primeiras mulheres

Maria de Jesus Vaz e Belarmina Vicente ficam para a história da União de Aldeia de João Pires. As duas foram em 1977 as primeiras raparigas a fazerem parte da banda filarmónica. Três anos depois, em 1980, eram já perto de uma dezena. Actualmente estão em maioria em instrumentos como a flauta, clarinete, saxofone soprano ou o trompete.



A debandada de Penamacor

A “culpa” da formação de uma banda filarmónica em Aldeia de João Pires poderá estar na debandada de uma banda de Penamacor. José Manuel Landeiro conta no seu livro “O Concelho de Penamacor, na história, na tradição e na lenda” que o povo da aldeia ficou revoltado quando a banda contratada em Penamacor regressou a casa antes do pôr-do-sol, ainda a festa da Senhora da Graça não tinha terminado. “O povo alterou-se com este gesto. Juntamo-nos diversos rapazes e resolvemos levar avante a criação de uma música na nossa terra”, relata José Manuel Landeiro.



O fundador, Pe. José Nogueira

conselhos, adivinhas e pequenas anedotas. Apreciadas eram a segunda e penúltima páginas, numa se fazendo um “prognóstico” do ano que começava e na outra o “juízo do ano” que acabava.

“O Amigo da Verdade”, mensário católico ainda hoje editado na Guarda, nas suas quatro páginas informava a paróquia da vida da igreja diocesana e universal, com um ou outro artigo de formação e estudo. Num tempo bem “fechado” eram publicações ortodoxas e conservadoras.

Na passagem para os anos 60, o transístor e a TV a chegarem e a guerra do Ultramar ali tão perto, por iniciativa do Pároco, José Martins Gonçalves Pedro, um Padre para quem os sinos do Vaticano II já tocavam, surge, entre nós um pequeno jornal, “Aldeias Unidas”, destinado não a trazer, mas a levar notícias das Aldeias para os nossos migrantes internos e na Europa.

A debandada começara. Até não haver mais quem debandasse.

Os nossos jovens avançavam para outros horizontes, outras escolas e os sonhos começavam. É um período em que a gente moça mantém a página do Concelho de Penamacor no semanário “Notícias da Covilhã”, editada com regularidade.

O direito a informar e a informar-se começa a dar outro sentido à vida da Aldeia, das aldeias. Os estudantes, com destaque para os seminaristas, e os filhos dos migrantes haviam de abrir estradas para um mundo novo. Não tenho a certeza, hoje, de que fosse melhor.

OS TOCADORES DE CONCERTINA

Fixos eram os bailes do madeiro, do fim da colheita da azeitona, do “dar o nome” ou do recenseamento militar e dos das “sortes”, alguns já aqui contados.

Também os das festas populares e das religiosas. Muitos ao ar livre.

Épocas havia em que os bailes eram quase semanais.

Nós tínhamos a Banda; aldeias em roda tinham o seu tocador. E até dois e três.

Por aqui, os mais conhecidos e assíduos eram o Zé Manel e o Zé Fonseca, ambos da vizinha freguesia de Aranhas.

Também o Silva, o Alziro, o Castilho... de mais longe.

Que tipo de cultura podemos tirar daqui? A dança, o canto, a música. “A cultura é aquilo que fica depois de esquecermos o que aprendemos”, escreveu alguém. E, no ouvido, na alma, no corpo, muita coisa ficou.

Também as cantigas da cidade nos chegavam com estes homens.

Assisti a tentativas dos nossos conterrâneos para cantarem com acompanhamento da concertina.

Tínhamos dançadores exímios, à nossa moda. O meu Pai e a minha Mãe dançavam tão bem!!!

Os jovens casais dançavam e as muitas crianças, de volta, a verem e a “ensaiarem”. Os bailes ocorriam na sede da União, em casas particulares, no alcatrão da estrada e nos largos.

Também pelos tocadores vinha informação do que se passava nas localidades por onde passavam, nos arredores.

Sem conseguir ser exaustivo, não é o objetivo, fica para os leitores que tiveram fôlego para me acompanhar, a imagem do que se viveu entre nós num tempo em que a Aldeia palpitava de vida, ruído, música, tradições, trabalhos muitos e penosos.

E onde muito se sonhava com melhores dias, melhores vidas.

E termino sem ter a certeza de que tal nos aconteceu.

Da Aldeia fizemos aquilo que ela é, hoje. Um “deserto”... uma grande saudade!



LADAINHAS DOS HOMENS

A Primavera a chegar e o dia, lá nos campos, fora bem duro.

Logo ao entrar da noite, os sinos anunciaram que a ladainha havia de sair. É Quaresma e é sexta-feira.

O relógio da torre comandava os atos da população, sem obrigar ao cumprimento rigoroso de horários do nosso tempo. A escuridão mergulhara a Aldeia num ambiente de mistério e cada retardatário apressava-se a chegar a casa para uma ceia frugal e rápida, que o tempo já não sobrava.

Àqueles corpos cansados era ainda exigido mais um esforço. Generosamente dado. De graça. À procura da Graça.

Por isso, homens, rapazes e gaiatos, iluminando-se com lanternas de azeite e candeeiros de petróleo na mão, ou “apalpando” o chão empedrado, tropeçando aqui e ali, foram-se chegando ao adro da igreja, uns entrando, outros cá fora, para que a tradição se cumprisse.

E também a devoção e a fé.

A ladainha ia sair. As nove já se ouviram, lentamente batidas, rasgando a noite fria e estrelada, ressoando pelas quebradas da Serra.

Na igreja, começaram as primeiras invocações. O Ti Iná, o “Xequir Pataco”, o Ti “Fedu-chas” e o ti Zé Oliveiros, “o Padre do Soito”, ano após ano, coordenavam e dirigiam este bem piedoso acontecimento.

— Senhor, Deus, misericórdia!

— Senhor, Jesus, misericórdia!

— Virgem Mãe de Deus e Mãe nossa, alcançai-nos do vosso amado Filho misericórdia!

A profunda escuridão da noite era quebrada pela luz das lanternas e de dezenas de pinhas acesas, nas mãos dos penitentes, ou enfiadas numa vara, prevenindo queimaduras.

As pinhas haviam de durar para todo o percurso, acendendo-se cada uma na que se finava, para que a procissão caminhasse em paz e segurança, com respeito e recolhimento, pelas ruas da Aldeia.

Às mulheres e meninas era vedado participar.

O seu dia chegaria.

À saída da Cruz processional, transportada por um dos homens, ladeada por duas lanternas, empunhadas por dois outros fiéis, os três vestidos com opas negras, os presentes tiravam chapéus e o cortejo seguia, com a invocação de anjos e santos, e pedidos de clemência e compaixão a Deus e Seu Filho.

Era um acontecimento vivido, semana após semana, sem direção do pároco que, se quisesse participar, o faria apenas na qualidade de simples penitente, como todos os outros crentes.



Ao longo das ruas, espreitando atrás dos vidros das janelas ou mesmo de janelas abertas, iam aparecendo as caras femininas, ajudando a iluminar a noite com um ou outro candeeiro e juntando-se, de passagem, aos cânticos e imprecações dos homens, desfiando a ladainha dos santos, invocando-os um a um, num “Latim” de quem nunca o estudara, mas que mergulhava a celebração ainda no mais profundo misticismo:

— Sancta Maria!

— Ora pro nobis!

— Sanctus Josephus!

- Ora pro nobis!
- Sanctus Petrus!
- Ora pro nobis!
- Sancta Maria Magdalena!
- Ora pro nobis!

No percurso da procissão, caminhava-se, lentamente, arrastando os pés, quase em esforço, nas pedras irregulares da calçada.

A capela do Pereiro, em casa privada, bem no coração da Aldeia, apareceu.

Ali, uma paragem com repetidas invocações penitenciais, ouvindo-se os cânticos lentos, compassados, dolorosos, que dezenas de vozes masculinas, entoaram, de novo:

- Senhor, Deus, misericórdia!
 - Senhor, Jesus, misericórdia!
 - Virgem Mãe de Deus e Mãe nossa, alcançai-nos do vosso amado Filho misericórdia!
- Todas repetidas. Por três vezes.

Renovaram-se os pedidos para o perdão dos pecados ou para se alcançarem graças materiais e espirituais, terminando cada um deles com “... pelo Divino Amor de Deus, Padre-nosso”.

Todos rezam.

O respeito é profundo.

O sentimento também.

A Fé é quase palpável!

A última etapa levou o grupo à igreja paroquial, por onde se começara.

Templo repleto, as invocações, cantadas e rezadas, eram elevadas, uma vez última, aos Céus, em ato de contrição e penitência, implorando a clemência Divina numa vida melhor para vivos.

E também para os defuntos.

Sem a bênção final, já noite fora, cada um voltava para casa, ainda à luz de pinhas que ardiam ou dos candeeiros e das lanternas.

Em minutos, o silêncio e a escuridão cobriram toda a Aldeia.

O dia de sábado também era para trabalhar. Até ao sol-pôr.

E o descanso era urgente.

Nas sextas-feiras seguintes, até Quinta-feira Santa, voltariam.

LADAINHAS DAS MULHERES

A Semana Santa entrara com a celebração de domingo de Ramos. O luto era p'ra valer. Só se podia cantar a Paixão do Senhor Jesus. Rir era quase proibido. Na igreja, o sino deixara de tocar, as imagens estavam cobertas com panos roxos e negros e não havia flores nos altares.

O toque das Ave-marias era dado pela matraca – 4 argolas de ferro (duas em cada face) fixas numa base de madeira – dando volta à Aldeia, agitada pelas mãos da garotada, a que um ou outro já mais crescido ia pegando, mais para se divertir que por devoção.

Quinta-feira não deixara de ser um dia bem duro de trabalho, lá pelos campos fora, canalha em férias, a dar uma ajuda na guarda dos rebanhos ou no amanho das terras. “O trabalho do menino é pouco, quem o perde é louco” ou “de pequenino se torce o pepino” eram adágios a que qualquer daqueles garotos se habituara, desde que o seu entendimento lhe dera para os compreender.

Pelo cair da tarde tinha lugar o regresso ao povoado, pessoas e animais haviam de procurar abrigo, enquanto a matraca ia alertando com “primeira para a Ladainha”. Dentro das modestas casas, acendiam-se os lumes e preparavam-se as ceias.





Aquela primeira semana de abril, com as tardes a ficarem cada vez maiores, garantira que a Primavera viera para ficar, noites frias, manhãs agradáveis, o calor do sol a fazer a vida renascer nos campos. Bem suados.

Este dia tinha um especial significado na vida das gentes desta Aldeia. Por uma só vez, por uma só noite, em todo o ano, as suas gentes haviam de juntar-se, em sentido ato penitencial, a implorar de Deus perdão e misericórdia.

Já a refeições fumegavam e de novo a matraca ia passando com o seu trac-trac-trac, de rua em rua, e o alarido da miudagem clamando “segunda para a Ladainha”, “segunda para a Ladainha”...

A camioneta da carreira chegara ainda com sol. Desta vez os “mirones” viram compensada a sua curiosidade, pois a malta de Lisboa aí estava; gente que não perderia esta noite por nada antecipara a vinda para as festas da Páscoa.

Lá de cima do tejadilho o Sr. Martinho bem clamava “De quem é esta mala?” “De quem é este cabaz?” “De quem é esta cesta?”... “Ninguém dá uma ajuda?” “Com este atraso nem vou dormir a Penamacor...”

Cá em baixo eram risos e cumprimentos e um ou outro braço lá se foi estendendo para que o transporte usado naquele tempo pudesse seguir. Com grande atraso. Mas quem se importava com as horas?

As badaladas das 9 horas da noite foram caindo lentas, compassadas. A matraca regressava da terceira volta, agora agitada com mais entusiasmo por rapazotes mais velhos e treinados, dando àquele som cavo e triste mais ritmo e força.

De todas as casas da Aldeia começavam a sair as famílias, com o agasalho possível, xailes pelos ombros, lenços na cabeça, casacos e camisolas, que o ventinho espanhol prometia...

As mesmas crianças que, no primeiro dia dessa semana, haviam empunhado os ramos tão bem compostos, transportavam agora artísticas lanternas arranjadas lá em casa, uma roda de cortiça, com o perímetro de uma folha de papel branco “almaço”, onde tinham sido colados os símbolos dos martírios do Senhor: pregos, martelo, cruz, coroa de espinhos, chicote...

Nesse tempo ainda ninguém ouvira falar de papel de lustro, nem de papel celofane, nem de papel crepe ou de seda. Mas a imaginação e a habilidade não tinham limites e era dos forros dos envelopes das cartas de então que, guardados para esta ocasião, iriam sair autênticas obras de arte.

Feita a parte mais difícil – enrolar, fixar e decorar o papel branco – no furo central da roda de cortiça era enfiada uma cana, que havia de servir de pega para a lanterna a empunhar e para encaixar, na ponta que ficasse abrigada pelo papel, a vela com que havia de alumiar em todo o cortejo religioso. Era essa, pelo menos, a expectativa, gorada, por vezes.

A Lua Cheia brilhava em todo o seu esplendor e enchia as ruas do povoado, quase se alcançando, com a vista, os campos e montes em redor.

Mesmo assim, candeias e candeieiros não foram esquecidos e também na mão ou no bolso a velas com que se alumiará ao Senhor. Todos em direção à igreja paroquial, só os impossibilitados ficariam em casa.

O adro registava a afluência dos grandes dias de festa. O templo estava a abarrotar. As nove e meia tinham soado e era tempo de começar.

As invocações seriam as mesmas das últimas seis sextas-feiras. Desta vez, rezadas por toda a população, a que se juntariam os migrantes já chegados durante a semana. Sobre tudo nesse dia.

Em Quinta-feira Santa, a Cruz, a transportar por um homem descalço, seria a maior da igreja, em madeira, com uma notável e dolorida imagem de Cristo moribundo, e havia sido “despida” do pano negro que a ocultava do olhar dos Fiéis.

Também o percurso seria a dobrar. Pelo menos. Durante mais de uma hora, noite dentro, com fé e emoção, aquelas vozes, homens, mulheres e crianças haviam de cantar, sem desfalecimento:

- Senhor, tende piedade de nós!
- Cristo tende piedade de nós!
- Santa Maria, rogai por nós!
- S. José, rogai por nós!
- Santa Maria Madalena, rogai por nós!

NO TEMPO DOS LAGARES COM VARAS

— Virgem Mãe de Deus e Mãe nossa, alcançai-nos do vosso amado Filho, misericórdia!

Eram dezenas e dezenas de luzes: as lanternas das crianças, habilidosamente confecionadas, em casa, também pinhas em archote, velas que se mantinham acesas, a custo, contrariando a vontade da fina aragem que soprava, candeias de azeite, candeeiros de petróleo.

De vez em quando, algum alarido: uma lanterna, ou por má confeção, ou porque a vela, lá dentro, não se adaptara, convenientemente, ou ainda por força de um “encosto” de outra lanterna mais forte, lá ardia, sem ter cumprido a sua missão, com sorrisos “cruéis” de uns e algum choro das “vítimas”.

Havia janelas iluminadas, de uma ou outra aparecia um rosto, quase sempre sofredor, às voltas com a idade ou com a doença. Uma lágrima furtiva, lábios que rezavam. Ou, simplesmente, silenciavam...

Na capela do Espírito Santo, na capela do Largo do Pereiro, na Igreja Matriz, respondia-se, em coro, ao convite “... pelo Divino Amor de Deus Padre-Nosso!” Um deles mesmo “Pelo primeiro dos presentes que faltar, pelo Divino amor de Deus, Padre-Nosso!”

A noite ia adiantada e o final aproximava-se. A igreja estava “à cunha”. Mesmo “à cunha”, pois ainda não tinha os bancos que hoje existem.

Todos de pé!

Após as súplicas e orações finais, era chegado o momento de a Cruz regressar ao seu lugar. E, enquanto voltava a ser tapada com o negro pano, todo o Povo a cantar

“Estava a Mãe Dolorosa,
Junto aos pés da Cruz, chorosa,
Enquanto o Filho pendia!
Enquanto o Filho pendia!
Ó Mãe de Jesus trespassada
De dores, ao pé da Cruz,
Rogai por nós, rogai por nós,
Rogai por nós a Jesus!”

De regresso a casa, sentia-se ter passado por um momento único na vida de cada um, que só a demência poderia fazer esquecer.

Oxalá eu o tenha presente, na hora da minha morte.

Toda a Aldeia era mobilizada para a apanha da azeitona e os mais sortudos ficavam nos lagares, debaixo de telha e no calor da fogueira sempre acesa. Aquela geringonça com pesadas rodas de pedra era puxada por uma junta de vacas, junta que podia ir também, pela tardinha – os dias eram muito curtos e frios – buscar os sacos de azeitona, ao olival.

Não se vê a trave toda, mas, na ponta, estava um gancho de ferro, onde “engatava” o “cambão” que passava entre as duas vacas e se atrelava à “canga” pelo “tamoeiro” de couro, canga já assente no cachaço dos mansos animais que haviam de “grammar a pastilha”, duas horas a andar, sem saírem do mesmo sítio. A dita canga assentava no cachaço e fixava-se aos cornos pelas “piassas” e ainda mais uma volta por baixo no pescoço com... já não me lembro do nome. Assim se dava coesão aos “cangalhos” e as vacas não tinham hipótese de fuga ao trabalho. Nem direito a horas extra pagas...

Depois de entornados alguns cestos de azeitonas retiradas das tulhas, a geringonça entrava em movimento e não podia parar. E mais cestos de azeitonas eram despejados, os animais sempre a caminhar.

Mais de duas horas, já escrevi, até que a massa das azeitonas assim esmagadas ficasse em condições de ser espremida nas seiras, sob o peso de um enorme tronco de castanheiro ou de sobreira, em cuja extremidade, ainda com restos das grossas raízes, fora pendurada uma bem pesada pedra, em feitio de tronco de cone. Só geringonças. Que funcionavam. No lagar de varas...

Voltemos às três rodas dentro do pio. Tudo em granito... Quase sempre as vacas estavam em desacordo para fazerem aquela viagem, andando, andando, sem saírem do mesmo sítio, a paisagem sem mudar. Um homem tinha de caminhar, atrás delas, a “motivá-las”, para que não parassem.

Mas que haviam de acrescentar à geringonça? Um banco. Não desses falidos, mas de madeira, encaixado na trave, para atrair os garotos. Criança que aparecesse no lagar para lhe molharem o pão no azeitinho acabadinho de fazer era convidada a dar umas voltas atrás das vacas.

Com o engodo de uma “viagem” sem pagar bilhete, sentadinho no banquinho, a cheirar o rabo das vacas e a saber como é que elas “funcionavam”.

— Vá lá! Não custa nada... Vais sentado neste banquinho e não te cansas. É só enquanto torramos o teu pão e o metemos no azeite...



E lá ia o garoto, vara na mão, tocando, tocando as vacas. E vendo aquelas azeitonas, aquelas rodas, aquela massa que havia de dar o azeite para molhar aquele pão que tanto custava a torrar.

E a brincadeira lá fora. E o maroto do sol a esconder-se. E os amigos aos saltos, nas corridas e nos jogos. No Pereiro, no largo do Rato, no Adro, na Estrada, no bairro da Mocidade, no pátio da Escola... E ele ali sentadinho, às voltas e a sonhar...

– Podes sair. O pão está torrado e molhado. Queres comer?!

O acordar com que se sonhara todo o dia, pão molhado em azeite fresquinho. Só que a brincadeira dessa tarde também se fora...

As viagens que eu fiz naquele banquinho!... E outros Meninos da nossa Aldeia.

– Avô, queres que te conte uma história da Aldeia, que vem aqui na Internet?!

MEDOS DA ALDEIA A GIESTA

O princípio do mês de maio, naquele final da década de 40 do século passado, não dava folga aos nossos camponeses: as regas, as mondas, as sachas, as caldas, a guarda do rebanho, o aterrar dos pés de milho... Saía-se cedo de casa e só depois do sol posto se começava a pensar em regressar à Povoação. Trabalhar de sol a sol. Mesmo depois de ele se por.... Dormir nas choças havia de ser dali a poucas semanas. Para “ganhar tempo” e “matar” ainda mais aqueles corpos sempre prontos para deitar mais uma gota de suor e para fazer mais um esforço. Era, pois, um mês decisivo na existência das nossas Gentes.

Aquele dia fora igual a tantos outros e era preciso regressar. O jovem casal ia reparando nas Crianças, dois meninos, de pouca idade, enquanto as vacas, mansamente, iam pastando na farta relva, à volta da represa da Tapada do Cabeço. Ali trabalhavam, de renda, desde o seu casamento, fizera meia dúzia de anos.

– Carminda, vai andando com os Garotos, que eu já carrego os molhos de erva, ponho as vacas a caminho e apanho-te, num instante.

Vai ficar noite, não tarda... Cesto a transbordar à cabeça, cesta de verga enfiada no braço, dá a mão ao mais pequeno e diz para o mais velhinho:

– Vamos, Filhos, está a fazer-se tarde. Vá! Vamos depressa.

Até casa poderiam gastar o que restava de luz dos longos entardeceres da Primavera. Fora mesmo um dia e tanto! Mãe e filhos meteram-se a andar, passaram, com dificuldade, pelas “poldras” da Ribeira, onde a água ainda não faltara, saudando os já poucos que, ainda nas hortas e vinhas adjacentes ao caminho, davam também por findas as tarefas dessa jornada.

Na suave encosta para a Aldeia, ali estava o “Bacelo”, grande vinha, castanheiros frondosos, depois o pinhal, as sobreiras e as oliveiras pontilhando os campos ou na borda do caminho assoreado aqui e ravinado além pelas chuvas da longa invernia já distante. Não havia sombra desta ou daquela árvore, mas um crepúsculo geral, que ia envolvendo toda a paisagem.

Ali, na curva da vinha do Ti Félix, começava a última ladeira, antes de se chegar a um nível em que de lá se avistaria o vulto da Aldeia.

– Ó Mãe, está ali um homem agachado... – murmurou o mais crescido dos miúdos.

A Mãe, jovem bela e desempenada, nos seus 27 anos, era um pouco assustadicha e também notara, mal chegara ao fundo do pequeno declive, que algo não estava bem, lá no cimo.

– Então, Filho, não vejo nada... – retrucou, aparentando a valentia que não sentia.

– Sim, Mãe, está ali um homem agachado à nossa espera! – teimou o pequeno, voz ténue, pernas a tremer, agarrando-se à saia materna.



O andar dos três tornou-se mais vagaroso, quase a marcar passo. Sabiam que atrás vinha o homem da casa e o “problema” poderia resolver-se “de igual para igual”. Mas, nestas coisas de medos, os minutos tornam-se eternidades e as dúvidas pequenas em certeza enormes. Não havia mais hesitações! Estava ali um homem agachado, à espera de Mãe e filhos...

Com um nó na garganta, conseguiu clamar para o marido, que devia estar já ali mesmo atrás e não havia maneira de aparecer:

— António, ó António!!!

Nem resposta. Fosse pelo bater dos canelos dos animais nas pedras e areia do caminho, fosse porque a distância se tornara maior do que se pensara, o Pai das Crianças é que não deu resposta.

— António, ó António, onde é que tu estás, homem?! — gritou, de novo, quase em desespero, agora com a marcha interrompida.

— Que ééé, Mulheer?! Então o que é que se passa?! Eu estou bem e já passei aqui o portão do senhor Amaral... — exclamou ele, voz forte, sabendo quanto ela era “medricas”

A voz do Pai e marido voltou a encorajar o trio, que retomou o caminhar em direção ao Lar. Devagarinho, não fosse o “Inimigo tecê-las”... Já sentiam o andar dos animais e a presença tranquilizadora do “chefe de família” nas suas costas, quando atingiram o cimo da rampa. Cá estava “ele”, o “autor” de tamanho susto, o “homem agachado” ali mesmo, à saída da vinha do Ti Félix, uma Giesta “negra” que quase todos os dias viam duas vezes. Pelo menos...

— Olha... é a giesta!!!- murmuraram quase em simultâneo.

Um suspiro de alívio, um sorriso amarelo e uma gargalhada nervosa. Depois... o retomar do caminhar apressado, em direção à ceia parca. E à caminha

MEDOS DA ALDEIA AS BRUXAS

As noites eram longas e os serões um momento de convívio e partilha das vidas de cada um e da Comunidade.

De fora, raramente chegavam notícias. Sem rádio nem TV, sem jornais nem revistas, um elevado número de analfabetos constituía o alfobre ideal para que as bruxas aparecessem e por lá permanecessem.

As famílias reuniam-se à volta da lareira, fonte de calor e de luz, onde a ceia era cozida em panelas de ferro e também era aquecida a água para as lavagens e trato dos animais.

Acabada a ceia, o convívio estabelecia-se entre os mais velhos, as Crianças a escutar, enquanto o sono não as levasse para a cama.

Abundavam as castanhas e elas eram um sólido complemento das parcas refeições, cozidas ou assadas. De vez em quando, a Ti Vicenta entrava por ali dentro, na esperança de uma noite menos longa e também na de levar os pés quentes para a cama sem grande gasto na pouca lenha de que dispunha e também na de sair com o estômago mais confortado.

Não tendo novidades para dar, a conversa conduzia, quase sempre, à “certeza” de que havia bruxas pelo Mundo. E de que também na Aldeia elas tinham assentado arraiais. Até as conhecia. Depois... era um desfiar de histórias fascinantes e aterradoras, que faziam os gaiatos mexer-se, inquietos, nos seus assentos e sentir arrepios na espinha, enquanto se chegavam mais p’ra junto do lume crepitante da lareira.

— Estás com medo, filho?! — perguntava a jovem mãe.

— Não, Mãe, é frio... — encolhia-se o garoto armado em valente.

— Vejam bem — contava a vizinha, já sexagenária, numa voz calma e convicta — que ELA, mal entrou no forno de cima, logo o pão da Angélica baixou no tabuleiro como se não tivesse levado crescente... E o Joaquim Bento apanhou-a mesmo em cima da vaca, que ficou doente e quase a morrer. Ainda hoje não sabe como entrou no palheiro. Talvez pela fechadura. Mas saiu pela porta com a vara das vacas a estalar-lhe no lombo... — rematava muito convencida.

As histórias de bruxas da Ti Vicenta, do Ti Joaquim Cabeco, da minha avó... tinham que se lhes dissesse. Não havia idoso que se considerasse digno desta sua condição que não tivesse contactado com uma bruxa, pelo menos uma vez na vida.

Estávamos nos anos cinquenta!

Também conheci “bruxas”. Mulheres velhas antes do tempo, carregando um enorme peso insuportável de levar, em forma de carimbo: bruxa. Pobres, humildes, simples,

cabisbaixas, olhos no chão, não fosse o “mau olhado” traí-las e complicar-lhes ainda mais uma vida já de si bem complicada. Não tinham trabalho, ninguém lhes confiava trabalho, “não fosse o Diabo tecê-las”...

Sobreviviam da esmola, que não lhes era dada por solidariedade, mas por medo de que a sua recusa pudesse trazer coisa má à família.

Havia situações em que a “bruxa” podia ser um “bem”: havendo suspeita de que o bruxedo havia entrado em casa, nada melhor para o combater do que ir à “concorrência”. “Tirar os acidentes” com rezas e benzeduras e pingos de azeite em prato raso de água, defumadouros de alecrim, incenso e asperges de água benta.

Muito antes de os garotos aprenderem a ler, já sabiam “fazer figas” para que as maléficas bruxas não lhes pudessem fazer mal. E, com a irreverência tão própria da infância, não “faziam figas”, às escondidas, como os adultos, com as mãos escondidas nos bolsos ou debaixo do avental, antes hostilizavam as infelizes destinatárias com os punhos e dedos bem preparados para o esconjuro... e o anátema “Bruxa!”

Tudo e todos podiam ser “vítimas” das bruxas. Pessoa ou animal doentes... provavelmente embruxados. Cozedura de pão que corria mal por deficiências na farinha ou no amassar... embruxado, com certeza. Sementeira que não produzia o esperado... o “mau olhado” andara pelos campos.

Depois... a Escola, a Instrução e a Educação foram quase tão fatais para as bruxas como a própria Morte que as levou. Para seu e nosso descanso.

Nos tempos que correm... poucos acreditam em bruxas. Mas vendo e ouvindo os nossos políticos e governantes e tendo consciência do estado a que isto chegou havemos de exclamar:

— Mas lá havê-las... há!!!

Só por “mau olhado”!!!

MEDOS DA ALDEIA A TROVOADA

Sob o calor sufocante de final do mês de julho, as malhas estavam feitas, as palhas arrecadadas, as rendas pagas e as arcas e arcazes dos que tanto haviam trabalhado e suado as camisas de cotim, naquele ano, ficaram de maneira a alegrar o coração. O alimento dos filhos estava garantido.

Para as sementeiras, no Outono, logo se veria...

As terras dos milheirais, sachados e aterrados e as do feijão pequeno suspiravam por água como de pão ansiavam as bocas dos pobres. Dias e dias de calor intenso e nem uma nuvem que escondesse aquele sol abrasador, que aliviasse aquele ar quente que queimava as gargantas e secava os pulmões, respiração ofegante.

Pelas festas de S. João e de S. Pedro, alguns orvalhos e umas poucas chuvas ainda trouxeram um alento àquela vida que brotava da terra, mas nada que pudesse garantir colheita capaz de “tirar a barriga de misérias”.

Também a Padroeira, Santa Maria Madalena, era amiguinha de trazer aquela chuva bem chovida por que todos suspiravam. Mas haviam passado e nada... e os renovos, vergados ao peso daquele calor tão intenso, definhavam.

Ao jantar, sol a pique, comera-se da farta sopa camponesa, do pão e do queijo, à sombra dos eucaliptos, lá no alto do pequeno outeiro, declives suaves, a dar para a Ribeira. Uma soberba paisagem enchia os olhos e acalmava a alma. Monsanto, Aranhas, Salvador, Medelim ali em volta, até onde a vista podia alcançar.

Com as altas temperaturas, o ar tremia como se estivesse com maleitas. Sob calor intenso, aproveitaram para gozar da hora da sesta num bem merecido e pouco reparador sono, em cama improvisada sobre a terra...

Primeiro como num sopro, depois a agitar as folhas das frondosas árvores uma brisa suave e refrescante começou a correr, vinda do Sul, da campina de Idanha, e lá muito ao longe as nuvens começaram a aparecer e a deslizar sempre subindo, subindo.

Não tardou que se ouvisse, ainda longe, o ribombar dos primeiros trovões. Depois, lenta e firmemente, com ruído e com estrondo, o céu azul foi desaparecendo e as nuvens negras, ameaçadoras, ocuparam todo o espaço.

As primeiras gotas da chuva cada vez mais intensa foram abafando o pó da terra sequiosa. No ar, começou a sentir-se o agradável odor do chão molhado. Entre relâmpagos e trovões, fazia-se a contagem para calcular a distância e, de repente, foi como se o céu se abrisse e a água desatou a cair num desatino.

Refugiados debaixo do telhado da modesta habitação, os camponeses que, ainda há pouco, bendiziam a chuva como a salvação de toda uma colheita, fechavam os olhos à luz dos relâmpagos e estremeciam com o ruído ensurdecido dos trovões, as crianças tapando os ouvidos. As telhas não suportavam todo o caudal e aqui e ali as goteiras caíam dentro do acanhado edifício.

O largo em frente estava num “lago” e, pelas encostas, as torrentes de águas desenfreadas traçavam sulcos e arrancavam as plantas. Lá, na “baixa”, em poucos minutos apareceu o “mar”. Tudo coberto de água. Nesta altura, como em tantas outras, a Fé tomou o seu lugar: “Santa Bárbara bendita nos acuda!”

A chuvada era intensa, trovões e relâmpagos não paravam. As faíscas descarregavam em direção à terra, em sulcos de luz fascinantes e medonhos. Splash... splash! Catra-pum... pum...puumm. E mais um, e outro, ainda outro, o mundo ia acabar. O altivo sobreiro, ali a pouca distância, que durante anos crescera na beira do caminho, atingido por uma poderosa descarga elétrica, rachou de alto a baixo. Num abrir e fechar de olhos. Nem isso.

Os camponeses caem de joelhos.

— Nossa Senhora da Graça, valei-nos! Santa Maria Madalena, rogai por nós! Santíssimo Sacramento, tende piedade de nós. Almas benditas do Purgatório, rogai por nós!

A chuva torrencial não para de cair. Os trovões e relâmpagos atormentam olhos e ouvidos. Splash... splash... splash... Catrapum... Catrapum... Pum... Pummm... puuummm!!!

Regatos e ribeiros, valetas e barrocas, começaram a transbordar. A Ribeira, lá ao fundo, devia estar pelo meio, “de mar a montel” Tanta chuva há muito que se não via.

E não havia maneira de abrandar. Sempre mais e mais. Relâmpagos, raios em direção à terra, iluminavam a tarde que se fizera noite. O ribombar dos trovões atemorizava as gentes, que se sentiam ainda mais pequeninas neste afirmar de força da Natureza.

Mesmo em frente, espreitando pela porta entreaberta, o olhar de água do Pai, mais corajoso que curioso, ia informando o que conseguia ver do espetáculo que enchia todo o horizonte:

— O Ribeiro do Forninho está já a deitar fora. A Ribeira deve ir de “entulho”. Olha, Ribeiro começou a pular para a horta do guarda-rios...

— Santa Bárbara Bendita, levai esta trovoada lá p’ràqueles matos maninhos, onde não haja mulher com menino nem vaca com bezerrinho... Aflita cheguei à Cruz, aflita cheguei a vós, Senhora do Carmo rogai por nós! — rezava a Mãe com os garotos agarrados a ela.

— O muro da horta do guarda-rios não vai resistir. A água está e pular. Olha... já foi o muro e a horta... A Ribeira acaba de pular para dentro da nossa Tapada. Sorte foi termos arrancado as batatas... O resto... logo se vê... — informava o Pai conformado e calmo.

— Senhora do Carmo, rogai por nós, Senhora da Graça, valei-nos! Senhor Jesus, tende piedade. Tanta falta que a água cá fazia e agora uma coisa assim!!!! Santa Bárbara bendita, levai esta trovoada... Sagrado Coração de Jesus, nós temos confiança em Vós! Avé Maria, cheia de graça...

A chuva começou a abrandar. Os relâmpagos e trovões mais esparsos. Os campos alagados, quase não deixando ver as plantas.

Os pastores, encharcados dos pés às cabeças, mesmo recolhidos na choça, muito a custo mantiveram o rebanho unido, dentro do bardo, animais também aterrorizados e encharcados.

O caminho transformara-se num ribeiro com a água da enxurrada arrastando pedras e terras.

O tempo fora passando, lentamente, como sempre em ocasiões de aflição. A trovoada amainara. Da capoeira saíram as galinhas com as penas a escorrer água, aventurando-se a caminhar sob a chuva que ainda caía. Os cães voltaram do palheiro, ainda amedrontados, sacudindo a água do pêlo.

Adultos e crianças vão retomando a normalidade das conversas. Pai e mãe deitam contas à vida.

— Com estará a horta?! E o melancial?! — interrogou-se o pai, em voz alta. — Olha se não temos arrecadado as batatas... Podia ser pior... — acrescentou, tentando sempre olhar as situações pelo seu lado bom.

— Ah! O milho que se salvar é que vai agradecer tanta água... — acrescentou a Mãe, procurando tirar proveito de uma situação que sempre a assustava. Havia um novo “podia ser pior”...

Perdurava na memória da Aldeia a nunca esquecida “trovoada do Carriço”, durante uma noite, anos atrás, em que a Ribeira transbordara, já a caminho de Medelim, e levara o rebanho, o Carriço e a família, a dormir na choça, para nunca mais...

A tempestade, lentamente, afastou-se em direção a Norte. As carregadas nuvens escuras deram lugar a outras que foram clareando a tarde que caminhava para o fim.

Lagos de azul no céu e o sol ainda a espreitar a terra agora farta e cheia de esperança. Mesmo na calamidade que levou muros e hortas.

A água... esperança e desespero da nossa terra, chegara. Uma bênção de meter medo.

MEDOS DA ALDEIA OS “ALACRÁRIOS”

Raparigas cantai todas,
rapazes cantai com elas.
Que não haja um dizer,
nem nos rapazes nem nelas.
Óloai larilólou!!!! Óloai larilólela!!!

O mês de agosto avançava e o calor torrava campos e pessoas. Para serem descami-sadas, carradas de canas de milho haviam sido transportadas e colocadas à sombra das oliveiras e sobreiras, numa espécie de círculo cujo centro era o tronco das próprias árvores.

Depois, os ranchos que haviam sachado e mondado, aterrado e cortado os “seus” mi-lhos ali estavam, num trabalho bem mais feliz e alegre, a separar as loiras maçarocas, que haviam de dar as alegrias da farinha para as broas e do “carolo” das papas, a matar a fome lá nas noites de inverno.

A maioria das personagens empenhadas nesta alegre tarefa campesina eram mulheres e adolescentes, por vezes crianças em jeito de que “de pequenino se torce o pepino” e a eira, ali ao lado, ia ficando composta, oferecendo o esplendoroso espetáculo das douradas maça-rocas a brilhar sob o quente e refulgente Sol de Verão. Para completar a secagem que havia



de conduzir à tão desejada malha, sob o bater dos manguais empunhados por homens de “antes partir que torcer”.

A descamis. Depois da vindima, era, por certo, o mais alegre trabalho campestre lá pelos anos 50. Feito à sombra, em alegre cavaqueira, histórias de anos passados eram ali trazidas à conversa, e toda a novidade de um meio sem notícias passava por um trabalho que ocupava a maior parte da Aldeia, a Norte e a Sul, a Nascente e a Poente. No meio de alguma brejeirice, um piropo para aqui uma “ferroada” ali e o trabalho decorria repetitivo e a gosto.

Nesse Verão, motivo de chacota era aquela de “O Presunto”, um Monsanto, em “his-tória de amores e ciúmes” ainda hoje mal contada, quando chamado a passar dos “consi-derandos” aos “finalmente” haver pegado num cacete e haver posto o “rancho d’Aldeia” em debandada.

Num “povo de poetas e músicos” a brincadeira pegou logo e era cantada por aqui e por ali, no meio de gargalhadas e dichotes bem atrevidos:

“A tia Fidalga Velha, óai, a tia Fidalga Velha,
ai..., fugiu toda atrapalhada....

Para detrás de um barroco,
óai, para detrás de um barroco,
Ai, só p’ra dizer que não viu nada.”

“Não me digas que sim,
não me digas que não,
O rancho do carvalhal já não vale um tostão.
Já não vale um tostão, já não vale um pataco,
O “Presunto”, sozinho, fez fugir vinte e quatro...”

E a cantiga ia crescendo, crescendo, conforme a arte e o engenho malicioso de cada um.

Com espetos de pau de esteva ou de marmeleiro, ou com facas e navalhas a preceito, as camisas do milho, caneira a caneira, eram rasgadas e as maçarocas libertadas iam enchendo cestos, baldes e caldeiros de lata para serem despejados nas lajes da eira, quase sempre perto.

Quando a colheita já assumia algum significado, era ali que se juntava o que fora se-meado, tratado e recolhido em campos dispersos e colocado, ali, à beira daquele espaço formado de duras lajes de granito, a eira.

Este trabalho quase leve e de alegre boa disposição, à sombra, culminava na recolha do fruto de longas semanas de trabalho, que começaram pela sementeira do milho lá quando o cuco e as andorinhas apareciam a anunciar a Primavera a dizer que era tempo de arar.



Nesta alegre tarefa de descamisar o milho, havia sempre um certo “jogar à defesa”, não tanto dos mais afoitos, mas quase sempre dos mais medricas. Naquele tempo, ainda havia lacraus. Muitos mesmo. Era fácil encontrá-los, havendo quase um debaixo de cada pedra que se levantasse.

E a sua picada era conhecida de todos, uns de experiência própria... outros de ouvirem e verem. Nada de brincar!!!

Ora, estes simpáticos bichinhos, cuja picada tão dolorosa bem senti, tinham por hábito esconder-se debaixo dos montes de milho cortado. Assim, era com alguma precaução e olhos bem abertos que se iam puxando os caules empilhados para serem trabalhados, sem dissabores de maior.

Mesmo assim, não se passava uma descamisagem sem que houvesse um mau encontro com aquele que era capaz de, em golpe rápido, vir agarrado e ferrado num dedo, mesmo na mão. O “artista” acabava mal e a vítima ia padecer um bocado.

Estava quase na hora do jantar, sol a pique, ondas de calor a cortar a respiração. Caule a caule, cada um ia tomando conta no seu trabalho: maçarocas no cesto, canas bem alinhadas para serem bem secas, atadas, para alimento dos animais, nas longas e frias noites do Inverno que chegava sempre, a seu tempo. A conversa estava agora mais calma, os cantares mais esparsos e menos vivos, a fome e a sede a apertarem e o calor sempre a aquecer.

— Olha, o sacana, apanhou-me mesmo em cheio!!! E não larga... E logo havia de ser na “berra” do calor.

O alarido generaliza-se, opiniões de “faz assim”, “faz assado” eram de sobra. Uma sacudidela mais forte faz o lacrau largar o dedo que ferrara, mas não teve êxito na tentativa de



se voltar a esconder debaixo das canas. Ou do que quer que fosse. A partir do momento em que atacara o homem... o seu destino só podia ser um... morrer.

Todos sabiam que a picada do lacrau não era para brincadeiras, num tempo em que só a medicina caseira havia inventado algum antídoto.

Homem de “mais vale partir que torcer”, o Fernando, a custo retinha as lágrimas, enquanto ia praguejando e soltando alguns ais bem doridos. Com a navalha bem afiada, “a frio”, alargara-se o orifício da picada, espremera-se o sangue “envenenado”, que gotejava lentamente. Um mais afoito mete a ferida na boca, chupa e cospe repetidas vezes não vá o diabo tecê-las.

Devagar, o pessoal vai-se preparando para a refeição do meio dia.

Alguém se lembra de que na modesta casa campestre, ali perto da eira, haveria “Gaiacol” o remédio com que se aliviavam as dores dos dentes tão frequentes numa época em que apenas se ia ao “dentista” para arrancar, a frio, dentes cujas dores já se tornavam insuportáveis.

Realmente, o efeito analgésico do “Gaiacol” fez-se sentir.

O Fernando não juntou, nesse dia. Como se tivesse maleita, enrolou-se numa manta de farrapos e ali, à sombra da sobreira, foi sofrendo, gemendo e dormitando. Quando o sol já se escorria para trás da serra, num repente, levantou-se, em meio de risadas e palmas e exclama:

— Maria, larga o milho e vamos regar a horta, que este calor deixou tudo murcho.

Eram assim, os nossos camponeses, sem direito a baixas nem a greves. Só o trabalho os esperava, nem sempre certo, quase sempre mal pago.

MEDOS DA ALDEIA OS “ABOBRINHOS”

Eram trabalhosos, monótonos e pacíficos os dias de Verão.

Ceifas, malhas, regas, pastorícia.

Ar quente e abafado, quase irrespirável, lábios ressequidos, aliviados com a água fresca das minas e de poços de maior confiança, donde não pudesse vir uma febre tifoide ou, no mínimo, uma dor de barriga de deitar a correr.

A melhor água era a que jorrava das fontes graníticas ou de um ou outro chafariz aqui e ali.

A fonte da Tapada do Cabeço, a Fonte dos Leitões, as fontes da Tapada da Barroca, a da Cecília, a Fonte Fria, a da Tapada da Tenda, a da Malhada da Viseira... tantas... tantas.

O Povo sabia que a água bem cuidada era quase garantia de um Verão sem cuidados de maior... para além dos “sarilhos” apanhados com fruta quente ou verde. Ou verde e quente.

Pela hora do jantar (meio-dia) e naquele espaço de tempo que dava lugar a uma pequena sesta, tão repousante quanto o calor abrasador o permitia era vulgar haver redemoinhos aqui e ali mais ou menos bravos que podiam pôr tudo de pantanas e causar prejuízos de certa gravidade numa agricultura de subsistência.

Os burburinhos, a que hoje chamamos tornados e que vemos, de vez em quando, na TV.

Pois, nos anos 40 e 50, muitos e muitos burburinhos tive ocasião de ver.

A superstição popular ligava aqueles movimentos “diabólicos” a “coisas do outro mundo”, “almas penadas”, a cumprir danada missão, com “contas por ajustar”.

De maneira geral, os nossos burburinhos levantavam mais pó do que davam prejuízos para contabilizar.

Que nem valeria a pena, pois ajudas de ninguém da Terra lhes viria.

Rezava-se então para que aquelas “almas danadas” fossem levadas lá para bem longe de todo o ser vivo, para que de lá não viesse mal algum.

Contavam-se as histórias mais incríveis.

O Vieira, guardador de rebanhos, envolvera-se à paulada com um “endemoinhado” e fazia gala de contar que o “outro” não levava a melhor, apesar de apresentar as roupas bem esfarrapadas e a cara vermelhona como se as mais valentes chapadas lhe houvessem sido aplicadas, sem dó nem piedade.

Também a da Peta, uma Maria Rapaz, pronta para todos os desafios.

Estava empoleirada numa figueira, quando ali por perto se começou a formar um borborinho.

Atrevida e travessa não esteve com meias medidas e toca a desafiar, a chamar nomes “feios” ao “abobrinho”.

Atrevida esta rapariga, que nenhum rapaz lhe pusesse a mão. E a figueira a abanar, a abanar, e ela a gritar, a desafiar, a praguejar.

E a figueira quase a soltar-se pelas raízes e a Peta a gritar agora de medo e de raiva e quem via rezava ou ficava mudo de espanto e temor. Uma luta de fazer medo.

Eis senão quando as saias da rapariga vão pelos ares – contou quem viu e ouviu!!! - e três valentes palmadas foram aplicadas naquelas nalgas roliças e juvenis que – diz quem ouviu e viu – ficaram mais vermelhas que pimentos malaguetas.

A Peta até ficou gaga por uns tempos e jurava que com outros é que não queria mais brincadeiras.

Ainda um pastor, o Tó Quim, se atreveu a lutar à navalhada com um borborinho que lhe passou perto.

Navalha lançada na guerra e, sem saber como, é-lhe arrebatada da mão....

Pois quando mais tarde foi recuperada, suja de sangue, nunca se chegou a saber se do próprio dono, o que ele sempre negou, se da “alma de outro mundo” que ele conseguira “fazer sangrar”.

Estas algumas das histórias que escutei, sem pestanejar...

Vi burburinhos que levantaram canas de milho espalhadas, em paveias, pelas baixas, indo cair a centenas de metros do local do “roubo”.

Vi levantar a palha de uma eira, ficando espalhada por aqueles campos, levada em cone medonho e fascinante.

O Povo rezava a todos os Santos do Céu e a Deus e a Nossa Senhora e ao Santíssimo Sacramento para que o Mafarrico fosse pregar partidas lá para aqueles matos maninhos.

Respeitinho e medo, superstição e Fé tudo misturado num fenómeno de que ninguém sabia dar explicações.

“O Latas”.

Foi o maior dos “abobrinhos” que vi, lá nos tempos em que andei pelas margens da nossa Ribeira.

A tarde estava quente, abafada e, de repente, quase se sentiu frio.

Ali na pequena várzea da Tapada do Cabeço, com o milho para ser apanhado, começa a formar-se um pequeno cone de poeira, terra, canas de milho.

Sempre a crescer, a crescer, um barulho surdo e medonho começa a assustar a Mãe e as Crianças.

Joelhos em terra, rezas fervorosas para que aquele “demónio” se vá dali.

Depois vai o restolho, e os ramos cortados e os quebrados.

E as silvas espalhadas pelos valados.
Um roncar atroador enche de terror e espanto os que assistem, ali na margem esquerda da Ribeira.

De repente, começa a deslocar-se e leva tudo o que pode apanhar, ora numa das margens da ribeira ora na outra.

Por fim, decide-se por caminhar em direção a Sul, seguindo para jusante.

Baldes, caldeiros, latas, choças, cancelas, canas de milho, restolho, chapas de zinco, tudo a bater num estranho som, quase infernal.

Por onde foi passando deixou marcas, “varrendo” ambas as margens da Ribeira, ora a esquerda, ora a direita, num serpentear caprichoso e medonho.

Depois, lá para a Tapada da Ribeira foi abrandando, a luz do sol recomeçou a clarear a tarde, os objetos voadores foram aterrando e, durante muito tempo, “o Latas”, como o batizou a Ti Belarmina do “Caixa”, deu que falar.

Ninguém se lembrava de um burburinho assim, a tocar latas, num barulho ensurdecedor.

Nem consta que viesse outro depois.

Para sossego dos nossos Camponeses.

MEDOS DA ALDEIA A FOME E OS SEUS ALIADOS

A invernia caía travessa, cruel e não havia quem desse “um dia a ganhar”. O pouco de comer que se juntara, no Verão e no Outono, já só dava para sacudir as bolsas, os sacos e os taleigos na esperança de que ainda por lá ficara grão.

Lares com seis e sete filhos.

Era uma dor de alma vê-los enganar a fome com água, um fio de azeite grosso e sal, umas couves mal-amanhadas, cozidas em lume fumarento de lenha verde que mal dava para aquecer e alumiar aquela “cozinha” desconfortável e insalubre, de forma a que desse a aparência de um caldo decente.

Um resto de castanhas que um vizinho oferecera podiam fazer uma enorme diferença,
– Mãe, quero pão...

Não se pedia pão com queijo, com azeitona, com um bocado de toucinho. Simplesmente PÃO!

A Guerra terminara, em meados de 1945 e, por todo o Mundo, ficara o seu cortejo de misérias e necessidades, que também se estenderam ao nosso Portugal. O racionamento fora imposto, nos bens “essenciais”, a toda a população: massa, arroz, açúcar, sabão, farinha, pó de café... um tanto por cabeça, quando não havia batota, ao tempo muito menos desca-rada – ou mais escondida? – do que nos dias em que hoje vivemos.

Quase todas as crianças iam descalças para a escola, grande parte delas enganando o estômago com água “suja” de café, umas gotas de leite uma riqueza.

Almoço a sério, logo de manhã, era privilégio de muito poucos. Escola sem aquecimento, sem luz, dezenas e dezenas de alunos mal instalados, dois professores – uma para as raparigas e outro para os rapazes. Cantina escolar, na Aldeia, nunca se ouvira falar. Pelo meio dia, a Casa Grande oferecia um prato de sopa a quem lá se chegasse a tempo, antes que acabasse. Outros iam a casa, no intervalo de jantar, na esperança de um milagre, que podia ser uma fatia de pão centeio e meia dúzia de azeitonas.

Nos dois fornos comunitários da Aldeia é que se cozia o pão com a pouca farinha que se ia conseguindo, moendo o grão pelas azenhas da Baságueda, do Ti Feco, ali ao Açude, ou na mó movida pela força braçal da Maria Júlia.

Também se podia trocar grão por farinha, na fábrica do Salvador, na de Medelim, na de Aldeia do Bispo, a mais recente, ou até em Penamacor.

Isto para quem tivesse ainda grão, ou com que comprá-lo junto daqueles a quem, atempadamente, haviam sido pagas as rendas. Pago com dinheiro que quase não havia

ou com a força do seu corpo, dali a umas semanas, quando recomeçassem os trabalhos do campo: sachas, cavas, mondas, podas...

Mas voltemos aos fornos: o cheirinho do pão a cozer ainda fazia mais fome naqueles já por ela muito atormentados. Rara era a fornada que não tivesse, ao sair do pão, ali um grupo de crianças e até adolescentes a “obrigarem” que uma ou outra mulher mais generosa lhes partisse um dos seus pães e o distribuisse quase que num renovar do milagre da multiplicação evangélica.

Sem direito ao “peixe”... Não eram esquisitas estas Crianças e a expressão “Não gosto” era-lhes desconhecida.

Frequentemente, os mendigos andavam de terra em terra a pedirem “o pão nosso de cada dia” e a ouvirem também a frequente resposta de que

– Nosso Senhor o ajude, que eu já não posso. Impossível dar a todos. Tenho bocas para sustentar...

Tanto na fome como na doença a Comunidade, cheia de necessidades, “bastava-se” a si própria, sofrendo e partilhando. Não raro se passavam cinco ou seis dias na cama com uma feroz amigdalite ou uma gripe em que o único remédio era o gemer constante e sofrido e uns chás e outras mezinhas caseiras, cujo resultado era mais fruto da Fé do que das qualidades curativas de alguns dos produtos usados.

Curar a dor de ouvidos com azeite quente, a papeira ou qualquer mal da pele com “unto sem sal”, a água das malvas para todos os males, a falta de apetite com passagem sob portas.... A bruxaria entrava, então em cena.

Sempre era mais barato do que a vinda do médico. E, na ausência de dinheiro para aviar a receita... o efeito seria sempre o mesmo!!!.

Na dor de dentes, nas dores de ouvidos... em tantas dores de corpos feridos e sofridos física, psíquica e espiritualmente. Ir a Penamacor ao Dr. Barbas, ou ao Dr. Rodrigoão, ou ao Dr. Moutinho e passar pela Farmácia era um verdadeiro luxo de muito poucos.

Mandar vir qualquer deles à Aldeia... então a coisa estava mesmo feia, o cheiro da Morte andaria por perto. Quase sempre para passar a certidão de óbito.

Mas voltemos ao tema da fome. Jamais poderei esquecer um episódio de que fui testemunha oculta e atenta.

Noite escura, casas escuras e cheias de medos - outros se seguirão a este - estava eu já na humildade de uma cama confortável, o vento a uivar e a chuva a cair e, que seria isto? Ouve-se um leve roçar na porta da habitação. Já as nove horas haviam batido e com uma noitada daquelas quem andaria na rua?!...

– Quem está aí?

A resposta foi tão suave e acanhada que a pergunta teve de ser repetida.

– Quem é que bate à porta com uma noite destas?

– Sou eu...

– Eu quem?! Que queres tu, miúdo? Já devias estar na cama.

Cama?! Poder-se-ia chamar cama a um monte de palha em cima do qual dormiam meia dúzia de garotos enrolados em mantas de trapos?

– Sou o Tó Manel e não vou para a cama que tenho muita fome. Não tive nada para a ceia...

Adoçou-se a voz da dona da casa. O Tó Manel, de um pai de muitos filhos, homem de taberna, maus fígados, que tanto malhava na mulher como nas crianças... barbeiro que só trabalhava ao sábado e no domingo de manhã, à fugida da GNR...

– Ó meu filho, entra e aquece-te. Já sabes que somos pobres, não tanto como vós. Vá aquece-te. Os meus filhos já estão na cama. Toma lá esta malga de caldo, que sobrou. Leva lá este bocado de pão e aquece-te e enxuga-te.

O Tó Manel tinha o meu nome e era da minha idade. Passados mais de setenta anos ainda recordo, doloridamente, esta cena tão comovente. Naquele tempo, como hoje. Uns de barriga cheia, a gastar dinheiro para emagrecerem, combaterem o colesterol e a diabetes e outros a estender a mão à Caridade na procura do que por Justiça lhes é devido.

O Tó Manel já não faz parte deste Mundo. Lembro-me sempre dele, com o dedo polegar direito amputado pela ferradura de um cavalo que lho pisará e esmagará, enquanto brincava junto dele com as mãos no chão.

Filho de pai alcoólico, não dei conta de que aprendesse, em tempo normal, o que era essencial nesse tempo: ler, escrever e contar...

Não foi uma criança feliz, não foi um adolescente feliz, não podia ser um homem feliz. Faltou-lhe, como hoje continua a faltar, o Amor de uma Família estruturada. Como acontece a muitos do nosso tempo, crianças ou velhinhos.

Verdadeiramente me questiono, hoje e agora, se esta democracia de brincadeira não nos vai aproximando de uma ditadura a sério?!

NOTA:

Na fome se inclui a doença, maus tratos, trabalho infantil, falhas na educação e na instrução, desamor, falta de trabalho ou trabalho mal remunerado, habitação indigna, vestuário de miséria, bem-estar quase inexistente...

PS:
A realidade foi conhecida e sentida pelo autor. As personagens e a forma do texto são fruto da sua imaginação. Outros medos?! Talvez...

MEDOS DA ALDEIA A GUERRA DO ULTRAMAR

As últimas guerras, que haviam devastado a Europa e grande parte do Mundo, iam caindo no esquecimento, a vida na Aldeia decorria monótona, sempre igual, com poucos momentos de festa e muitos de trabalho.

A Criançada enchia largos e ruas e as escolas novas transbordavam de rapazes e meninas a quererem aprender.

Os pais começavam a ter a certeza de que só a Escola livraria os filhos daquela “má vida” e faria a diferença entre um passado de servidão e um futuro com Esperança.

No alvorecer da década de 50 já o Seminário poderia ser uma porta de entrada – porque não de saída? – para uma maneira de encarar a vida que não fosse só trabalhar para os ricos, no Fundão ou na Guarda...

Quando vinham as férias grandes, nos meses de agosto e setembro, chegavam os “papa-figos” e os parentes da Aldeia, os irmãos, os sobrinhos e os primos, começavam a meter na cabeça que o arado e a enxada não eram tudo.

Seriam até um empecilho para agarrar uma outra vida a que já aspiravam.

Em meados de 50, entrou nas Aldeias o Padre José Pedro (o Padre Batista já arrancara, na Vila) sacerdote de grande visão no anúncio do Evangelho e na promoção da pessoa e, com ele, finais da década, o ensino particular veio preencher o que o Estado não fora capaz de fazer: educação e saúde para mais!

A que se segue a gente a vestir melhor, calçar melhor, comer melhor. Sem luxos de espantar.

Mesmo no dealbar da década de 60, há dois acontecimentos que serão fraturantes e determinantes no futuro da(s) Aldeia(s): o início da Guerra do Ultramar e a Emigração.

Embora a Emigração tivesse mudado, de forma muito acentuada, a vida das gentes do nosso Interior – as remessas dos emigrantes permitiram que o aspeto dos nossos povoados mudasse nem sempre da melhor maneira – e as pessoas se habituassem a um nível de vida nunca antes sonhado, pois dinheiro não faltava, a economia definhava, para chegar ao estado em que hoje a encontramos: morta.

O medo de emigrar bateu a muitas portas, normalmente levado de vencida, mas não é sobre este que vou refletir, pois as consequências da Emigração foram mais positivas que negativas no desejo de se alcançar uma vida melhor para quem trabalhava e para os filhos.

Mas a guerra!!!

A guerra, um dos maiores flagelos que em todo o tempo vem afligindo a Humanidade!

De costas para a Europa, Salazar acreditava ser possível construir uma sociedade multirracial e pluricontinental que fosse do Minho a Timor.

Era-nos ensinado, na Escola Primária, que a maior altitude de Portugal se situava num monte Ramelau, lá por terras da Oceânia e que o maior rio a regar terra portuguesa se chamava Zambeze.

Qualquer menino ou menina para fazer exame da 4ª. Classe, nos seus 11 aninhos, tinha de saber rios, afluentes, serras, caminhos de ferro, capitais, limites, cidades, produções, climas, montanhas, distritos, províncias, portos e praias e tanto se lhes pedia que os localizassem na Europa como na Ásia, na África ou na Oceânia.

E ainda com passagem pelas Américas, de onde se devia saber, pelo menos, que no Brasil se falava português, que fora descoberto por Pedro Álvares Cabral, que a capital era o Rio de Janeiro, cidade onde habitara a Corte, fora capital do Império e até tivera Imperador...

Ainda hoje fico impressionado com o saber das nossas Crianças, em dia de exame da 4ª. classe, nos dias quentes de julho, nas escolas da Vila.

Portanto, “politicamente”, a Nação estava preparada para se manter una e indivisível, quando se estava mesmo a ver que não era una, nem era indivisível.

Chegara a altura de as grandes potências europeias começarem a negociar as independências das suas colónias, normalmente colocando no poder governantes de confiança dos ex-colonizadores, com grande apoio militar, político e técnico das antigas metrópoles.

Quase sempre esses governantes se tornaram tiranetes e ditadores, perpetuando-se no poder até à morte ou sendo apeados em golpes de força militar.

Nalguns casos – Biafra, Katanga... – os interesses africanos nada tinham a ver com os dos imperialismos que ali se degladiavam pelos seus objetivos estratégicos e económicos.

Não só perante a desgraça que se via nos novos países “independentes” de África, mas também por cegueira política e falta de capacidade de diálogo com os movimentos independentistas das então chamadas Províncias Ultramarinas, Salazar e a sua “corte” decidiram que as novas independências eram inegociáveis e que Portugal seria sempre uno do Minho a Timor, como se vinha ensinando segundo o Programa Oficial para as Escolas.

Decisão que, menos de duas décadas depois, se havia de revelar uma enorme desgraça. Homens como Amílcar Cabral, Agostinho Neto, Eduardo Mondlane teriam de ser pedras basilares para que tanto a longa guerra e as consequentes sequelas pós 25 de Abril fossem evitadas e Angola e Moçambique, em ponto grande, as restantes Províncias, em ponto pequeno, se tornassem, verdadeiramente sociedades multirraciais justas e fraternas.

Mas o destino fora traçado, em 1961, 4 de fevereiro, com a eclosão do “terrorismo”, em Angola, início da guerra colonial e anexação de Goa, Damão e Diu pela União Indiana, em dezembro seguinte.

Fixemo-nos no que vai doer mais e era perfeitamente evitável, a Guerra Colonial.

De repente, grande parte dos jovens que haviam crescido sem a mínima ajuda do Estado Português, a não ser, ainda não para todos, o acesso à Escola, em condições mais que deficientes, vê-se mobilizada, com uma fraca preparação militar de 3 ou 4 meses, para uma luta de guerrilha, e embarcada, nas piores condições, com destino a terras que não conheciam nem queriam conhecer, lançados em matas quase impenetráveis, no meio das enormes dificuldades de sobrevivência e num grande sofrimento.

Com a morte de muitos, do “nosso” lado e do lado “deles”. Aos que caíram, de ambos os lados, sem saberem porquê nem para quê e aos que sabiam porquê e para quê deixo a minha homenagem neste pungente toque de silêncio.

“Para Angola e em força”, a frase proferida por Oliveira Salazar a 13 de março de 1961, para responder aos ataques feitos sobre os colonos brancos e boa parte da população negra da maior das então Províncias Ultramarinas.

Um esforço desmesurado vai ser imposto ao País em meios materiais e, sobretudo, humanos. Grande parte dos nossos Jovens, Adolescentes e até Crianças, naquele célebre dia daquela célebre frase, nem de longe nem de perto pôde alcançar de que maneira o seu futuro imediato e a curto e médio prazo havia de ser desenhado, sem que lhes fosse pedida qualquer opinião.

Salazar mandava, o Povo não discutia, como sempre acontece nas ditaduras.

Desde fevereiro de 1961 havia tropas mobilizadas para desembarcarem semanas depois no porto de Luanda.

As condições para as receber eram de todo impróprias: nem instalações, nem armamento, nem fardamento, nem equipamento, nem preparação e treino militar. Nem motivação política ou patriótica.

A grande maioria não sabia por que ia combater nem por que ia matar ou morrer. De repente, jovens lares acabavam de ser desfeitos, esposas sem marido, crianças sem pai, noivas sem noivo... parafraseando Fernando Pessoa.

Com o intensificar da guerra em Angola e a abertura das hostilidades na Guiné e em Moçambique foi imposta à Nação uma dolorosa sangria, com centenas e centenas de companhias e batalhões de combate, integrando o melhor de Portugal, a sua gente moça e generosa.

Depois de uma breve esperança de que a guerra, em Angola, não passasse de pequenas escaramuças se ter esvaído, com as mobilizações para a Guiné e Moçambique, nós, os

jovens e as nossas Famílias, começámos a dar-nos conta de que alguém nos metera numa coisa que nenhum desejava, a quase certeza de uma mobilização geral para irmos matar ou morrer, nalguns casos as duas coisas, numa idade em que só queríamos viver, divertir-nos, ser felizes e despreocupados.

E a lutar por ideais que dificilmente percebíamos, pois ainda houve alguma esperança de a guerra fosse apenas um meio de pressão para criar condições políticas para a independência e não um tormento sem fim que ia deixando de rastos o melhor de nós, os nossos jovens.

Falo por mim e creio interpretar o sentir da grande maioria dos que foram jovens comigo: não queríamos guerra, não queríamos ir para a guerra, não queríamos matar “terroristas”, nem queríamos ser mortos por esses mesmos “terroristas”.

Com o aproximar dos 20 anos, as inspeções militares em que toda a GENTE (menos cegos, surdos e coxos) era apurada para todo o serviço militar, quer nos interessados quer nas famílias o medo da convocação para o serviço militar obrigatório era mais que evidente.

Apesar de haver tropas especialistas em que apenas eram admitidos “voluntários” – comandos, rangers, paraquedistas e fuzileiros navais – era bem evidente que não queríamos a guerra e, muito menos, participar nela.

Depois, findas as comissões de cerca de 24 meses, começaram a chegar menos do que foram, alguns metidos em caixões, outros com deficiência físicas e psíquicas notórias – mesmo os que aparentavam estar bem vinham marcados com sequelas que podem ter durado até aos dias de hoje.

Na visão e na compreensão de tal desgraça tenho por mim que a maioria da nossa juventude temia a guerra e só participava porque era obrigada.

A certa altura, quando os mais esclarecidos começam a sentir que nada daquilo fazia sentido, sem intervenção política e negociações de paz, dá-se o princípio da deserção que, no entanto, nunca chegou a ter números verdadeiramente significativos.

A grande maioria optava, contra vontade, por embarcar, sofrer, lutar e, com sorte, voltar com honra.

Assim pensávamos, assim agíamos, com medo, claro, com medo corajoso, se é que faz algum sentido. Dezenas de nomes tornam-se rotineiros: Cais da Rocha Conde de Óbidos, Cais de Alcântara, navios Niassa, Índia, Infante D. Henrique, Vera Cruz, Príncipe Perfeito, Moçambique... marginal de Luanda, Grafanil, Nambuanguongo, Pedra Preta, Negage, Marginal de Lourenço Marques, Tete, Niassa, Rovuma, Wiryamu, Dili, Bijagós, Ilhéu das Rolas... Walters, G3, Uzi's, morteiros, bazookas, napalm, lança-chamas, canhões com e sem recuo, morteiros de 60, 81..., ração de combate, “golpe de mão”, catanas, canhangulos, minas... E também massacre, morte, invalidez, pensões de sangue... FNLA, FRELIMO, UNITA, UPA, PAIGC... com gente muitas vezes interessada só no seu próprio interesse. Havia de ver-se!!!



Choros e gritos de dor e sofrimento nas partidas. Choros e gritos de alegria, não para todos, nas horas dos regressos e dos abraços.

Para o bem - ainda havia mobilizações de “encher o olho”, dois anos de férias em S. Tomé ou Cabo Verde - e para o mal: sofrer, lutar, matar, morrer, fome, sede, calor, febres, mosquitos, vacinas, aerogramas, madrinhas de guerra, fotografias, saudades, “ressuscitar”, regressar. E ficar lá, vivos e mortos.

Teve a guerra um significado positivo para as populações dos territórios ultramarinos: abertura de estradas, construção de escolas e hospitais, integração de antigos combatentes que optavam por não regressar à Metrópole, desenvolvimento da economia, nomeadamente da agricultura, da pesca e de algumas indústrias.

A dada altura pensa-se que a população branca das Províncias Ultramarinas poderia rondar um milhão de pessoas, com dezenas e dezenas de milhares de mestiços e milhões de Negros, uns “convertidos” às teses de Salazar, continuadas por M. Caetano e outros verdadeiramente comprometidos numa independência política, social e económica para as suas terras, os seus países.

Independência total.

Com todas as consequências até as lutas fratricidas que levaram muitos dos mais entusiastas independentistas a refugiarem-se e a acabar os seus dias na velha Metrópole, com reformas pagas pelo Estado Português...

E muitos outros milhares só não fugiram porque não puderam ou não deixaram e acabaram vítimas de vinganças e ódios mais violentos que a própria Guerra Colonial.

O 25 de Abril era inevitável, como foi ou como poderia ter sido. Impossível a País pequeno e com dificuldades em encontrar “carne para canhão” que a guerra pudesse ser continuada. Treze anos de duração foi já quase um “milagre”.

“Milagre” doloroso!

Pena foi que a Revolução dos Cravos, à medida que o tempo passava, “descambasse” ainda em mais medo, mais mortes no velho Ultramar, a fuga de dezenas de milhares de cidadãos que, deste nosso Portugal, a antiga Metrópole, pouco conheciam, em mais sofrimento.

Mais sofrimento, que perdura até hoje.

E, entre nós, não garanto que a Democracia em que agora vivemos não nos traga mais medos que a ditadura em que fomos mandados para a guerra: despedimentos arbitrários, desemprego, pobreza, fome, medo, mentira, subserviência, oportunismo, compadrio, nepotismo, favorecimentos, corrupção descarada, falhas na Educação e na Justiça!...

E uma “Juventude à Rasca”, sem conseguir vislumbrar qualquer luz ao fundo do túnel... Que nos resta hoje?

Já não há o medo de ser apurado para o SMO, de ser incorporado na recruta e especialização, em terras até então desconhecidas de muitos e que tanto podiam ser Tavira, Serra da Carregueira, Lamego, Tancos, Santa Margarida, Castelo Branco, Beja, Setúbal, Santarém, Vendas Novas... como Serra do Pilar, Viseu, Mafra ou Aveiro, em cujos quartéis se formavam as companhias e batalhões com “miúdos” quase imberbes e que haviam de ser largados no vasto sertão ou no denso matagal africano.

Cheios de medo, uns chorando, outros envergonhando-se de o fazer, pois “um homem não chora”...

De uma Juventude louca e ingénua dos anos 60 restam, hoje, velhos alquebrados.

Ainda muitos a curtir medos e outros a sentir saudades, saudades do que viveram, saudades do que não lhes deixaram viver, saudades dos que não voltaram, ou voltaram para não contar.

Hoje, quem compreende porque e para que se fez esta guerra?

A guerra é um flagelo e quase sempre a pior escolha.

Nós, os que estamos vivos, enquanto o pudermos fazer e nos deixarem fazê-lo devemos tornar viva a memória daquelas vidas em flor que foram sacrificadas ainda tão cheias de esperança, mal sentindo estarem a “cumprir o seu dever”.

Inclinemo-nos, respeitemo-los e saibamos preservar o que de bom nos deixaram, o sentir de uma Pátria que foi grande.

E hoje tão pequena quão pequena é a pequenez da alma, da moral, da competência, da ética, do sentido de Estado e de Justiça, a tempo e horas, dos seus governantes e demais responsáveis de outros órgãos de soberania.

Depois que ao toque da alvorada se ergam vivos e mortos para celebrar o esplendor de Portugal.

A MERENDA

O mês de julho daquele 1953 decorria bem quente. Como de costume. Em direção aos “calores da Santa Maria Madalena”, dizia-se em Aldeia.

Os milheirais, animados com as salvadoras “trovoadas de S. Pedro”, de que tanto dependia a vida da nossa gente, para o tudo e para o nada, cobriam vastas courelas e o seu produto havia de ser resgatado, depois de regado também com “sangue, suor e lágrimas” lá mais para depois da Assunção. Sempre o calendário religioso a marcar a vida dos nossos camponeses. Nem havia outro. “P’lo Santo António”, “p’lo S. Pedro”, “p’lo S. Miguel”, “p’los Santos...” “lá p’ró Santo André” ...

Os centeios haviam sido cortados e transportados para as eiras, aguardando a sua vez de passar pela malhadeira, quando não eram debulhados pelos manguais empunhados por gente valente, de “antes quebrar que torcer”, ao som de “Vai... vai... coradinha, vai... vai...”

À volta das eiras, bandos de rolas recolhiam os grãos caídos para a sua própria subsistência e para alimentarem as crias instaladas nos ninhos espalhados pelos sobreirais e pinhais, em volta. O seu alegre “trru...truu” era música para embalar bebés e animar os trabalhos bem pesados, pois o cantar do cuco já se fora, com a subida da temperatura de um Verão como tantos outros: quente e incerto nos resultados.

Os restolhos ocupavam uma grande parte dos campos aráveis da Freguesia e os rebanhos entravam por ali dentro, numa época em que alimentar tantos animais era uma forte “dor de cabeça”. As hortas vicejavam em redor dos poços e ao longo da Ribeira. Os batatais começavam a amarelecer, as flores das batateiras haviam dado lugar a frutos que ninguém comeria e os tubérculos estavam prontos para se arrancarem de debaixo da terra e serem armazenados na frescura das lojas, lá na povoação, ou debaixo da sombra quente das sobreiras ou das oliveiras.

A Escola havia fechado, dias antes, a catorze, com os exames da 4^a. classe a decorrerem, em Penamacor, até ao fim do mês.

Por isso, quase toda a garotada, já em férias, acompanhava os pais para o campo, alguns para tomar conta dos irmãos mais pequenos, outros para darem uma ajuda na “formação” para aquela “triste vida” ...

O trabalho era muito e os braços poucos. E o dinheiro para contratar a mão de obra que escasseava, nesta época... era ainda mais escasso.

Estava então decidido que as batatas tinham de ser arrancadas naquela terça-feira. Os dois pastores haviam sido “conversados” para “alinharem” num trabalho mais pesado, sem dúvida. De enxada. Todo o dia.

E os garotos é que tentariam levar o rebanho à pastagem, na Tapada da Barroca, a caminho do Salvador, distante quase dois quilómetros do “campo” onde “assentavam arraiais”, desde abril até aos Santos.

Mal o Sol despontara, lá do lado da Senhora do Cabecinho, sentiu-se que o calor havia de fazer “estragos”, e os dois gaiatos foram levantados da cama pela Mãe, com a voz doce com que sempre os acordava:

– Vamos, filhos, têm de ir. Aproveitar a fresquinha. Vai fazer muito calor...

– Ó Mãe, tenho tanto sono...

– Vá. Depois dormem a sesta... quando o gado estiver a “rodear”. E logo à noite deitam-se mais cedo...

– Ó Mãe...

A muito custo, saltaram da cama, passaram a cara pela água fresca trazida da mina e, ainda pestanejando, com pouca vontade, foram petiscando do almoço geral, sem mimos nem esquisitices.

Num saco de pano, que a Mãe entregou ao mais velho, estava a merenda que havia de dar para alimentar os filhos até ao fim do dia. Simples, como tudo era simples, naquele tempo. Pão amassado lá em casa e cozido no forno público, azeitonas, queijo, um bocado de toucinho.

Uma navalha, que o mais velho já manipulava com alguma destreza. Receber a navalha das mãos do Pai era uma prova de maturidade, de confiança. Da primeira autonomia. Poder usar navalha, era das maiores aspirações dos candidatos a rapazes. Depois, conseguir partir fatias de pão, sem encostá-lo ao peito...

A água seria bebida, bem fresca, nas límpidas fontes a escorrer das fendas dos enormes blocos de granito, os barrocos.

Ao verem a bolsa com a merenda, os miúdos desataram numa lamúria.

– Mas vamos levar isso tudo? Nós não temos fome. Não somos capazes de comer “tanta coisa”!

– O que sobrar... trazeis...

O Pai começava a ficar impaciente com as demoras. O rebanho devia estar já a caminho. E perto do destino, pelo menos. Com o calor, as ovelhas iam “amarrar” para debaixo das sombras, sem se alimentar.

O que não seria bom para a “cobrição” das muitas das fêmeas, algumas já prenhas, com maior êxito nos animais melhor alimentados.

Habitualmente calmo, quase desesperava, quando o rebanho passou o portão de ferro, pintado de preto, da Tapada da Eira, a caminho do seu destino, levantando nuvens de poeira, com o dlim-dlim das campainhas e o dlão-dlão dos chocalhos, em diversos tons.



Aqui e além viam-se outras nuvens de pó provocadas por outros rebanhos, todos à procura do mesmo, quase sempre com crianças a tomar conta.

Que grande aflição passar um rebanho pelo outro, em caminhos estreitos e conseguir que ambos ficassem completos. Com carneiros de mau feitio, a marrarem-se ferozmente, podia acontecer que um deles morresse. Ou os dois. Chegou a acontecer.

Pelo caminho, no “chão” dos pais, tomado de renda, o João ajudava a mãe na rega da horta. O pai era carpinteiro e ficara a pregar tábuas, na povoação. Logo a seguir, o Tó guiava a junta de burro e vaca que puxava o charrueco com que o Ti Vicente tentava lavrar um recanto, lá no seu campo também arrendado à Casa Grande. Para um melancial mais tardio? Ou a tentar uma leira de feijão pequeno, que talvez ainda desse?

– Mano, vai lá a frente, ali junto ao “chão da Rosa Esteves”, e não deixes o gado seguir para a Tapada do Cabeço. Vamos para a da Barroca.

O Avô paterno represara a água da Ribeira e encaminhava-a pelas levadas, pelo que regava “a pé” o milheiral que se estendia nas margens do curso de água que lhe atravessava o seu melhor terreno. Um luxo. No custo e na ecologia, embora ninguém conhecesse esta palavra. Admirado, ao ver o “cortejo”, inquiriu destes dois dos seus muitos netos a razão de tamanha responsabilidade.

– Até logo, Avô!

– Tenham juízo... recomendou na sua reconhecida gaguez, depois de satisfeita a sua curiosidade.

Aqui e ali os melros saíam dos silvados ou dos salgueirais e rasgavam o espaço em voos rápidos e esquivos.

Ainda o calor não apertara e a passarada fazia pela vida, numa caça constante aos insetos que esvoaçavam.

Tentilhões, pintassilgos, felosas, andorinhas, rouxinóis, verdelhões, milheirinhas, pin-tarxos... eram os grandes aliados dos camponeses numa agricultura sem inseticidas.

Aqui e ali levantava-se uma poupa assustada. O canto rouco dos gaios sobressaía na-que-la sinfonia de Deus. O cadenciado cantar das perdizes dava um sinal bem claro da sua presença. Um bando enorme, que causou susto, no seu repentino e ruidoso levantar voo.

No meio de um lameiro, a cegonha tentava a sua sorte na procura de algum ser vivente, sapo, cobra, rã que pudesse fazer sossegar os seus rebentos, lá no alto da torre da igreja, sempre a reclamar por mais e mais comida...

Passada a vinha dos Avós paternos e, logo a seguir, os frondosos castanheiros, carregadinhos de ouriços, onde os pica-paus se esforçavam por abrir buracos nos troncos centenários, batalha sempre vencida no que parecia ser impossível, ouve-se a voz do mais novo:

– Tenho fome. Quero pão...

– Tivesses almoçado como deve ser. A merenda é para logo... – resmungo o mais velho.

– Mas eu tenho fome... – insistiu, ganhando a coragem que só a fome é capaz de dar.

Fosse porque sentisse pena do irmão ou também já com vontade de comer, o mais velho abriu a saca, ripou da navalha, partiu duas fatias de pão, um naco de queijo para cada um e, atrás dos animais, com pó e tudo o mais, a merenda começou a desaparecer. Com que apetite!

Os castanheiros haviam desaparecido nas suas costas dos garotos e os “Malharís” ficavam cada vez mais perto, quando o mais velho perguntou:

– Queres comer mais?

A resposta foi a óbvia, “sim”. E saltaram dois nacos de pão, umas azeitonas, um bocado de toucinho.

Logo adiante, foram ultrapassados pelo ti Joãozinho, escarrapachado na albarda da sua burra, as angarelas uma para cada lado, com um simpático “bom-dia, rapazes!”, logo se distanciando.

O Ti M’né Ribeiro, vindo de Aldeia do Bispo, sempre emproado no seu cavalo, passou-os também, sem abrir a boca.

Em sentido contrário, vinha o ti Zé “Rato”, à frente da sua “junta”, puxando por uma última carrada de molhos de centeio, a caminho da eira. Conhecia-os desde bebés e um “Aí, valentes!”, com um largo sorriso, foi o seu cumprimento.

Cerca de meia hora depois de iniciada a jornada, o rebanho chegou ao destino e começou a espriar-se por aquele campo com quase tantas pedras como terra e onde os animais esfomeados procuravam tudo o que fosse de comer: ervas, giestas, codeços, espigas, restos de centeio, restolho, grama, junça, milhã, beldroegas...

Eram tempos sem “luxos”. Mas de carne, leite e queijo com sabores que já se foram.

Os gaiatos recordavam as instruções do Pai:

– Ides os dois. Tu, que és o mais velho, tomas conta do teu irmão. E do gado. Quando entrarem na Tapada, cá ao fundo, sem correrias, devagarinho, começam a “dar a volta”. Os animais “sabem”. É só irem atrás deles.

Há-de haver algumas que querem “amarrar” logo na sombra das oliveiras, aquelas à entrada, junto à primeira fonte. Outras “cabeças doidas” vão querer correr tudo, num instante. Não pode ser.

Vão “empurrando” pela barroca acima, do lado do ti M’né Ribeiro. Ao lado estão lá as figueiras, o milho e o feijão pequeno dele. E ele não é para brincadeiras, quase ameaçava. Cuidado com as duas cabras “ladronas”, a “malhada” e a “castanha”... Só estão bem a fazer asneiras...

Sempre devagarinho, repito, senão os animais não comem. Com o vento do lado do Salvador, e lá tão longe, não podeis ouvir as horas do sino. Tu medes o comprimento da sombra do teu irmão – dirigia-se ao mais velho - que vos vai dizer as horas de o gado “rodear” e do vosso jantar.

Quando a sombra tiver um passo de comprimento, é meio-dia, as ovelhas e as cabras já deram metade da volta, estais lá ao cimo, ao pé da segunda fonte e de outro grupo de oliveiras. É aí, à sua sombra, que todos descansam, porque vai estar muito calor.

Jantais e até podeis dormir a sesta. Deitados no chão, claro. Fazeis uma cama de fetos e restolho. As formigas não matam ninguém. E as cobras e os lagartos têm medo de vós - garantia sem convencer os miúdos, que lhes tinham muito “respeito”. Em cima dos barrocos... não se deitam. Isso é mais na Primavera. Agora vão estar a ferver!



Depois, quando o Sol começar a ficar para este lado da Aldeia, a vossa sombra começa a crescer e, com dois passos de tamanho, serão três horas. É altura de tirar os animais da sombra e pô-los, de novo, a pastar. Sem pressa, continuam a volta.

O Sol vai passar para o lado da Serra, aguentam, durante algum tempo, as ovelhas e as cabras naquela “baixinha”, onde passa a segunda barroca, do lado dos “Malharís”, sabeis, lá onde fica a terceira fonte. Aí, com a terra húmida, há ainda erva verde e elas vão estar calmas. Este ano não temos lá milho nem feijão e não vai “custar nada”.

Depois, quando a sombra já tiver cinco passos, são horas de voltar, tocais o gado para o caminho e vindes embora. Eu, daqui, vou espreitando se tudo está bem.

Os gaiatos confiavam tanto no “olhar de águia” do Pai como se ele fosse acompanhá-los. Ouviam-no, de vez em quando, responsabilizar os pastores pelas “más voltas” dadas ao gado, como se lá tivesse estado junto deles... Com o Pai “presente” tudo havia de correr bem. Dali, da suave elevação onde se situava a habitação sazonal da Família, rodeada de sobreiras, a eira ali ao lado, sob a sombra de quatro enormes eucaliptos, ele “via tudo”...

— E os chapéus sempre na cabeça! — acrescentava a Mãe, angustiada com aquela primeira experiência pastoril “independente” dos filhos.

— E quero tudo comido, senão ficais doentes...

O Sol aquecia, enquanto progrediam na pastagem. O instinto guiava os animais e as Crianças quase só tinham de ir atrás do rebanho — houvera alguma barafunda quando se cruzaram com o do Ti Manel Candeias, conduzido pelo Rui, vizinho, primo e amigo um pouco mais velho — acompanhados pelo valente e fiel “Farrusco”, que lhes dava segurança e tomava parte nas brincadeiras.

Distraídos, ora saltando num pé, ora no outro, pareciam mais dois pardais em liberdade do que vítimas da “exploração do trabalho infantil”. Desde pequeninos que viviam naquele mundo e os animais, pode dizer-se, eram “parte da família”.

Tão descuidada foi a jornada que, quase por distração, iam metendo a mão na saca e mastigando, mastigando sempre, desde que a mais nova das Crianças “abrisse as hostilidades”...

Uma manhã diferente, em que não fora preciso a Mãe exclaimar:

— Mas vós não comeis nada?!

— Não temos fome... - era a resposta, quase em simultâneo, pois a brincadeira era mais forte que a vontade de comer, com que respondiam todos os dias.

A “volta” pelo pasto chegara ao meio. O Sol fora subindo, subindo e a sombra cada vez mais pequena. De vez em quando, o mais velho media-a com o seu pequeno passo. Estava quase. Também os animais tosavam o pasto ali à volta da segunda fonte. Tudo decorria como o Pai explicara. Quase não era preciso fazerem nada, pois os animais “sabiam tudo”. Mais um “lameirão”, com “marradas” ainda verdes, ali junto às grandes herdades do Dr. F. Conde, a “cair”, no limite do Salvador, e as oliveiras logo a seguir, com as almejadas sombras destinadas ao “rodeio”, o descanso dos animais. E das Crianças. Que aproveitariam para jantar.

Animais sossegados, água bebida ali nas fontes. Pelo coucho. Às vezes, “de bruços”. Nas palmas das mãos. Ou numa folha de figueira, apanhada ali mesmo ao lado. A “desgraça do plástico” ainda havia de ser inventada.

Sentaram-se em duas pedras, num “arranjo” dos pastores, com outra no meio a servir de mesa.

De repente, um ah! de espanto solta-se da boca dos dois irmãos. Acabavam de se dar conta que a merenda, a “farta merenda” de que haviam reclamado, não estava lá... Pedação a pedaço fora comida... antes do tempo!

Todo o rebanho se encontrava à sombra das oliveiras, as cabras deitadas na terra nua e as ovelhas, de pé, focinho rente ao chão. O sol brilhante enchia o espaço e o calor abrasava. O ar “tremia” em “deslocações” contínuas. Um coelho, passou, lesto, a caminho da represa para se dessedentar. Lá bem no alto, como que a flutuar, um casal de cotovias tentava fugir do calor que a terra refletia.

Abrigado, com o bando, ali ao lado, numa moita de giestas, um perdigão dava sinais de si com o seu cantar tão conhecido das pessoas de campo. A cigarra não largava a sua cantiga,

parecendo bem satisfeita com o Verão que culminava. Aqui e além, um ou outro piar das aves que se abrigavam nas sombras das figueiras e nos silvados. Nada que se comparasse com a festa da manhã...

Os garotos não deram grande importância à bolsa vazia e à merenda comida. Como o Pai lhes recomendara, a sua sombra estava bem pequena e devia ser meio-dia, pelo que o fim da tarde havia de chegar bem depressa. Então não ouviam a Avó Emília dizer-lhe que “quem não come por ter comido não tem mal de perigo”?!

Ora brincando, ora sentados nas pedras que os pastores usavam para descansar, mais inquietos que sossegados, idades próximas, raramente estavam separados e o entendimento era quase perfeito. Haviam bebido água nas fontes por onde foram passando e ali mesmo a 50 metros estava uma delas. Com o coucho, por onde todos bebiam. Um enxaguar rápido com a água fresca e cristalina e estava pronto para outro...

De vez em quando, um ou outro bando de pássaros procurava abrigo naquelas árvores, mas o “arraial” instalado depressa os fazia desandar.

As brincadeiras foram esmorecendo e até podiam aproveitar para dormir um pouco. Como lhes dissera o Pai. Lá estava a cama de fetos e restolho para ser aproveitada. Mas uma crescente inquietação começava a perturbar o dia que até nem correria mal. Ouve-se a voz do mais novo:

— Mano, tenho fome....

— Olha, a merenda acabou-se. E já falta pouco para voltarmos...

A sombra, nesse dia, nunca mais começava a crescer. Medida mais do que uma vez, mas sempre do mesmo tamanho.

— Olha lá. Também tenho fome. Se quiseres ficas com o gado e eu vou buscar de comer.

- Sugeriu o mais velho.

— Não posso ir eu?!

— Não que podes perder-te. Não sabes o caminho...

A fome foi o elemento decisivo para que ambos se pusessem de acordo. O mais velho ficava e o mais novo teria de percorrer, Sol a pino, em dois sentidos, o caminho que os separava da almejada refeição.

Estavam a começar a jantar, quando o Pai exclamou:

— Ó Carminha, há qualquer coisa que não corre bem. Os gaiatos separaram-se e um deles vem p’ra cá...

Do outeiro onde a casa de campo fora construída avistava-se uma área enorme e a quebra do padrão definido para aquele dia não lhe escapara. A ansiedade tomara lugar à mesa e uma eternidade se foi passando.



O gaiato, pé ligeiro, sem estar confinado ao caminho que o rebanho tinha de seguir, foi “a direito”, tanto se servindo das veredas tão típicas das nossas terras como, se fosse necessário, prosseguindo, a corta mato, por restolhos e olivais.

Ainda os adultos se interrogavam sobre o que teria acontecido e já o pequeno, rosto vermelho, “queimado” por aquela “solina” de julho, todo suado, pulava o muro da Tapada, passando ao fundo do valado, pela figueira “preta”, rente à eira e ali estava ele, a “deitar os bofes pela boca”, impedido de responder à Mãe que, desde que o sentira próximo, não se cansava de perguntar:

— Ó filho, o que é que aconteceu???!!!

O gaiato atingira a meta. A tão grande ansiedade, apenas conseguiu responder:

— Venho buscar mais merenda!!! Estamos cheios de fome...

Primeiro sentiu-se o espanto — afinal, os garotos “nunca” tinham fome... — depois ouviu-se uma gargalhada geral, à mistura com abraços e beijos. Era só isso?! Que alívio, uff!

Dadas as explicações, era preciso voltar. Não sem que a criança “tratasse” da sua própria fome, enquanto a Mãe preparava nova remessa.

Saca aviada, aí volta ele para junto do irmão. Que, lá de longe, quase seguira, passo a passo, a caminhada do seu companheiro de trabalho: ansioso, quando desaparecia nas “baixas” ou no meio do arvored, aliviado quando o via reaparecer.

Não lhe escapara a chegada do mensageiro junto dos Pais e, com enorme alívio, o viu partir em sua direção. Depois, era uma questão de esperar. Uma espera maior do que pensou, quando o irmão iniciara a sua missão.

O tempo cura tudo. Ou quase. O miúdo tinha o pé ligeiro e ali estava ele. Não resistiram a correr um para o outro. A partilha foi fraterna. Na verdade, afinal, tinham menos fome do que haviam pensado.

Satisfeitos, mais um gole de água, o Sol a cair para o lado da Serra das Águas e toca a empurrar as ovelhas e as cabras. Para completarem a volta ao pasto.

A passarada voltava a dar sinais de vida, aqui e ali ouviam-se chocalhos e campainhas de outros rebanhos. Às vezes, o assobio dos pastores, ou o ladrar furioso da canzoada. Que não havia maneira de se entender.

De vez em quando, mais um coelho saltava, assustado, desaparecendo, rapidamente, em ziguezagues estonteantes. Agora, as cotovias estavam mais à vontade e aqui e ali iam debicando. E cantando.

A tarde caiu vagarosamente. Sempre quente. Os miúdos matavam a sede nas fontes e os animais iam beber nas charcas. Depois, sempre avançando, sempre pastando.

Fez-se o mesmo caminho, no inverso, para o regresso. Não iam sós. Mais à frente, o Manel com os animais do Ti Bernardo e atrás, o Rui, com os do Ti Candeias.

Na horta do Ti Joaquim, carregavam-se sacos de batatas para cima de uma burra e a Avó paterna regava a horta, ajudada pela filha mais nova.

— Olá, Avó! Olá Tia!

— Então hoje foi a vossa vez?

A ribeira fora atravessada no “pontão” e o destino estava ali, a dez minutos.

A poeirada era mais que muita. Pressentindo o fim da jornada, os animais aceleraram. Já a sombra dos eucaliptos e das sobreiras se estendia pelos campos, quando receberam os aplausos dos adultos que atavam os sacos e os colocavam sobre o carro de vacas que os havia de pôr a recato para matarem a fome num ano longo que ali começava.

NA EIRA A TAPADA DA EIRA

— Ó António, então e ... o pão?

— Olha, Carminda, paguei as rendas — gaguejou ele, que desde o almoço temera aquele “confronto”. — Não devemos nada a ninguém...

Primeiro, um silêncio de estupefação.

Depois, a dor, o inconformismo, mesmo a revolta tomaram asas e foi “o fim do mundo”. Gritos de desespero, braços ao Céu, num clamor confrangedor, aflitivo, dolorido...

— Que vou dar de comer aos meus filhos?! Que vai ser de nós?! Para onde foi tanto suor?! Tanto trabalho?! Tanto sofrimento!!! Meu Deus! que vai ser de nós? Nossa Senhora da Graça, valei-nos... Ai! Jesus!!! Porque não me levais?!

A Grande Guerra terminara ainda não passara uma dezena de anos.

A Europa levantava-se, aos solavancos, das ruínas em que a tornaram. Portugal, poupado em sangue e vidas, não o fora na fome e na miséria.

Apesar da enorme mortalidade infantil — agosto era “o mês dos anjinhos” — a garotada enchia de vida e ruído as ruas da nossa Aldeia.

No Verão, dormia-se nos campos, nas choças, nas eiras ou mesmo debaixo de uma oliveira. Até ao ar livre.

Para melhor “aproveitar a fresca” num trabalho sem tino nem destino.

Os campos eram poucos — e mal distribuídos — para tanta força de braços e tantas bocas para alimentar.

Não ficava um recanto por cultivar e a “colheita” era, muitas vezes, NADA!

Para este jovem casal a vida começara com enormes dificuldades, talvez um pouco menores do que para a grande maioria dos outros, seus conterrâneos.

Os pais do António tinham umas territas e... 10 filhos.

A Carminda, 4 irmãos, órfãos de pai, desde muito novos se “afeiçoaram” a fazer calos nas mãos trabalhando para os outros.

Já a primeira década do seu casamento se concluíra e não “passavam da cepa torta”. Ao António fora oferecido trabalho nos caminhos de ferro de Moçambique. Tinha a 5ª. classe***, uma raridade, na época, esperto para as letras e números, sem dúvida havia de fazer figura lá para as costas do Índico, desatinava-o um cunhado, casado com a meia-irmã mais velha.

As lamúrias da mãe e das irmãs mais novas - eram nove, no total - e os pedidos e promessas do pai foram mais fortes que os incitamentos da Mulher, que se queria libertar, a todo o custo “daquela má vida”.

Havia de ficar, até à velhice, agarrado à rabiça do arado...

Ela também, na sua companhia, até que a morte os separou, por dez anos de diferença. A tragédia daquela tarde, na eira, começara dois anos antes.

As terras, poucas e mal entregues, nas mãos de meia dúzia.

Terra que se visse não havia para os restantes: apenas uns quintalecos e hortejos que não tiravam ninguém da míngua.

Os rebanhos eram mais que muitos, não havia pastos para tantos, e braços para trabalhar não faltavam.

A fome podia sempre aparecer e de subsídios nunca se ouvira falar. Nem 5 tostões para uma aspirina que aliviasse uma qualquer dor de cabeça.

Nas mercearias, os escassos bens eram racionados e, às vezes, candongados.

Nem giestas sobravam e qualquer carrada de codeços, estevas, rosmaninhos ou de ramos de pinho, lá no Campo Frio ou na Arrochela, da D. Carlota, a bem passar das Aranhas, podia custar 15 ou 20 escudos. Pelo melhor preço.

E três “jornais”: dois do forneiro, a cortar e a carregar, e o do ganhão, a acomodar no carro de vacas o que se pudesse trazer, “sempre com a morte à frente dos olhos”, por aquelas ribanceiras e descampados, com a Espanha bem à vista...

Os ricos... sempre a enriquecer.

Até lhes pagavam para lhes limpar os terrenos e os pinhais. “Viver não custa...” Sempre foi assim, vida boa para os “espertos”!

A década de 50 estava no princípio.

Correu voz na Aldeia que os P. de Matos queriam arrendar as terras do Vale do Homem, a Tapada da Tenda e a Tapada do Meio, uns vinte hectares.

Lá quase a meio caminho para Monsanto....

Longe que se fartava. Mas “em tempo de guerra, não se limpam armas”. Foi um alarido, no Povoado.

Pretendentes mais que muitos, para ganância dos proprietários. Aqueles tontos iam “queimar” as rendas...

Em leilão: “Quem dá mais?” A emigração “a salto” estava ainda por descobrir!

Era já noite adiantada, quando ele “entrou pela porta adentro”.

— Olha, Minda - quase sussurrou — arrendei as terras do Vale do Homem.

Se queremos trabalhar, temos de ter onde! Se arranjarmos umas ovelhas e umas cabras havemos de as levar lá a pastar...

— Mas é tão longe, mais de uma hora de caminho... — falou ela, quase num sussurro. —

É a única saída. Não há mais nada. Temos os garotos e há que tratar deles...

A pergunta, ela quase se recusava a fazê-la. Mas era fatal. Como o destino.

— Então... a renda...

— A renda... — tenta ele esquivar-se. A renda.... mas que renda?

— Estás a querer fugir do importante!!! Quanto é que vamos pagar? — ganhou ela coragem para o questionar.

— Olha, acho que foi um bom negócio. Eram mais que muitos. Os irmãos Costas, o meu primo “Piorreco”, que já lá mora perto, o Tó “Baguinha”, o meu primo “Batatas”, o “Chequim Galucho”... Todos ao mesmo. Uns danados. Parecia que estavam doidos...

Esquecera a sua própria “doideira”...

— Ó António, quantas fanegas?

— Bom... — gagueja ele — acho que foi um preço jeitoso. Éramos muitos e tive que oferecer... tive de me chegar à frente ... Cinquenta e duas...

Ela acabara de fazer 30 anos. Uma rapariga bem jeitosa, na força da vida.

Ele, um pouco mais velho, cheio de energia para fazer o que sempre fizera, trabalhar. No entanto, sentiu-se um gemido de sofrimento e um silêncio embaraçoso.

Que era longe, já se sabia.

Que daria muito trabalho. De certeza.

Que ainda devesse pagar tanto é que não havia sido programado. 52 fanegas a 4 alqueires cada uma e a 20 litros o alqueire era de mais.

Os anos travessos. As nossas terras tão “pobres”... Estava jogado. O resto se veria.

O pequeno rebanho de 40 cabeças veio pelo S. Pedro, ainda na Tapada do Cabeço.

Com dinheiro emprestado. A juros.

Os lobos haviam de matar 14 desses animais, logo em fevereiro seguinte, uma mortandade de que nunca houvera notícia...

As terras eram entregues pelo S. Miguel. Estes calendários a não baterem certos... um para os gados e pastores, outro para as terras e “ganhões”...

Outubro chegou, num instante. As tapadas estavam de restolho. Alquevar era preciso.

Para trás e para a frente, atrás da charrua de ferro puxada pelas vacas tão meigas e valiosas.

— Aí “Morena”! Ai “Cereja”. Mete ao rego. Sempre a fazer das tuas. Precisas é o corpo bem coçado. Volta!!!

Como se o seu próprio corpo e o corpo daqueles dóceis seres não estivessem já bem coçados!

Mas era a conversa de dias a dias, a seguir uns aos outros, até conseguir revoltar aquela terra, parecendo pouca, para a enorme renda que havia de ser paga, em devido tempo, e muita, muita mesmo para os milhares, centenas de milhares, milhões??? de passos que iriam ser dados para a revoltar, para a seduzir, para a empenhar, para a fazer parir o sustento da casa. E da casa dos outros.

NA EIRA A SEARA

Regos, sempre regos, vai e torna, vai e torna...

Um desatino. Talvez com tino.

Levar o rebanho a pastar, naquela lonjura, “mal dava para o desperdício”.

Arrendaram também a Tapada da Eira, essa sim, ali a dois passos do Povo, com um palheiro e um casinhoto de telha vã e condições mínimas para ser habitado, com enorme desconforto, água de um poço bem grande e a da Ribeira para regar as hortas, capoeira para as galinhas, curral para o porco, bardo para o rebanho...

Ali se assentaria o “quartel-general”...

Por muitos, muitos anos. Até ao fim!

— Ficas com a Tapada da Eira por ser para ti. Não me esqueço que és afilhado do Sr. José Manuel, que foi meu marido.

E não me esqueço de quanto ele gostava de ti!!! - dissera a viúva, de muitas posses e sem filhos, não se esquecendo, na altura da renda, de pedir as 18 fanegas – “também por ser p’ra ti, o preço “justo” eram as 20 e muitos a queriam!!!” - ficando para benefício dela a vinha, o pomar de macieiras e pereiras, as nozes - as nogueiras quase destruíram o melhor terreno de cultura hortícola, na margem da Ribeira – a cortiça e a azeitona.

— Vá, podes apanhar a bolota – condescendeu. Que muito jeito havia de dar. Para meu desgosto, com a sua apanha!!! Que “seca”... muitas vezes molhada!

— Ah! Os pequenos podem apanhar a fruta que caia ao chão. Não vale abanar... E não toquem nas uvas!!! Nem nos figos!!!

Uma “mãos largas”.

Nem sempre os “pequenos” foram tão sérios como o eram os Pais.

Mas só se é Criança uma vez!!!

E aos Pais não se podia dizer tudo.

Arranjariam um sarilho dos antigos!

O Inverno acontecera puro e duro. Chuva e vento. Frio e chuva. Vento e frio. Sentiu-se alívio na Aldeia, quando o cuco anunciou a chegada da Primavera. Urgia que as terras escorressem, pois, a sementeira do milho não podia falhar.

Era quase o “seguro” daquela pobre gente, numa vida de horizontes bem limitados, uma vez que o centeio servia, normalmente, para pagar as rendas.

Com a chegada do bom tempo, vacas à charrua e, de novo, rego após de rego, aquelas vastas áreas foram lavradas e as sementes enterradas.

Nos melhores terrenos, sobretudo onde a humidade resistisse, com algum êxito, às bravuras do mês de julho, havia de semear-se o feijão pequeno.

Este só lá no mês de maio.

Já o Sol desaparecera, quando António entrava em casa. Muitas vezes os filhos haviam adormecido. Noutras, o mais velho “segurava” as pálpebras para as brincadeiras do costume. Pacientes e ternas.

— Então, homem, como vão as coisas lá pelo “Vale do Homem”?

— Está quase. E vamos conseguir!

Uma oração. A ceia. Ainda uma última “visita” aos animais, à luz da lanterna de azeite, não fosse uma corda mal ajustada causar uma desgraça.



FOTO: ANÍBAL SEQUEIRA

Aquela amigas fiéis e boas haviam já pastado, na relva, ao fim da tarde, enquanto se apanhava a “erva” para a noite, e agora, depois da comida, na manjedoura, repousavam, tranquilamente.

O dia de amanhã não seria diferente. E o outro. E o outro...

O tempo passara célere, o milho começou a despontar e aquele campo de onde a vida brotava – e dessa vida dependiam muitas outras vidas – estava o que se pode chamar “um encanto”.

Parecia que a Natureza se reconciliara com o Homem.

A falta de trabalho era um problema grave e não foi difícil contratar um rancho de mulheres e raparigas que quisesse tomar conta daquele milheiral, de “terças”.

Uma forma de o pobre explorar o outro pobre, pois o dono das terras estava de fora de todas estas maçadas. Explicaremos adiante.

Lá pela segunda quinzena de abril aquele rancho teve de sachar cada bocado daquele enorme terreno, que o rendeiro já percorrera 3 vezes, com arado e grade, e ainda havia de lá voltar para “aterrar”, caule a caule, cada uma das plantas daquele milho tão bem-nascido. Rezar a Deus e a Nossa Senhora da Graça para que a chuva não falhasse.

A chuva! Ou a sua falta, causa de tantas e tantas rugas no rosto da minha Mãe!

E depois “desbandeiar” onde o milho fosse mais alto, já com as “maçarocas” criadas.

E cortar. E juntar. E carregar no carro de vacas. E transportar para junto da eira, a uns 2 quilómetros. E descamisar.

A desfolhada era dos trabalhos mais felizes da nossa gente, sentados e à sombra. Com os lacraus a virem, por vezes “agarrados” aos dedos.

Também “experimentei”!

E estender as espigas doiradas nas lajes da eira para secarem, convenientemente.

E malhar. E limpar das impurezas, com ajuda do vento, grãos atirados ao ar, pazada a pazada.

Dividir. Ensacar.

E levar para casa o que havia. Um verdadeiro “purgatório”, que durava até agosto.

Alternando com alguns dias para tratar do feijão pequeno, ainda mais trabalhoso, apanhado vagem a vagem.

Na hora da divisão, o rendeiro ficava com 2/3 do produto final e o outro terço ficava para todo o rancho dividir entre si.

E, não raro, num lamento se ouvia:

— Quase não deu para as passadas.

Mas ainda haviam arranjado forças para alegrar aqueles trabalhos tão duros, a cantar “Mondadeiras do meu milho/ Mondai o meu milho bem/ Não olheis para o caminho/ Que a



FOTO: ANÍBAL SEQUEIRA

merenda já lá vem.” Ou “Viva o nosso ranchinho/ Viva e torne a viver/ Um ranchinho como o nosso/ Não o há nem pode haver”.

Em cada época e para cada trabalho aí estava a “moda” a condizer.

Cantigas belas, dolentes, sofridas deixando na alma de quem as cantava e de quem as ouvia uma intensa nostalgia.

De quê? De quem? De Justiça?!

Retirado o milho, era tempo de o rebanho avançar para aproveitar tudo o que de comestível por lá ficasse.

E não era muito.

O Verão era um tempo muito duro. Nos “intervalos” das “sachas”, mondas e “aterros” havia que assistir às hortas, às fruteiras, às vinhas. Colher e secar os figos.

Homens e mulheres, grandes e pequenos, numa dobadoira imparável.

Dormia-se nos campos, nas choças – raramente havia um casinhoto, quase sempre desconfortável – e ainda havia força para sacar de um pífaro de sabugueiro ou de um realejo comprado no mercado de Penamacor para alegrar a noite, quase sempre sob a luz das estrelas.

As noites de luar, em agosto, eram majestosas! Quantas “estrelas cadentes” avistei. Não se podiam contar, porque... “nascem verrugas”...

Outubro chegou, num instante!

As primeiras chuvas – se tardavam, mesmo antes delas – predispunham as terras para a sementeira dos campos, os melhores, que os mais fracos entravam “de pousio” e eram locais de pastagens para os “gados”.

De novo, as juntas de bois e os seus condutores voltaram a rasgar aquela terra mãe e madrastra, para a sementeira do centeio.

O ano do tudo ou do nada.

Outra vez à frente, atrás, adiante, vai e torna, “Ó Morena, mete ao rego”, “Ó Cereja, cuidado”, “Torna!!!” Uma conversa constante e íntima entre o homem e aqueles animais, mansos e vitais.

Quase só eles e a vastidão do campo.

E, lá mais adiante, outro conjunto. Os mesmos gestos, as mesmas palavras, as mesmas dificuldades, a mesma luta. E outro.

E outro. Aqui e além os rebanhos.

Conheciam-se os donos pelo chocalhar de cada um.

Nestes períodos de falta de braços de uma agricultura intensiva e exploradora, os mais crescidos eram retirados das escolas para ajudar.

As sementeiras... um tormento para os professores. E para os gaiatos. E para os pais.



FOTO: ANÍBAL SEQUEIRA

A cooperação era uma necessidade. Para que a seara “rebentasse” com alguma simultaneidade, juntavam-se dois, três e até quatro ganhões, no mesmo trabalho, para que as sementes fossem enterradas, no tempo, com a maior proximidade possível. E depois iam para os campos do outro. E do outro...

Pelo meio-dia, apontado pelo Sol a Sul, um breve descanso para os animais comerem e o dono tomar a sua fugaz refeição, muitas vezes de pão com queijo. Um bocado de presunto ou chouriço. Umas azeitonas. Uma pinga.

– Então, António, este ano vamos ter sorte? – perguntava ela, entre a esperança e a angústia.

– Ó Carminda, está tudo a correr pelo melhor. Desta vez ficamos bem!

– Deus te oiça, homem. Não me canso de rezar a Nossa Senhora. E ao Santíssimo Sacramento. Deus tenha pena de nós e dos nossos filhos. Tanto trabalho! Mal posso com as dores no corpo. Do cansaço nem falo já... Que vida desgraçada me arranjaste.

Se, ao menos, tivéssemos ido para a África...

– Ó Minda, deixa lá que agora é que vai ser!!!

Já “Os Santos” batiam à porta, quando a coisa começava a acalmar.

Do castanho acinzentado dos campos iam surgindo pequenas hastes que os transformavam em verde.

Serenava a alma camponesa – antes houvera o desassossego das vindimas e, a seguir, já aí estava o da azeitona – à noite, com as castanhas da ceia, assadas ou cozidas, regadas com a frescura dos vinhos novos. “Anda cá provar o meu”. “Está aqui uma bela pinga” ou “Quiseste muito e vê no que deu.

Vinho só da uva. A água da fonte só p'ros pés".

E "parecia que estava forte...". Ou ainda "Tens mais olhos que barriga"...

O Sol e a Chuva iam fazendo o seu papel. A geada também.

E o mês de janeiro era altura de deitar contas à vida.

Um bom agricultor começava a perceber o que o ia esperar, lá em julho.

Se a seara cobria bem a terra, se estava "forte" de mais - aqui era uma bênção para os rebanhos entrarem no "marfolho" e comerem do "bem bom" para atrasar o crescimento das searas - era a esperança.

Se o "códão" provocado pelo frio intenso fazia mirrar as pequeninas plantas ou o Inverno fora "manhoso" a alma dos camponeses começava a "apertar-se".

E o que se passava não era de muitas alegrias.

No primeiro mês do ano, a geada quase fizera desaparecer o verde dos prados.

Este janeiro fora bem seco e frio.

A fome perturbava os gados e, nas queijeiras, o leite era pouco para o que tanto se esperara: fazer queijos.

Um alívio, a Primavera. Os campos reverdesceram e foi nascendo uma nova alma na Aldeia. Podadas as vinhas, foi um encanto vê-las com os rebentos novos.

Aqui e ali surgem as batateiras a despontar e as hortas vão tomando forma para gozar do bom tempo que a estação proporciona.

As searas haviam ganhado força e, em abril, chegara o encanto de vê-las "fugir" em ondas de verde empurradas pelo vento. Um espetáculo deslumbrante, inesquecível.

E a Ascensão chegou, com os primeiros calores, a sério, o verde a desaparecer e a dar lugar à linda cor das searas maduras.

Mas não, não tinham aquele aspeto que todo o camponês desejava: curvadas para o chão com o peso dos grãos. Antes se apresentam "nem cá, nem lá", "não sei se me inclino, se me tenho em pé".

As expectativas eram, pois, reservadas

— Ó António, não gosto do aspeto do "pão"... As espigas não estão "gradas"...

— Ora, isso é impressão tua. Talvez os nevoeiros de maio não tenham sido o melhor.

Mas ainda engrossam mais.

— Não vejo como. Não vês a cor delas?

— Deixa lá que tudo se há-de ajeitar.

— Deus queira!

Era preciso contratar quem ceifasse. E ainda ter o sentido da oportunidade. Tudo quer o seu tempo. E as searas não são exceção. Para os rendeiros, dificilmente se encontra quem

queira trabalhar ao "quinto". Só as casas ricas, que dão trabalho todo o ano. Pobre tem que pagar. Em dinheiro. A lei da oferta e da procura também na Aldeia.

Com direito a almoço, antes de "pegar", a jantar (pelo meio dia), merenda (4 da tarde) e ceia (8 horas). Uma pobre e jovem mulher, na flor da vida, fazendo comida, carregando comida, estendendo comida para uma dezena de bocas esfomeadas. Uma distância enorme a percorrer com o cesto à cabeça.

Todos os dias.

Uma semana inteira, de segunda a sábado. Um penoso, um doloroso sofrer. A mais cruel exploração de pobres por pobres, em proveito de uma meia dúzia, que fazia vida de luxo. Uma engrenagem bem montada, obra, com certeza, do Inferno.

Homens ao "corte" era sempre a ceifar, ceifar. Aquelas foices manejadas por mãos quase sempre hábeis, iam deixando atrás montes de "pão" acabadinho de cortar. As "paveias". Depois, em cada entardecer, era atá-las em molhos, formar os "rilheiros" dispersos pelo "restolho", pequenas obras de arte, onde a água não entraria, se houvesse a sorte de chover. Para os milhos, claro.

Os rebanhos voltavam a ocupar o lugar em que crescera a seara, à procura de matar a fome.

Depois a "acarreja", que juntava aquelas centenas, talvez milhares de molhos, produto do trabalho de um ano, numa eira, mais perto da Aldeia, com o de outros rendeiros, cada um com sua "meda", deixando um intervalo no meio, onde havia de entrar a "malhadeira". Frequentemente, era debulhado, manualmente, com o "mangual", 3, 4 ou 5 ... malhadores de



FOTOS: ANÍBAL SEQUEIRA



FOTO: ANÍBAL SEQUEIRA

cada lado, encharcando as pobres roupas com o suor que saltava daqueles corpos magros, a ponto de se conhecer o sal nas camisas, depois de as enxugarem.

E ainda arranjavam forças para cantar, com alguma brejeirice: “Coradinha já morreu/ Foi metida no caixão/ Deixaram-lhe o braço de fora/ P’ra pegar no garrafão”. E o refrão sempre repetido “Vai, vai, Coradinha, vai, vai!” E os manguais pam! pam! pam! pam! faziam saltar o grão das espigas. O grão do nosso contentamento. O grão do nosso pão.

E sempre a ser preciso dar de comer aquela gente heroica. E de beber. E pagar. Nem sempre havia com quê. E o recurso ao usurário... mais uma tragédia.

A malhadeira, pesadíssima, só a custo deslizava, na estrada “macadamizada”, puxada por um trator, a grande novidade deste Verão, para gáudio e espanto da garotada. Uma coisa nunca vista.

Mas a maquineta era fraca para puxar o “monstro de ferro”.

Sempre que havia areia ou terra mole era uma “festa”: as rodas derrapavam e a malhadeira nem se mexia.

Lá vinham as mansas vacas e a força dos homens para que aquele “bicho” medonho avançasse e trouxesse um ar de “progresso” à vida da nossa Aldeia.

Não foi sem enormes dificuldades que a máquina ficou colocada entre as “medas” de centeio.

Depois foi preciso colocar-lhe as correias e ligá-la ao trator por uma delas bem grande, que ainda “abriu” uma ou outra cabeça de alguém mais descuidado.

E as histórias que se contavam destas debulhadoras.

Que lá, na Terra Fria, uma rapariga solteira caíra naquele enorme alçapão por onde o cereal era introduzido e saíra aos bocados. Que para os lados da Idanha, uma outra se incendiara e ardera com toda a eira...

Era mesmo um “animal” de meter respeito. Mil e um conselhos de quem pensava saber mais que os outros.

Mas era um “delírio” para a “canalha”, que até fugia da Escola para ir espreitar – as férias eram a 15 de julho – e tinha de ser “encorrida”.

Não fosse o Diabo tecê-las..

NA EIRA A MALHA

Ainda o Sol não despontara lá dos lados de Espanha e já o pessoal se apresentara para o “grande “ dia. O do tudo ou o do nada. As malhas com a debulhadora - do Luís Ferreira, das Aranhas, que se pagava à “maquia” - davam um enorme desembaraço ao trabalho. Estes pequenos agricultores, na maior parte dos casos, não tinham seara suficiente para ocupar a máquina nem por um dia.

Do nascer ao pôr do sol. Assim, numa só jornada, era possível despachar várias “malhas”. Em muitos casos, o trabalho era feito em cooperação, ajudando-se uns aos outros.

Um ou dois homens iam para o cimo da meda, meia dúzia deles aparava e arrumava a palha, no campo à volta da eira, uma mulher subia para, com uma foice, “traçar” os “nagalhos” que atavam os molhos – a largada para dentro da máquina era feita por um “profissional”, da responsabilidade do dono da malhadeira; na “equipa profissional” vinham também um maquinista, mecânico, diríamos hoje, que também conduzia o trator e punha tudo em movimento, e um homem para medir o grão que iria cair na arca colocada na “frente” da máquina e cobrar a “maquia” – uma outra mulher tomava conta do “crivo”, uma tarefa que ninguém queria pela poeira a que se estava sujeito, dois ou três iam para atar a palha, em molhos.

Todo um trabalho ruim, que deixava os corpos cheios de pó e as “praganas” espetadas nas fracas roupas. Que coceira danada!!!

Uma mulher ficava encarregada de fornecer água fresca, em cântaro de barro. Havia sempre mais uma ou duas personagens para acudir onde fosse preciso.

Também presente o carro com junta de vacas e respetivo ganhão, quase sempre o dono da semente, para que, com ajuda de outro homem, os sacos fossem carregados, quase sempre 15, um “moio”, cada saco com uma “fanega”, quatro “alqueires”, oitenta litros, como se disse antes.

Em casa, a dona da “festa”, com ajuda familiar, quase sempre a da Mãe, tinha a seu cargo a confeção das refeições e o seu transporte até à eira, podendo isto ser feito quatro vezes por dia, dependendo do tempo que levasse o trabalho a realizar.

Como se escreveu para a ceifa.

Para esta malha, calculara-se que um dia seria suficiente. Se o trabalho rendesse, podia-se “meter” ainda o “pão” do J. “Saramago”, uma pequena meda, ali mesmo ao lado...

Quando o Sol, cedo, começou a aquecer, já cada um ocupava o seu lugar. O trator possuía um dispositivo que lhe permitia acionar a malhadeira, sem os inconvenientes do pesado e barulhento motor dos anos passados.



FOTO: ANÍBAL SEQUEIRA

Foi, pois, com alívio de todos, que aquela complicada engrenagem se pôs em agitado labor. O primeiro molho foi atirado para o estrado, a mulher pega-lhe com alguma hesitação, cortou o “nagalho” e o cereal foi metido naquele buraco, um sorvedouro, onde desaparece, ouvindo-se um ronco da máquina.

Depois, em gestos repetidos, foram aparecendo em cima do estrado e enfiados dentro da malhadeira mais um molho e mais outro, sempre uns a seguir aos outros.

A palha saindo pelas “traseiras” e o grão caindo na arca, sendo depois medido “rasa” a “rasa”, ensacado, carregado, transportado a casa dos senhores das terras. Sim, as rendas eram as primeiras a entrar neste ajustar de contas.

Os sacos ainda haviam de ser despejados, lá junto das “tulhas”, onde o grão voltava a ser medido, não fosse faltar algum litro. E, se faltasse – até porque as aferições das medidas nem sempre eram rigorosas, havia que compensar! Sem perdão!

Um trabalho injusto e desumano, todo feito só à custa do esforço do rendeiro, já que o beneficiário, ou o seu feitor, apenas tinha de contar e dizer que “está certo”.

Se as terras arrendadas pertenciam a vários senhores, o que acontecia bastas vezes, havia de se tocar à porta de cada um e “Venho pagar a renda!” Tudo “limpinho”, sem se ter uma dor de cabeça nem se derramar uma gota de suor...

À hora do jantar – 12 horas – já a angústia do jovem casal se fazia sentir:

– Então, António, como está isto? Parece-me ver preocupação na tua cara. Que se passa?

– Olha, contava já ter as rendas pagas e ainda só levei duas carradas e está aí outra quase pronta. Isto vai pelo meio. O grão não rende...

– Bem se me apertava o coração, quando vi a seara. Que vai ser de nós?

– Olha, vai para casa. Prepara as merendas. Pode ser que, de tarde, tenhamos mais sorte.

Fingia animá-la - ela, a pessimista (realista?); ele um otimista. Mas, lá no fundo, já adivinhava o desenlace. A coisa estava feia!

Depois do jantar, a palha continuava a sair em quantidade, mas o grão é que não crescia, na arca, com a rapidez tão sonhada. Mais um moio a caminho da renda e a meda a diminuir, a diminuir. Pelo meio da tarde as contas das terras do “Vale do Homem” estavam saldadas. Faltava a da “Tapada da Eira”, a da “Tapada do Cabeço” e a da “Tapada da Maria Bernarda”. Estas eram bem menores, mas o grão, estava escrito, não daria para muito mais.

A merenda já decorreria num silêncio opressivo. Nada havia a fingir, nada havia para esconder: os molhos eram cada vez menos, a palha mais que muita, como nunca haviam tido, mas o grão, o grão... Uma ilusão.

Amargurada, voltou para casa. Era ainda preciso dar de cear àquela pobre gente que, neste dia, na sua maior parte, havia trabalhado só pela comida.

O dia da malha era o dia grande da solidariedade, em que quase todos se ajudavam uns aos outros.

Na generalidade, iam-se apercebendo da “tragédia” que entrava na casa daqueles companheiros de desgraça. Afinal, também nisso estavam irmanados. O ano fora mesmo manhoso. Para todos!

O Sol aproximava-se da Serra, lá a Ocidente, quando, cesto à cabeça, ceia para aquele pessoal, Carminda se aproximou da eira, pela última vez, nesse tórrido dia do mês de julho. Olhar esbraseado, alma em sangue, sabia que nas arcas da sua casa não entrara ainda um grão.

A malhadeira não parara, mas o lugar onde estivera a sua meda aparecia agora quase vazio. Onde os molhos haviam pulado para o estrado da máquina eram agora elevados, numa espécie de forquilha, para a plataforma. Em gestos cansados.

– Ó António, então... o pão? – quase grita, ainda com o cesto à cabeça, procurando fazer-se ouvir por cima do barulho das máquinas.



FOTO: ANIBAL SEQUEIRA

Calmamente, ele dá tempo a que ela se alivie do peso que a oprime menos do que o medo, no peito de ambos, pega-lhe, mansamente, nas mãos e diz-lhe, quase num sussurro, dominando os seus próprios receios:

– Olha, Minda, temos que ter coragem. P'ró ano vai ser melhor. As rendas estão todas pagas e o resto... olha está aí.

Ela olhou, mas não queria ver. Meia dúzia de sacos. Nem dava para acreditar.

Há um cerrar de dentes, lágrimas nos olhos, profunda tristeza no rosto, um esgar de sofrimento, um desanimado curvar de costas.

Depois, numa explosão de dor e revolta impotente, braços ao Céu, entrou num choro convulsivo e sentido, com orações e imprecações, onde se intrometiam apenas os ruidosos e últimos estertores da grande máquina:

– Oh! Senhora da Graça, valei-me! Que mal fiz eu? Para que hei-de viver? Triste vida a minha! Que vai ser dos meus filhos?! Ai ! Ai! Ai! Deus me valha! Santíssimo Sacramento, tende compaixão de mim! Tanto trabalho, tanta despesa! Que mal fiz eu?! Meus queridos filhos!!!

O PENÁLTI!

Primavera do ano letivo de 1963-64. Não é novidade que o Eng. Ressurreição, se bem me recorde um “lâmpião” ferrenho e então no princípio da sua estadia no nosso Colégio, gostava de futebol e, com as mais que fracas instalações de que dispunha, motivava bastante a rapaziada para que a prática do desporto-rei ali tivesse algum significado.

A maioria dos “atletas” era de fraca qualidade, pois as “academias” ainda estavam a “milénios” de acontecer e a “malta” “dava uns pontapés” mais para se divertir que para sonhar um dia vir a ser craque lá na então longínqua Lisboa, onde o Benfica enrolara o Barcelona e o Real Madrid em duas finais europeias. Sinceramente, de todos os alunos de então penso que só o Rolo, aspiraria a jogar no Idanhense, vá lá nalgum dos clubes da capital do distrito...

Em meu entender era mesmo o melhor de entre todos nós, quase sempre bem toscos. Que me perdoem esta franqueza os que pudessem “andar a sonhar acordados”. Até posso estar enganado e ter de lá saído algum craque. Mas a vida militar arrastou-me, o Colégio cresceu e os “milagres”, não surgindo todos os dias, podiam depois ter acontecido. Oxalá!

Mas estou para aqui “a meter palha” e a história a escapar-se. O ponto culminante do futebol do Colégio Senhor do Calvário era o Torneio inter-turmas, com alguns ajustamentos para dar oportunidade àqueles que ninguém queria na equipa da sua turma.

Quer pela minha aselhice natural, quer porque a turma de Alemão – um dia vou explicar porque me tornei aluno de Alemão, disciplina que só concluí 13 anos depois!!! Essa também é uma boa história, como cantava/canta o grande Roberto Carlos no seu “Calhambeque”... – ter poucos alunos para constituírem uma formação completa, a certa altura vejo-me na equipa dos aselhas e “marginais”, nitidamente fadada para ser a última do torneio. E todos aproveitavam para “malhar” em nós...

Estava a decorrer um jogo no campo improvisado no pátio do recreio sem grandes condições para que os aselhas não o fossem tanto, quando um “jeito” do árbitro nos arranja um penalti contra os nossos valorosos adversários, que muito se fartaram de contestar. Aquilo era mesmo uma “roubalheira”. Hoje, com os óculos de melhor qualidade, penso que foi mesmo um jeito.

“A corrupção” não é só de hoje e uma gasosa fresquinha podia fazer toda a diferença.

Quem chuta, quem não chuta e o Pedroso “atreve-se” a viver a tremenda “angústia do marcador do penalti frente ao guarda-redes”. Ainda houve algumas reclamações “marco eu, marco eu!”, mas a “convicção” do Pedroso venceu as resistências, porque nós queríamos era mesmo UM golo. A coisa começou a ficar pouco ortodoxa quando, depois de medidos os passos da praxe – ora, queriam marcações de campo, não?! – o Pedroso se ajoelhou, soprou

o chão e começou a levantar um montinho de terra. Para que seria? Ora, para colocar a bola mesmo lá no cimo. Já não era só a angústia do marcador, mas a de todos nós, os restantes membros da equipa.

Bola bem equilibrada no alto do montinho de terra, a uns metros da baliza, guarda-redes adversário um tanto desconfiado com a “cena” e do “resultado” que aquilo poderia ter – ainda esboçou um protesto junto do árbitro que se limitou a aceitar a “novidade” ... – e o Pedroso vem tomar balanço lá para o meio campo. Que não era muito longe, diga-se de passagem.

Havendo transmissão pela rádio ouvir-se-ia o seguinte:

– Senhores ouvintes, o “perigoso” avançado Pedroso toma balanço, a meio campo, fixa a bola e depois o guarda-redes, vai partir, perde alguma embalagem, finalmente chega perto da bola, remata e... nem vão acreditar... o monte de terra desapareceu, há uma pequena nuvem de pó e a bola segue, suavemente, para a baliza, onde o guarda-redes, sem ter ocasião de brilhar, recolhe o esférico com a maior facilidade. Até ao fim do ano falou-se menos da equipa vencedora do torneio – talvez a do Sr. Engenheiro, pois ele era “fanático” pela bola e, mesmo não sendo Aluno, participava, com alegria, em meu entender sempre na “melhor equipa”, certamente por ele ser um reforço de peso. Guardo dele as melhores recordações e aproveito para o homenagear com esta brincadeira.

Nota: A história, no seu essencial, aconteceu. Algumas variantes que fujam da rigorosa exatidão, são próprias de quem já não tem a cabecinha dos verdadeiros artistas que escrevem por aqui a concorrer comigo.

Saio a perder, mas a minha idade dá-me “direito” a falhar penaltis...

Ficaria contente se o Pedroso pudesse contestar:

– Olha que não foi bem assim...

SERRAR A VELHA

As geadas de Inverno haviam levantado e era grande a azáfama por toda a Aldeia. As oliveiras e videiras estavam podadas, cavavam-se os terrenos das hortas e preparavam-se os campos para as sementeiras. As andorinhas aí estavam, de novo, o chilrear da passarada alegrava os trabalhos bem duros de uma vida sempre recomeçada.

O mês de março avançara. E breve chegaria a Primavera, onde o sonoro e feliz canto do cuco sazonal se juntava aos dolentes e tristes cantares da “Encomendação das Almas” ou dos “Martírios do Senhor”, na voz dos Aldeões que, à medida que a Quaresma ia ganhando dias, sentiam toda a Natureza a tomar força para celebrar as alegrias de uma Ressurreição salvadora.

No povoado, ficavam os velhos, quase sempre avós, e as Crianças que tinham a sorte de andar na Escola. A maior parte dos “artistas”, donos de pequena oficina – ferreiros, sapateiros, latoeiros, alfaiates, carpinteiros, ferradores... – só por lá trabalhavam, se fosse urgente, de manhã, muito cedo, ou à noite, depois do regresso dos campos, pois a exigência de um mundo que rebentava em variegadas flores e folhas e plantas novas clamava por todos os braços capazes de fazer que o renascer da Primavera valesse a pena. As bocas para alimentar todos os dias assim o exigiam.

Mesmo as tabernas fechavam portas, até para depois do pôr-do-sol e só as duas lojas de comércio, onde de quase tudo se vendia, desde o petróleo e o sabão até às chitas e flanelas, linhas e fósforos, arroz e açúcar, mantinham as portas abertas, muitas vezes apenas para, lá de longe em longe, se atender um freguês descuidado ou apressado.



Os rebanhos estendiam-se por todo o termo da Aldeia, levando o suave tinir dos chocalhos e campainhas a juntar-se ao alegre pipilar dos passarinhos, tornando menos infelizes os pastores, alguns deles a dever estar na escola, que ansiavam por novas oportunidades e outros horizontes. Até porque não havia rapariga que quisesse namorar... “pastor”.

Vida “leve”, mas bem ingrata e mal querida. Perto dos pastores, cotovias, melros, perizes, milharucos, rouxinóis, pintassilgos, picanços, felosas, toutinegras, milheirinhas, carriças, pardais... também corvos, peneireiros, cegonhas e milhafres, tomados de amores, completavam os seus ninhos e apregoavam a esperança.

Na escola, os professores mantinham, na ordem, os alunos que mal cabiam na sala de aula, distribuídos por quatro classes, quase sempre com ajuda da régua de pinho a deixar bem vermelhas as mãos dos mais desajeitados nas contas, na leitura ou na escrita ou da cana da Índia a deixar galos nas cabeças mais “levantadas” que se esqueciam de que, entre as nove e as três horas, aquilo bem “fino fiava”...

A quarta feira da quarta semana depois das Cinzas era um dos dias bem desejados por toda aquela miudagem ali acantonada nas “velhas” carteiras de uma escola nova. O edifício, pelo menos. A Quaresma “partia-se” ao meio e, quebrando o recolhimento da época, havia que ir bater latas e latões à porta das “novas” ou das já velhas avós. Era uma verdadeira “guerra ecológica”. E psicológica!

Logo a seguir ao Carnaval, cada um começava a procurar nos campos ou pelos cantos das casas, nos palheiros ou nos quintais tudo o que pudesse fazer barulho nessa quarta feira de alegria para muitos e de enorme aflição para uns poucos. A época dos plásticos ainda não alvorecera.

Nesse tempo, as vasilhas eram feitas de vidro, lata, barro, esmalte, estanho e até latão ou cobre. Também de ferro, sobretudo as panelas. O alumínio ensaiava a sua aparição, mas a lata ou folha cromada e a folha-de-flandres tinham uma vasta aplicação em cântaros, baldes e caldeiros, no vasilhame dos lagares de azeite ou de vinho...

Embora os profissionais do remendo fossem prolongando a “vida” dos objetos então usados com pingos de solda de estanho, “rebites” de alumínio ou lata ali feitos, na hora, e outros artifícios que a habilidade de alguns inventava, a troca de umas moedas que tinham de ser pequenas e sempre regateadas – quem não se lembra do amola tesouras, com o seu “assobio” a “adivinhar a chuva” e a empurrar o seu pitoresco carrinho, que também arranjava guarda-chuvas, “agrafava” e “colava” pratos e alguidares de barro e afiava e encabava facas? - havia um dia em que tinham de “ir fora”, por excesso de uso e de “baixa” evidente. Um cântaro, uma braseira, um alguidar ou um caldeiro de chapa e “fora de prazo” eram, na ocasião, um “tesouro” a usar no dia de “serrar a velha”.

O caminho da escola, na manhã daquela sempre desejada 4ª. Feira, tinha o seu quê de curioso. E de cómico. Um bom número de gaiatos arrastava, atrás de si, “tudo” o que pudera juntar e que fizesse barulho, amarrado num cordel ou num arame. Outros, com medo dos “saques”, deixavam as “ferramentas” em casa, ou num recanto, ao abrigo de olhares cobiçosos.

Depois... só tinha de se esperar pela saída da escola.

Era como se todos os diabretes tivessem fugido do inferno para atormentar almas santas. Primeiro, as que estivessem no Povo. Depois as que fossem regressando dos campos. Latas e latões, pelas trelas dos miúdos, às vezes já grandotes, iam percorrendo as ruas de Aldeia com a monótona cantilena “Serrar minha avó, que dá ponto sem nó” e “Serrar minha madrinha que dá ponto sem linha”.

Com breve paragem em frente das casas de avós e de madrinhas, toda aquela latoaria troava, batida ou arrastada nas pedras da rua ou até nos degraus das escadarias de granito que davam acesso a muitas habitações. Assim se corria toda a povoação, em alegre algazarra, para gáudio da pequenada e também de alguns adultos, que passavam ou voltavam para casa e se reviam naquela “festa”, com alguma nostalgia.

Mas... já todos sabiam que a Ti Perpétua, ali junto ao Largo do Rato, lhes atirava copos de água. Se a coisa fosse “bem-feita” até podia vir cântaro e água. Então era um “cruel” “ram-ram” com gritos de “serrar a velha...” “serrar minha avó...” até que a habitualmente simpática velhinha se “passasse” e ficasse sem gota da água que tanto lhe custara a trazer da fonte. E lá seguia a algazarra...

Não era “coisa” dos miúdos dos anos 50. Contava-me o meu Pai que, no “seu tempo” o Ti “Saías” atirava a tranca da porta e, depois, bem clamava para aquela doida garotada “Ai, rapazes, não me levem a minha tranca! Ai, rapazes, dêem-me a tranca da minha porta!!!”

Na essência, o “serrar a velha” era destinado a avós e madrinhas, mas se se descobrisse homem “capaz de levar à certa”... este não teria maneira de escapar à assuada dos gaiatos, que não o deixavam enquanto não o fizessem “passar do sério”. Se bem lembro... o “Tonho Caleco” não foi casado nem teve filhos e era “vítima” certa e sabida daquele dia de “brincadeira” quase sem sentido. Sim, o “desde quando?” e o “porquê?” é que eu nunca os descobri...

“Não há gaiatos maus”, garantiu o Padre Américo.

Não há garotos “bons”, pois “garoto que não dá pedrada num gato... não é garoto” - garantia, numa gargalhada, o meu Pai.

O “serrar da velha” terminava com o anoitecer. O toque das Ave Marias tinha toda a força do “recolher obrigatório”.

Cada um levava, atrás de si, a “lata” que juntara, agora já sem força nem efeito. Para meter em qualquer canto.

Quem sabe se para usar dali a um ano...

A CAMINHO DA SENHORA DO INCENSO

As tristezas e jejuns da Quaresma haviam passado. As agonias da Semana Santa, em solidariedade cristã com as dores da Paixão do Senhor estavam quase a terminar. A meia-noite aproximava-se.

Demasiado vagarosa para quem a ansiara durante 7 semanas.

A claridade da Lua Cheia era bastante naquela agradável noite de abril de uma Primavera que enchera já os campos de cores e odores e que o cuco anunciara, alegremente, desde o mês que passara.

As lanternas, os candeeiros, as pinhas e as velas davam uma ajuda e os que chegavam iam-se reconhecendo e cumprimentando.

Aproximava-se um dos momentos mais intensos da vida desta Aldeia. A meia-noite de Sábado Santo estava quase “a cair” e o Povo acotovelava-se, no adro da sua igreja, com a banda filarmónica, aguardando, com impaciência, as doze badaladas. Ei-las que batem: 1... 2... 3... 4...12!!!

Um morteiro rasga o céu...Pum!!!

Os sinos repicam, festivamente, a banda desata a tocar e o Povo parte dali, anunciando a Ressurreição de Jesus, cantando as suas “Alvíssaras”.

Durante uma hora são percorridas as ruas do povoado, de capela em capela, até voltar junto da sua igreja paroquial. “Aleluia, Aleluia, / Aleluia do prazer/ Já Cristo ressuscitou/ Para nunca mais morrer” ou “Levante-se, senhor prior/ Levante-se não durma tanto/ Nós já vimos da igreja/ Vamos para o Espírito Santo”. Povo maroto. Mesmo no canto religioso nunca deixa a alfinetada...

É o regresso a casa. A noite vai ser curta. A azáfama do almoço de Domingo de Páscoa. As “boas festas” da visita pascal. A merenda para a Senhora do Incenso.

Enfim! Um rodopio, a sobrar para as “donas de casa”. A garotada lá andou pelas casas dos padrinhos e dos avós, à procura de uma amêndoa, um doce ou uma bica.

Naqueles tempos tudo era de aproveitar.

Até uma moedinha. Que sorte!

A madrugada fora de cantares de rouxinol, numa noite ainda iluminada pela Lua a caminho do mingunte. Toca a saltar da cama, que a caminhada é longa, quase duas horas a pé, por atalhos enlameados e a pular as poldras das ribeiras. A das Taliscas vá que não vá. Mas a da Ceife a meter respeito.



Não raro o banho que não se deseja. Todo o cuidado é pouco. A azáfama da véspera fora mais que muita.

As burras, que alguns afortunados montarão, mereceram mantas de trapos novas, às vezes uma colcha, nas albardas escovadas.

Há cabrestos enfeitados com as flores que cobrem os campos ainda não lavrados ou que os gados ainda não pastaram.

Normalmente alecrim ou rosmaninho, às vezes uma rosa. Que luxo! Não, não era como agora, flores aos milhões, nos baldios abandonados.

Então, cada canto de terra era tratado com carinho.

Dali ia depender o passar fome ou não. Muitas vezes nem assim se arranjava com que enganar o estômago. Mas voltemos à festa.

A Aldeia tinha então muitos e muitos habitantes. Pelas nove horas de segunda-feira de Páscoa, no largo da fonte, iam-se juntando os mais madrugadores.

Sem grandes combinações nem esquisitices.

Quando o grupo parecia bastante, havia sempre um que dizia “Vamos?” “Vamos...”, era a resposta pronta.

E, assim, sucessivamente, não podendo haver grandes atrasos, pois a Missa era “pelo meio-dia”.

Ponto assente: mesmo os que chegassem primeiro, deviam esperar pelos últimos, à entrada do recinto, para se cantarem as alvíssaras a Nossa Senhora.

Com a banda, se calhasse, com os adufes, de certeza.

“Dai-me as alvíssaras, Senhora/ que as estou a merecer/ Ressuscitou vosso filho/ Para nunca mais morrer” ou “Ó Virgem Mãe do Incenso/ Quem vos varreu o terreiro/ Foi o ranquinho d’Aldeia/ Com raminhos de loureiro”... Ranchinho d’Aldeia, das Águas, da Meimoa, do Pedrógão, do Vale...

Era assim. Uma festa!!!

Lembro-me de uma Missa Solene celebrada dentro da capela. Apinhada. Quase ia sufocando. Sem condições, pois a grande maioria ficava no vasto recinto, com pouca ou nenhuma atenção, mau grado os enormes altifalantes, em forma de sino.

Depois, o bom senso, foi obrigando a que se fizesse a Missa campal. Para bem de todos.

Do próprio objetivo da festa religiosa. Belos sermões lá ouvi.

Os mais lembrados do Padre César Fatela, que não ficava satisfeito enquanto não fizesse chorar todas (ou quase todas) as Mães.

Os Pais era mais difícil... Coração duro? Não, “um homem não chora”. Seguia-se a procissão, banda filarmónica afinada, foguetes a estoirar.

Um deslumbramento para a rapaziada e garotada daquele tempo. Lenços a acenar, uma última descarga de fogo – para “o recolher” – a banda a tocar, lágrimas a cair entre cânticos que saíam de gargantas apertadas e a imagem da Senhora do Incenso a entrar, devagarinho, na sua morada, assim acabava a procissão...

Passadas as emoções da alma e enquanto se enxugavam ainda as lágrimas mais teimosas, havia que olhar em frente e retemperar as forças despendidas na caminhada e na celebração.

Dar de comer ao corpo.

Não havia oliveira em redor do recinto que não tivesse dois ou três burros amarrados. Um ou outro cavalo fazia o dono felizando ímpar de vaidade.

Nos ramos das árvores havia alforjes dependurados, cabazes, cestos, bolsas. De pano. O plástico ainda não tomara conta das vidas de cada um.

Aqui e além uma ou outra carroça. Os automóveis, há 60 anos, eram poucos.

Os carros de aluguer do Araújo e do Zé “Paxá”, de Penamacor, continuavam, numa roda viva, levando e trazendo gente de mais posses.

As camionetas do “Martins Évora”, que, durante a manhã, apinhadas até não se poder respirar, transportando os afortunados que podiam pagar 3,5 escudos por cabeça, descansavam, na beira da estrada, à sombra das matas da quinta do dr. Elvas.

Havia alegria no ar.

A festa ia continuar. Melhor, para alguns ia começar...

Num instante, famílias e amigos escolhem o lugar que lhes convém, uns dentro e outros fora do recinto, pois espaço é o que não falta.

As mantas estendem-se na farta relva de uma Primavera que promete.

Toalhas que só servem nestas ocasiões, aparecem, como por encanto, manipuladas por quem sabe e quem ama. Tarefa para esposas e mães. É um mundo seu, onde o homem não tem lugar.

Estender a merenda!!! Ah! os homens, de garrafão na mão, vão já dando uns aos outros o copo do tinto tratado com carinho para ocasiões destas. “Prova lá deste?” “É bom, mas não ganha ao meu!!!” “Toma...”

É um encanto. O galo que ainda cantara Sexta-Feira Santa está ali ao alcance de dentes vorazes e muito apetite.

O salpicão. Os pastéis de bacalhau. O queijo e as azeitonas. O cabrito ou o borrego, no forno. De lenha. Da Aldeia. O pão alvo, cozido com os borrachões, os biscoitos, os esquecidos, o pão-de-ló, os bolos de leite, em Sábado de Aleluia! Um arroz de galinha de comer e chorar por mais... As bicas de azeite!



Ah! A grande surpresa, a saladinha verde, comida pela primeira vez neste ano – ainda não havia os supermercados que “mataram” este encanto! – com as alfaces a serem acompanhadas, com carinho, a tapar e a destapar, não fosse a geada “queimá-las” numa noite de travessuras. Desde fevereiro!!!

E ainda as pataniscas de bacalhau, o esparregado, os ovos verdes... eu sei lá.

Um milagre que só as mulheres e mães conseguiam fazer, à imitação de Maria, ali venerada.

Trabalhar nos campos, arrumar a casa para as festas pascais, preparar roupas, aturar e tratar os filhos - e o marido!!! - a agora apresentar ali aquele banquete era mesmo um prodígio.

Já disse, noutras ocasiões que os tempos não eram fáceis, mas “um dia não são dias”...

As amarguras viriam depois. E este teria de ser a valer por um ano de sacrifícios e renúncias.

Bem comidos e melhor bebidos, era a vez de se andar a provar da vizinhança, se a confiança dava para isso. “Ó António, prova-me este paio!!!” “A minha Maria tem cá uma mão...” “Tá bom, tá...” E não se atrevia a acrescentar, “Mas o da minha Carminha está melhor...” “O silêncio é de ouro” e já havia muitos garrafões vazios... Era o que faltava “estragar a festa” a contrariar “basófias”...



O sol não parava e já brilhava para os lados da Gardunha. Havia que apressar.

Levantar restos e loiças. Dobrar toalhas e mantas. Meter tudo no sítio.

Era ainda preciso ir “às tendas”. Umas amêndoas para os gaiatos – “cuidado que as do ano passado eram só farinha!” – uns “rosários” de pinhões – “nunca dê logo o que te pedem, senão és enganada” – um carrito de lata ou de madeira para as crianças – “coitadinhos, só brincam com aquilo que fazem de cortiça ou de madeira” – uma “caravela” para a garota – “há tanto tempo que anda a pedir-ma”... Há ainda ranchos que vão tocando adufes e cantando alvíssaras à volta da capela. A banda filarmónica dá voltas ao arraial. O povo gosta.

De vez em quando, os foguetes rasgam o espaço e estoiram no ar, sempre apontados lá p’ra fora do recinto, “não vá o diabo tecê-las”...

Um ou outro garoto corre atrás das canas e abraça-as, no seu contentamento. Julga ter-lhe saído a sorte, encontrando uma bomba que não estoizou. Que pode ser a sua desgraça...

Entardece. Grupos passeiam e cumprimentam-se. Da mesma Aldeia. Da Vila. De outras aldeias. Desejam-se “boas festas” uns aos outros e exclamam-se aleluias! É preciso regressar. A tarde esvai-se, serena e acolhedora. Não viera a chuva prometida. “Hoje não, Mãe Santíssima, amanhã”...

Uma entrada última na capela para mais um agradecimento. Um pedido. Uma vela. Uma “esmola”... Aperta-se o coração, na hora da despedida. Uma lágrima furtiva. Entregam-se àquela Senhora os sonhos, os filhos, o casamento, os trabalhos... A vida.

Confiadamente!

Está dada a partida. Cestos à cabeça. Garrações nas mãos. Alforjes dos animais de carga e abarrotar. O passo tem de ser apressado.

A chegada ao destino terá de ser “com luz”. Por causa dos miúdos. “Mãe, quero colo” - chora um mais pequeno. “Deixa, que eu levo-o às cavalitas”. Ora, o “venho da festa” tem que se lhe diga. Só quem experimentou!!!

Já os pés tropeçam e os joelhos incham quando se entra na Aldeia. Há tão só forças para cantar as alvíssaras a Nossa Senhora da Graça. Que é a “nossa”.

Depois, soturnamente, cada um regressa ao seu poiso.

Descalçar e meter os pés em água salgada. “P’ra que é que eu fui levar os sapatos novos?!” “Eu bem te avisei!!!” Não há resposta.

Sem forças, comem-se restos. Depois, cada um se mete na cama e adormece. Com sono. De cansaço.

Amanhã, de novo, o confronto com a realidade. Pouco divertida. Quase sempre injusta!

AS VINDIMAS, HÁ MUITOS ANOS...

As aulas só reabriam em outubro.

A Aldeia estava a cheia como um ovo, de noite e de dia era um reboleio. Crianças e jovens aos molhos, adultos vindos daqui e dali a passarem parte ou a totalidade das suas férias quase sempre em casa dos pais e avós.

Comiam do que a terra dava, um movimento maior nas mercearias, e ajudavam nas muitas tarefas campestres, a maior das quais, nesta altura, a da Vindima.

Marcadas pelo calendário religioso, ainda as alterações climáticas não se faziam sentir, as Vindimas tinham de acontecer, entre a Senhora da Graça (8) e o São Miguel (29).

Era um desassossego, primeiro nas casas grandes, que podiam pagar “o jornal”, depois na cooperação entre os mais pobres, hoje, na minha, amanhã na tua vinha.

Dornas em cima dos carros de vacas, quase sempre uma, por vezes duas, todas as vasilhas disponíveis mobilizadas - alguidares, baldes e caldeiros de lata, cestos e cestas de verga de toda a espécie, tamanho e feitio (o plástico estava para ser inventado) por todos os nossos campos se ouvia o alegre cantar e vozeir, no desempenho do trabalho mais divertido e alegre do ano agrícola.

Nem os “papa-figos” se ficavam pelo povoado... Ai! Não!...

Lá na vinha começara o alarido, não sem que antes alguém espreitasse as videiras, em busca das melhores uvas para serem dependuradas nas despensas das casas ricas e, nas de alguns pobres menos pobres, no teto da sala, do quarto e até da loja para irem “matando desejos” até aos Santos, quem sabe se até ao Natal, se o desejo ou a fome o permitissem...

Tesouras, facas, navalhas, em mãos calosas, faziam o corte dos belos e doces cachos que haviam de ser despejados nas dornas, onde uma Criança (ou duas) pisava, pisava para que coubessem mais e mais uvas e se apurava o primeiro mosto para se fazer a tão apreciada jeropiga, a bebida fina das casas de então.

Não tardava que os carros se comesçassem a caminhar para o povoado, em direção aos pios de granito, para as dornas serem despejadas e as uvas esmagadas mais e mais por homens descalços, calças arregaçadas, também noite fora - o tempo urgia - até que não ficasse um bago por esborrachar!

E assim dias, semanas, para trás e para a frente, cada vez mais videiras despidas, as folhas a amarelecer...

Nas ruas da Aldeia sentiam-se os cheiros dos mostos a fermentar, depois tirados dos pios e a encherem pipas e tonéis.



Separados os bagaços, a “balsa”, aí vinha a ocasião de encher os alambiques, lumes acesos por baixo das enormes “alguitarrras” e o fio das aguardentes a encher garrações e garrações de “branquinha” que podia ser o lucro de uns e a desgraça de tantos.

O cheiro misturado de mostos, bagaços e aguardentes desinfetava ainda mais os límpidos ares do Povoado?!

A festa de São Miguel, a festa das colheitas, era um momento solene e feliz desta nossa Aldeia! Ainda tanta gente nossa e da vizinhança estrada acima, estrada abaixo, a Banda a tocar, foguetes no ar, as ofertas do “ramo” e o pregoeiro a gritar “quem dá mais?! quem dá mais?!”

Já o Sol se escondera atrás do horizonte e o cântico tão desejado quanto dolorido de fim de festa “Ó meu Senhor São Miguel/ Estais viradinho p’rá Serra...” era cantado por todo o Povo, gargantas afinadas, em comunhão com a Banda!

Num “até p’ró ano, se Deus quiser” a São Miguel, falando com seus botões, à luz das estrelas, cada um regressa a casa que amanhã seria dia de trabalho e este “dia santo” havia de ser pago com mais esforço...

A debandada, que começara com o aproximar do fim do mês, vai de completar-se depois. As aulas, nos Liceus, começariam logo no dia 1 de outubro, as escolas primárias no dia 7 e os “papa-figos” tinham de partir.

Só que, naquele tempo, a Aldeia havia de continuar cheia, quase 100 Crianças nas Escolas Primárias! Masculina e feminina...

Fui passando, dando conta dos meus estados de
alma, relatando para a página o que vi, ouvi,
saboreei, senti e cheirei ao longo de uma vida que
já vai longa: angústias e alegrias, medos e
fanfarronices, lazeres e trabalhos...

Falei da minha vida, da minha Aldeia e da minha
Beira, enfim, daquilo que amei... mesmo que já
não possa ver.

Acredito em Deus, nosso Pai e, por isso, creio que
todos somos irmãos.

Tento portar-me bem, raramente o conseguindo,
a preceito...

Prof. António Almeida Serrano

